



PARLAMENTO DO
MERCOSUL

- Representação Brasileira -

CLIPPING Especial - Notícias

Eleições - Venezuela

Edição e Seleção

Fernando Leão

Yana Pimenta

Sumário

Internacional.....	6
Pela primeira vez desde a internação de Chávez, Patriota viaja à Venezuela.....	6
Internacional.....	7
Venezuela defende desvalorização da moeda para barrar alta de preços; oposição crítica	7
El Mundo	8
Venezuela: empresarios piden al gobierno dólares para poder importar	8
Nacional & Política	10
Maduro asegura que vendrán más ajustes económicos	10
Opinião.....	11
Venezuela y el retroceso de la democracia	11
Internacional.....	13
Chávez volta de surpresa à Venezuela e seguirá tratamento em Caracas	13
Mundo	15
Tribunal avalia dar posse a Chávez mesmo no hospital	15
Mundo	16
Posse de Chávez no hospital seria novo "atropelo" da Constituição, diz advogado	17
Mundo	19
Caracas não decretará ausência nem marcará posse, diz ministro.....	19
Internacional.....	21
Incertezas sobre Chávez antecipam campanha eleitoral	21
Internacional.....	23

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Ajuste econômico e inflação dividem oposição a Chávez	23
Revolução Bolivariana em xeque.....	25
Tempo de mudanças	27
Mundo.....	29
Chávez se via como figura de transição na história do país.....	29
Análise: Vendida como o martírio do líder, agonia final dará força a Maduro	32
Radar Global	34
Morre o presidente venezuelano Hugo Chávez.....	34
'Perdemos um amigo do Brasil', diz Dilma	35
Após anunciar morte do líder, Maduro recebe apoio da cúpula do Exército.....	37
Internacional.....	39
Morte abre disputa pelo poder na Venezuela	39
Ajuste na economia será desafio para Maduro.....	40
O legado de Chávez.....	41
Mundo.....	43
Maduro assume, e Venezuela terá eleições em 30 dias, diz chanceler	44
O que diz a Constituição sobre a sucessão de Chávez	45
Mundo.....	46
Missão é eleger chavista, diz chefe militar	46
O legado de Chávez.....	47
Internacional.....	50
Planalto avalia que mudança não afetará empresas brasileiras	50
Mundo.....	51
Influência do Brasil na América Latina pode aumentar após morte de Chávez	52
O legado de Chávez: os prós e os contras.....	54
Maduro asumió la presidencia	58
Mundo.....	61
Desde el veto al ALCA, hasta el ingreso al Mercosur, Chávez potenció el rol de Venezuela en la región	61
Internacional.....	62
Comando chavista adverte a imprensa	62
Internacional.....	64
Líder legislativo anuncia sessão sobre sucessão.....	65
Internacional.....	66
PIB e importações da Venezuela devem sofrer forte freada.....	66
Internacional.....	67
Dilma tenta evitar atraso na adesão da Venezuela	68
Mundo.....	69

Maduro e Capriles abrem disputa para eleições na Venezuela.....	69
Mundo.....	71
Con la muerte de Chávez, en el Mercosur "nada va a cambiar"	71
Nacional	72
Gobierno reafirma visión crítica del Mercosur: está "aletargado"	72
Opinião.....	75
Chávez e o futuro do chavismo.....	75
Mundo.....	77
Venezuela designó a su representante permanente ante el Mercosur	77
Siete candidatos se disputarán la sucesión de Hugo Chávez	78
Opinião.....	79
Constituição venezuelana em frangalhos.....	79
Opinião.....	81
Estratégia correta no trato com a nova Venezuela	81
Editorial: Cem dias de Maduro	83
Campanha eleitoral na Venezuela começa oficialmente	84
Nacionais	85
Unasur sitúa a Venezuela en la vanguardia regional por confiabilidad del CNE.....	85
Venezuela: Maduro e Capriles prometem respeitar resultado	87
Internacional.....	88
Unasul enviará missão para acompanhar eleições na Venezuela	88
Opinión.....	89
Cinco escenarios en Venezuela, casi todos malos.....	89
Processo eleitoral venezuelano demonstra maturidade, avalia representante do Mercosul	91
Mundo.....	92
Eleição deverá afetar política internacional venezuelana.....	92
Internacional.....	93
Reorganizar um país, a difícil tarefa do sucessor de Chávez.....	94
O processo de recontagem dos votos pedido por Capriles na Venezuela.....	96
Mundo.....	97
Los desafíos para el próximo gobierno	97
Internacionales.....	99
Maduro se adjudica victoria por muy estrecho margen, en medio de dudas.....	99
Mundo.....	101
No habrá recuento de los votos en Venezuela, aseguró Wilfredo Penco.....	101
Unasur insta a respetar resultados de las elecciones en Venezuela	102
Política	103
Dilma: País não tem dúvida sobre eleição na Venezuela	103

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Secretário-geral da OEA apoia pedido de recontagem de votos na Venezuela.....	104
Eleito passa a ser questionado no próprio chavismo.....	105
Análise: Ação de Capriles põe seu capital político em jogo.....	106
Opinião.....	107
Editorial: Venezuela dividida.....	107
Latinoamérica	108
ALBA y Mercosur expresaron su respaldo al Presidente electo de Venezuela.....	108
Internacional.....	109
Maduro poderá enfrentar dificuldades para implementar reformas na Venezuela, avalia diretor da FGV.....	110
Mundo.....	111
Violentas protestas agitan Venezuela	111
Mundo.....	114
Niegan la palabra a los diputados que no reconozcan el triunfo de Maduro	114
Internacional.....	115
Crise política na Venezuela faz Unasul convocar reunião de emergência.....	115
Internacional.....	116
Justiça da Venezuela diz que recontagem manual de votos é impossível	116
Reação externa isola oposição na Venezuela	117
Maduro toma posse após semana tensa na Venezuela	119
Política	120
Contundente respaldo de los presidentes de la Unasur a Maduro.....	120
Mundo.....	122
Maduro asume hoy la presidencia pese al rechazo de la oposición	122
Multipolaridad	124
Presidente Maduro manifiesta su deseo de restablecer relaciones con Paraguay	124
Mundo.....	125
Eleição paraguaia ajuda Venezuela no Mercosul	125
Internacional.....	126
Capriles critica auditoria e diz que esgotará recursos	126
Mundo.....	128
O silêncio cúmplice dos governos do Mercosul.....	128
Brasil	129
Venezuela no Mercosul é decisão pétrea, diz Marco Aurélio	129
Mundo.....	130
Oposición venezolana impugna resultados electorales en clima de tensión	131
O que fará Nicolás Maduro no Brasil	133
Presidente da Venezuela confirma visitas ao Brasil, Uruguai e à Argentina	135

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Dilma e Maduro deverão conversar sobre a suspensão do Paraguai do Mercosul	136
Maduro busca apoio de Mercosul em meio a tensão com EUA	137
Mundo	140
Maduro: "Venimos a ratificar el horizonte unitario de Sudamérica"	140
Politica	142
Venezuela dice que dinamizará a un Mercosur que "tiene que cambiar"	142
Economía	144
Presidencia pro t��pore de Venezuela en Mercosur permitirá segundo ciclo de expansión comercial	144
Mundo	145
Mercosur: piden tratar la suspensión de Venezuela	146
Convocan al PARLASUR para acelerar ingreso de Paraguay al MERCOSUR y suspender a Venezuela	147

08/02/2013

Internacional

Pela primeira vez desde a internação de Chávez, Patriota viaja à Venezuela

Renata Giraldi

Repórter da Agência Brasil

Brasília – O ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota, viaja hoje (8) à noite para Caracas, na Venezuela, onde passa o sábado (9). É a primeira visita de Patriota ao país desde a internação do presidente Hugo Chávez em Havana (Cuba) para tratamento de combate ao câncer. Patriota tem reuniões com o novo ministro das Relações Exteriores da Venezuela, Elías José Jaua Milano.

Em comunicado, o Itamaraty, informou que "a relação com a Venezuela é prioritária para o Brasil. Existem diversas e inovadoras linhas de cooperação bilateral, o comércio é sólido e apresenta trajetória ascendente nos últimos anos, o intercâmbio político é intenso, marcado por constantes visitas de altas autoridades".

De acordo com o Itamaraty, Patriota e Jaua vão analisar uma série de temas da agenda bilateral e regional, com ênfase na incorporação da Venezuela ao Mercosul – que ocorreu no ano passado. Estarão em discussão projetos de desenvolvimento social, tecnológico e de integração produtiva.

Há ainda perspectivas de ampliação da cooperação em áreas como agricultura familiar, biotecnologia, TV digital, sistemas bancários, segurança pública, combate ao narcotráfico e ilícitos internacionais.

Segundo o governo brasileiro, a Venezuela é um dos principais parceiros comerciais do Brasil na América do Sul. Em 2012, as exportações brasileiras para a Venezuela cresceram 10% em relação ao ano anterior, e o intercâmbio comercial alcançou o recorde de US\$ 6,05 bilhões. Na Venezuela, há várias iniciativas de cooperação do Brasil, marcadas pela presença de organismos como a Caixa Econômica Federal e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Também atuam na Venezuela empresas brasileiras, como as construtoras Andrade Gutierrez, Camargo Corrêa, Odebrecht e Queiroz Galvão, responsáveis por obras de valor superior a US\$ 20 bilhões.

Edição: Graça Adjuto

Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-02-08/pela-primeira-vez-desde-internacao-de-chavez-patriota-viaja-venezuela>

15/02/2013

Internacional

Venezuela defende desvalorização da moeda para barrar alta de preços; oposição critica

Leandra Felipe*

Correspondente da EBC

Bogotá - Após o anúncio de desvalorização de 46,5% da moeda venezuelana (bolívar) em relação ao dólar na semana passada, a oposição no país diz temer uma disparada na inflação, como efeito da medida. O vice-presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, rejeitou hoje (14) as críticas da oposição e disse que as "ações econômicas são necessárias justamente para frear o ataque especulativo contra a moeda", o que, segundo ele, já estava ocorrendo.

"Queremos impedir o ataque contra a moeda, contra os preços dos produtos. Lutamos contra o desabastecimento induzido por setores perversos da direita econômica", declarou Maduro, durante uma visita à uma fábrica de alimentos em Maracaibo, estado de Zulia, no Oeste do país.

Segundo o vice-presidente, as ações vão beneficiar a economia para equilibrar e permitir um crescimento mínimo de 6% este ano. O risco de aumento da inflação por causa das medidas econômicas foi lembrado hoje pela manhã pelo líder da oposição e governador do estado de Miranda, Henrique Capriles. A atual cotação é 6,30 bolívares por dólar americano.

Capriles pediu, via Twitter e em entrevistas, que o governo venezuelano "freie o pacote econômico". "Não há como chegar ao governo, desvalorizando nossa moeda. Temos que gerar confiança no país, atrair investimentos e deixar de presentear outros países com petróleo", atacou o opositor.

O ministro das Relações Exteriores, Elías Jaua, também respondeu às críticas de Capriles, em um tom mais "político". Segundo Jaua, não há riscos da inflação disparar porque "os pacotes econômicos neoliberais ficaram no passado, desde que o presidente Hugo Chávez foi eleito, em 1998".

* Com informações da Agência Venezuelana de Notícias (AVN)

Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-02-14/venezuela-defende-desvalorizacao-da-moeda-para-barrar-alta-de-precos-oposicao-critica>

El Mundo

Venezuela: empresarios piden al gobierno dólares para poder importar

Antes de la devaluación, accedían a un dólar intemedio a través del Banco Central; ahora no tienen ningún sistema para hacerse de divisas extranjeras

Los empresarios venezolanos le pidieron hoy al gobierno de Hugo Chávez abrir una fuente alternativa para acceder a divisas extranjeras, más precisamente dólares, luego de la entrada en vigencia de la devaluación del bolívar y la clausura de un sistema complementario de venta de billetes verdes o euros.

Venezuela anunció el viernes una devaluación del 46,5 por ciento y el término de un sistema secundario de venta de divisas administrado por el Banco Central, llamado Sitme, al que acudían importadores e industriales para obtener moneda extranjera en medio de un control cambiario que acumula una década.

El dólar controlado en el país petrolero pasó a valer 6,3 bolívars, desde 4,3 bolívars, mientras que desapareció la divisa otorgada por el Sitme que costaba 5,3 bolívars. El Gobierno no anunció un sustituto para el mecanismo, que según industriales abastecía un 20 por ciento de sus divisas.

"Requerimos medidas sensatas como la despenalización del régimen cambiario. Si bien no tener un mercado único y libre, por lo menos sí la existencia de un mercado colateral", dijo Jorge Botti, presidente de Fedecámaras, la mayor asociación empresarial privada del país.

El Sitme, que se alimentaba a partir de la venta de bonos de deuda venezolana emitidos en dólares con altos cupones de hasta 12,5 por ciento, se volvió un lastre para la potencia petrolera.

En medio de una menor liquidación de dólares en ese sistema y grandes retrasos para importar a través de la Comisión de Administración de Divisas (Cadivi) en los últimos meses, el precio de los billetes verdes en el mercado paralelo e ilegal llegó a cuadruplicar el valor oficial.

Botti agregó que, aunque prevén un mayor flujo de divisas para la economía tras la devaluación, temen que los dólares a tipo controlado no sean suficientes para satisfacer el alto consumo de los venezolanos.

"Me temo que vamos a tener una caída muy importante de las estimaciones de crecimiento este año. Esta sería una devaluación de tipo contractivo, con muchísimas menos importaciones. Bajo

ningún concepto podríamos hablar de crecer 6 por ciento, más bien podríamos estar cercanos a cero ó 1 por ciento", observó. El pedido del gremio no fue bien recibido por el Gobierno.

El vicepresidente Nicolás Maduro, quien lleva las riendas del país mientras Chávez convalece en Cuba tras haber sido operado por un cáncer hace dos meses, replicó que los empresarios pueden seguir "chillando" por la medida.

"¡Fedecámaras siga hablando paja (tonterías) que aquí hay una clase obrera trabajando!", desdeñó Maduro tras las declaraciones de los empresarios.

Venezuela aumentó su nivel de importaciones en cerca de un 20 por ciento en 2012 cuando gastó en el exterior unos 57.000 millones de dólares, más de la mitad de su ingreso petrolero. Tanto el Gobierno como el empresariado concuerdan en que una jugosa tajada de ese monto fue sobrefacturado o se esfumó mediante operaciones de corrupción.

Para este año, el ministro de Finanzas, Jorge Giordani, ha dicho que esperan limitar el monto de las importaciones a unos 35.000 millones de dólares.

El Gobierno planificó un crecimiento económico cercano a un 6 por ciento, con una meta de inflación de entre 14 y 16 por ciento. No obstante, los precios ya acumulan una variación anualizada de 22 por ciento y el ajuste cambiario imprimirá mayor presión.

Sin remarcar precios

Ayer, cuando comenzó a aplicarse la devaluación, el gobierno advirtió a empresarios y comerciantes que se abstuvieran de remarcar al alza los precios y arreció la fiscalización con amenazas de cierres y multas contra "especuladores".

Las críticas a los ajustes cambiarios en Venezuela, que ha vivido cinco devaluaciones en una década, se habían limitado a los adversarios de Chávez, pero esta vez algunos sectores al interior del chavismo también han cuestionado la medida.

"Por mucho que chillen, la lucha es contra el ataque a la moneda y va a continuar. Controlando cada dólar que se dé", agregó Maduro, heredero político de Chávez. Por su parte, el representante del empresariado aseguró que no respaldarán "prácticas abusivas" en los comercios.

Botti agregó que calculan en unos 8800 millones los dólares solicitados durante el 2012 y que según el nuevo convenio cambiario deberán pagarse a una tasa de 4,3 bolívares por dólar.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Además, hay unos 12.000 millones de dólares en dividendos de trasnacionales por expatriar, detalló.

"Este retraso (en la asignación de divisas) no es nuevo, ya ocurrió antes y lo que se hizo fue priorizar las entregas de divisas. En tres meses se solventó 85 por ciento del retraso", dijo el presidente del Banco Central, Nelson Merentes, a la televisora privada Globovisión.

"Ahorita, las empresas con peticiones inferiores a 20 millones de dólares representan 80 por ciento de las solicitudes retrasadas, se puede solucionar de igual forma. Este año el Banco Central espera un mayor flujo de divisas, eso puede acelerar las liquidaciones rápidamente", agregó

Fuente: <http://www.lanacion.com.ar/1554744-venezuela-empresarios-piden-al-gobierno-dolares-para-poder-importar>

Nacional & Política

Maduro asegura que vendrán más ajustes económicos

El Vicepresidente arremetió contra Capriles y contra Fedecámaras

JUAN FRANCISCO ALONSO | EL UNIVERSAL

Tras asegurar que la devaluación del bolívar era necesaria "para atajar el ataque especulativo contra la moneda" y criticar a todo aquel que la ha cuestionado, el vicepresidente Nicolás Maduro advirtió que este no es el último ajuste económico que aplicará el Gobierno, sino que por el contrario se producirán otros en el futuro, aunque sin precisar cuáles serán ni cuándo los tomarán.

"Seguiremos con el combate contra la especulación, con fuerza y la ley en la mano, por mucho que chillen. (La lucha contra) el ataque contra la moneda y contra la economía popular va a continuar, con medidas diarias y acciones permanentes y productivas", afirmó durante una inspección a la planta de alimentos enlatados Planicie de Maracaibo.

Maduro arremetió contra el presidente de Fedecámaras, Jorge Botti, quien aseguró que la devaluación simplemente buscaba ayudarle al Gobierno a cuadrar sus cuentas; y no dudó en calificar a la organización empresarial como la "más dañina" que ha tenido el país en 70 años.

"Ahí salió el heredero directo de Pedro Carmona, el Presidente de Fedecámaras, a criticar la política de la Revolución y el Plan de la Patria (...) Fedecámaras es la organización que recoge a toda la burguesía parasitaria", aseveró el Vicepresidente, quien atribuyó los cuestionamientos de la patronal a que el control de cambios vigente de 2003 ha sido "un torniquete" para impedir la fuga de divisas.

Pese a que durante la pasada campaña presidencial el chavismo acusó al aspirante opositor Henrique Capriles de tener un "paquetazo oculto", entre cuyas medidas figuraba la devaluación, Maduro negó que el ajuste cambiario que ellos acaban de aplicar se pueda equiparar y aseguró que si Capriles hubiera ganado habría eliminado los subsidios a los alimentos.

Como buen alumno del presidente Chávez, el Vicepresidente echó mano de la teoría de la conspiración y aseguró que desde el Ejecutivo están observando el "inicio de la guerra económica contra la transición al socialismo".

Fonte: <http://www.eluniversal.com/nacional-y-politica/130215/maduro-asegura-que-vendran-mas-ajustes-economicos>

Opinião

Venezuela y el retroceso de la democracia

RUBÉN M. PERINA | EL UNIVERSAL

Hoy en Venezuela el régimen chavista viola flagrantemente su orden constitucional democrático y los compromisos regionales con la promoción y defensa colectiva de la democracia.

A Venezuela la gobierna un régimen autoritario, populista/asistencialista, centralizado en el Poder Ejecutivo y personalizado en la figura del caudillo Hugo Chávez, el líder mesiánico de la "revolución bolivariana". El régimen se mantiene en el poder gracias a una constante mayoría electoral del 54% más o menos, que lo ha entronizado en el poder desde 1998. Esta mayoría estado-dependiente la genera con demagogia, con un insostenible y turbio gasto público que financia las llamadas misiones de asistencia social, y con el abuso de los recursos del Estado, la propaganda oficial y el control y manipulación del sistema electoral que le dan un ventajismo electoral difícil de contrarrestar.

El régimen controla todos los poderes del Estado más las fuerzas armadas, las empresas del Estado, la mayoría de las gobernaciones, de los medios de comunicación y de las universidades del país. Se acosa y persigue a la prensa libre, y se denigra a la oposición política y jueces independientes, a quienes se los tilda de golpistas y sirvientes del "imperio". Su propósito es mantener un control absoluto del Estado y del pseudo-democrático proceso político/electoral, en función de una supuesta revolución socialista y anti-imperialista. (Son llamativas las similitudes con el régimen "strossnista" del Paraguay (1954-1989), con la diferencia que a la oposición se la tildaba de "comunista").

Pero el régimen está en crisis porque el comandante no apareció para juramentar e iniciar su cuarto período presidencial el 10 de enero pasado; se encuentra operado de cáncer e internado bajo control médico en Cuba, con un permiso de ausencia sin límites de la Asamblea Nacional, presidida por Diosdado Cabello (colega golpista del levantamiento militar contra Carlos Andrés Pérez en febrero de 1992). El régimen está acéfalo -aunque se pretende que Chávez se encuentra en "ejercicio de sus funciones".

Ante la falta de Chávez ¿cómo preservar el poder y el control del Estado?

Irónicamente, la tan mencionada Constitución bolivariana presentaba el principal obstáculo al régimen. El procedimiento a seguir para el juramento del Presidente electo es muy claro: Su artículo 231 establece que el Presidente electo "tomará posesión...el 10 de enero del primer año de su período constitucional..," y el 233 señala que "será falta absoluta" del Presidente su "incapacidad física...certificada por una junta médica designada por el Tribunal Supremo de Justicia..;" y que cuando "se produzca la falta absoluta del Presidente electo antes de tomar posesión, se procederá a una nueva elección..," y mientras "se elige y toma posesión el nuevo Presidente...se encargará de la Presidencia...el Presidente de la Asamblea Nacional...y se procederá a una nueva elección...dentro de los treinta días consecutivos siguientes".

La plana mayor del chavismo, con el "apoyo" de los hermanos Castro, supera el obstáculo "convenciendo" al Poder Judicial que emita una interpretación constitucional que garantice la continuidad del régimen, bajo Nicolás Maduro, a quien Chávez nombró Vicepresidente Ejecutivo y sucesor político, antes del 10 de enero.

Para sorpresa de nadie, el 9 de enero la Presidenta del Tribunal Supremo de Justicia, Luisa Estella Morales, anunció que "a pesar de que el 10 de enero próximo se inicia un nuevo período constitucional, no es necesaria una nueva toma de posesión", ya que Chávez es un "Presidente reelecto". La juramentación es un mero "formalismo" y hay "continuidad administrativa" porque "el presidente no es un nuevo presidente" y su gestión fue "aprobada por el soberano"; ni es necesario conformar una junta médica para determinar su capacidad física. La decisión busca darle un viso de legalidad a un comportamiento contrario a la Constitución.

Con esta retorcida interpretación, el régimen consuma su auto golpe y se mantiene en el poder, con el apoyo de las fuerzas armadas. El actual gobierno de Maduro es "de facto", e ilegítimo; nadie lo eligió. Ni él ni sus ministros fueron juramentados oficialmente. No cumple con la Constitución, porque de hacerlo Cabello tendría que asumir la Presidencia y llamar a elecciones en los próximos 30 días.

El autogolpe viola igualmente las cláusulas democráticas de la Celac, el Mercosur y la Unasur, así como la Carta Democrática Interamericana de la OEA, incluyendo el compromiso expreso de sus miembros de promover y defender colectivamente la democracia representativa. Pero lo curioso es que ningún país cuestiona o condena públicamente este agravio a la democracia. El embajador de Panamá en la OEA, Guillermo Cochez, lo intentó y fue destituido por su gobierno.

¿Qué ha pasado con los demócratas que condenaron el golpe de Honduras (2009) y, paradójicamente, la destitución legítima y constitucional de Lugo en Paraguay (2012)?

Me temo que esta indiferencia y pasividad ante la transgresión chavista en realidad nos está indicando un patrón de retroceso o abandono del compromiso regional con el ejercicio y la defensa de la democracia -más allá de la retórica, claro. Esto ya lo vimos en las violaciones a la Constitución y a la Carta Democrática del presidente Zelaya en Honduras, antes de su destitución; y en las manipulaciones constitucionales, parlamentarias y electorales perpetradas por Evo Morales en Bolivia y por Daniel Ortega en Nicaragua, para acceder a su reelección inmediata y mantenerse en el poder. Y la última señal de la alarmante erosión de ese compromiso es la elección del dictador Raúl Castro para presidir la Celac. ¡Vaya paladín de la democracia!

Profesor de las Universidades de Georgetown y George Washington

Fonte: <http://www.eluniversal.com/opinion/130215/venezuela-y-el-retroceso-de-la-democracia>

19/02/2013

Internacional

Chávez volta de surpresa à Venezuela e seguirá tratamento em Caracas

CARACAS - O Estado de S.Paulo

O presidente da Venezuela, Hugo Chávez, voltou ontem de maneira inesperada a Caracas depois de mais de dois meses internado em Havana, onde havia sido submetido a mais uma cirurgia para combater um câncer e se recuperava de complicações pós-operatórias. Assim que chegou, Chávez foi internado no hospital militar da capital venezuelana, onde prosseguirá o tratamento.

"Chegamos de novo à pátria venezuelana. Obrigado meu Deus! Obrigado povo amado! Aqui continuaremos o tratamento", anunciou Chávez em sua conta no Twitter. "Obrigado Fidel, Raúl e toda Cuba!"

Segundo o presidente da Assembleia Nacional, Diosdado Cabello, o avião de Chávez pousou em Caracas às 2h30 (4 horas em Brasília). Cabello disse que o presidente deu instruções sobre seu

retorno dois dias atrás. Sabendo do impacto causado pela volta, ele esperou chegar ao hospital militar para publicar as mensagens sobre seu retorno.

Também pelo Twitter, Jorge Arreaza, ministro da Ciência e Tecnologia e genro do presidente, confirmou que Chávez havia sido internado na capital. "Ele já se encontra em seu quarto no Hospital Militar Dr. Carlos Arvelo, em Caracas, disposto a continuar o tratamento."

O vice-presidente venezuelano, Nicolás Maduro, também comemorou a volta do líder bolivariano. "Um dia como hoje, 18 de fevereiro de 2013, temos felicidade absoluta, pois o comandante Chávez está aqui, na pátria venezuelana", afirmou Maduro em cadeia nacional. De acordo com ele, o presidente chegou acompanhado pelo irmão e governador do Estado de Barinas, Adán Chávez, por uma das filhas, Rosa Virginia, e por sua equipe de médicos.

Em entrevista à TV estatal VTV, a enfermeira Dubraska Mora, que trabalha no setor de emergência do hospital militar, garantiu que o presidente não estava entubado nem precisou de cadeiras de rodas. De acordo com ela, Chávez entrou no hospital caminhando.

Na sexta-feira, o governo venezuelano havia divulgado as primeiras imagens de Chávez após 69 dias de internação em Havana. Nas fotos, ele aparecia sorridente no hospital, ao lado de duas filhas e lendo a edição do jornal oficial cubano Granma do dia anterior.

Comemorações. Durante mais de dois meses, o presidente não foi visto. As únicas informações sobre seu estado de saúde eram dadas pelo governo venezuelano por meio de curtos boletins médicos. Segundo o último deles, divulgado na sexta-feira, Chávez respirava por uma cânula traqueal que dificultava temporariamente a fala e apresentava "certo grau" de insuficiência respiratória.

Vestidos de vermelho, os chavistas foram às ruas comemorar o retorno do presidente. Fogos de artifício foram ouvidos em alguns bairros de Caracas e centenas de pessoas concentraram-se na entrada do hospital militar, onde foi estendida uma grande faixa com o rosto do líder bolivariano.

"Amo o presidente com toda a minha alma. Agradeço a Deus por tê-lo trazido de volta para mim", disse Alexandra Vilorio, de 43 anos, que segurava um boneco de Chávez diante do hospital.

Henrique Capriles, candidato derrotado por Chávez nas eleições de outubro, foi um dos poucos opositores a falar sobre a volta. Ele deu boas-vindas ao presidente, mas criticou Maduro e outros ministros, a quem acusa de negligenciar vários problemas da Venezuela durante a ausência de

Chávez. "Espero que o retorno do presidente signifique que Maduro e os ministros trabalhem. Há milhares de problemas para resolver", afirmou Capriles.

/ REUTERS, AFP e AP

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,chavez-volta-de-surpresa-a-venezuela-e-seguira-tratamento-em-caracas-,998668,0.htm>

21/02/2013

Mundo

Tribunal avalia dar posse a Chávez mesmo no hospital

Isabel Fleck, Enviada especial a Caracas

O Tribunal Supremo de Justiça (TSJ) da Venezuela está pronto para empossar o presidente Hugo Chávez para seu novo mandato a qualquer momento.

A cerimônia poderia ser privada, no próprio hospital militar de Caracas, onde o bolivariano estaria internado desde a madrugada da última segunda-feira.

A informação foi dada à Folha por um alto funcionário do tribunal. A Corte espera realizar a posse na presença de seus 32 magistrados, mas a decisão final sobre a cerimônia será de Chávez.

"O presidente pode dizer que quer um juramento privado, com um grupo menor, e então poderá fazê-lo. O tribunal está pronto para empossá-lo", disse a fonte.

Chávez, que foi reeleito em outubro, deveria ter feito seu juramento ante a Assembleia Nacional em 10 de janeiro, segundo prevê a Constituição.

Como o presidente estava internado em Cuba após complicações decorrentes da quarta cirurgia oncológica, o TSJ --dominado por juízes alinhados ao chavismo-- deu seu aval ao plano do governo de adiar indefinidamente a cerimônia de posse.

A assessoria do Palácio Miraflores diz não haver previsão de data para que Chávez faça seu juramento.

Para o advogado constitucionalista Gustavo Tarre, no entanto, uma posse no hospital seria mais um "atropelo" do TSJ à Constituição. "Tudo é possível, porque o tribunal não tem nenhum respeito pela Constituição e resolve o que politicamente lhe parece mais conveniente."

"Do ponto de vista da formalidade, a oposição poderia pedir a nulidade do ato [ante o TSJ], mas todos sabemos qual seria o resultado."

BAIXARIAS

Em meio às dúvidas sobre se o presidente teria voltado mesmo a Caracas, o vice-presidente Nicolás Maduro disse ontem, em discurso pela TV, que o próprio Chávez planejou seu retorno e decidiu anunciar pelo Twitter para "silenciar rumores" sobre seu estado de saúde.

"Bom, companheiro, acho que chegou o momento de voltar à pátria e continuar os tratamentos complementares na Venezuela (...) Vamos preparar tudo, chegar de madrugada e eu [Chávez], pelo Twitter, anuncio minha volta", disse Maduro, parafraseando o presidente.

No discurso, o vice ainda acusou os líderes da oposição de "baixarias" e de ter gestos "desumanos" sobre a saúde de Chávez desde sua volta, na última segunda-feira.

"Não houve um segundo em que os dirigentes derrotados, desta direita corrupta, não tenham dito alguma de suas maldades e baixarias."

Ainda não foi divulgada nenhuma imagem de Chávez no país, e a movimentação em frente ao hospital militar diminuiu consideravelmente nos últimos dois dias.

MORALES

Anteontem, o presidente da Bolívia, Evo Morales, esteve em Caracas e, ao contrário do que disseram anteriormente fontes do Ministério de Comunicação e Informação a jornalistas, não se encontrou com o venezuelano.

"Tentei visitá-lo, falamos com os médicos. Mas está repousando, em tratamento. Não pude vê-lo", disse Morales ontem, em Nova York.

Fonte:

<http://www.mipais.com.uy/prensa/verNoticia.php?&usr=parlmercosur5&acc=7253724&pid=TEctMTk0MjgyLUIOLTixLzAyLzIwMTM=>

Mundo

Posse de Chávez no hospital seria novo "atropelo" da Constituição, diz advogado

ISABEL FLECK

ENVIADA ESPECIAL A CARACAS

Uma posse de Hugo Chávez para seu novo mandato no hospital não está sendo descartada pelo TSJ (Tribunal Supremo de Justiça) da Venezuela, mas seria mais um "atropelo" sobre a Constituição do país, diz o advogado constitucionalista Gustavo Tarre.

Para o especialista venezuelano, apesar de haver a possibilidade de contestar uma cerimônia de posse privada e fora do tribunal, ela teria de ser feita ante o mesmo tribunal que tomou a decisão de adiar indefinidamente a posse.

"O problema se dá quando a separação de poderes não funciona: não há quem controle o governo, e assim ele faz o que quer."

Chávez deveria ter tomado posse para o novo mandato, para o qual foi eleito em outubro, em 10 de janeiro. Desde que o presidente anunciou sua volta a Caracas, na madrugada de segunda-feira, o tema voltou a ser discutido no país.

Leia abaixo a entrevista que Tarre concedeu à Folha.

FOLHA - Agora que Chávez voltou à Venezuela, quanto tempo ainda é possível esperar por sua posse?

Gustavo Tarre - Segundo a Constituição, o juramento e a posse de Chávez teriam que ter sido realizados em 10 de janeiro. Não há uma outra data prevista. O Tribunal Supremo de Justiça decidiu fazer algo diferente e, como consequência, em qualquer dia que quiserem, vão fazê-lo --o que já é contrário à Constituição.

Mas acredito que vão tratar de empossá-lo o mais rápido possível, porque há muitas dúvidas sobre a legalidade do governo de Maduro.

Há especulações de que a cerimônia de posse poderia ser feita no próprio hospital. É legal que se realize o juramento fora do TSJ?

Não é legal, mas o tribunal vai falar que é. O juramento deveria ser um ato público na Assembleia Nacional. A Constituição prevê que se houver algum inconveniente para reunir a Assembleia --e

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

não por causa do presidente--, pode ser realizado no Tribunal Supremo. Mas eu acredito que não será feito lá: vão transladar o tribunal ao hospital, o que seria mais um atropelo à Constituição. A interpretação do Tribunal Supremo é de que o governo tem permissão para fazer o quer, sem importar muito o que diz a Constituição.

Há alguma possibilidade de contestar esse ato de posse?

Só poderia se contestar ante o Tribunal Supremo, e o TSJ não vai se pronunciar ao contrário do que já decidiu. O problema se dá quando a separação de poderes não funciona: não há quem controle o governo, e assim ele faz o que quer.

Do ponto de vista da formalidade, a oposição poderia pedir a nulidade do ato [ante o tribunal], mas todos sabemos qual seria o resultado.

Para garantir o mínimo de legalidade, quem deveria estar presente nessa posse?

Normalmente ela se faz num ato público, principalmente com a presença dos meios de comunicação. Mas imagino que a farão numa cerimônia completamente privada e ninguém saberá realmente se houve ou não juramento.

Hoje, não há nenhum elemento que permita assegurar a situação que vivemos. Há uma imensa incerteza que se origina na falta de transparência. O povo tem que saber o que está acontecendo, e, na Venezuela, quase ninguém sabe o que está acontecendo.

O senhor acredita ser possível que o governo avise a população apenas depois de realizada a cerimônia de posse privada?

Tudo é possível, porque o Tribunal Supremo não tem nenhum respeito pela Constituição e resolve o que politicamente lhe parece mais conveniente.

Após a posse, a renúncia é uma opção plausível para Chávez?

Não acho que ele vá renunciar, porque daí o governo precisaria convocar uma eleição em 30 dias e, no chavismo, há uma preocupação grande com o resultado que Maduro produziu, no poder, como eventual candidato. Chávez pode fazer duas coisas: seguir como está, onde teoricamente tem todo o poder e, na prática, não tem nenhum, ou solicitar a ausência temporária, que, segundo a Constituição, seria por 90 dias prorrogáveis por mais 90. Essa é a maior expectativa agora: saber o que ele vai decidir.

Fonte:

<http://www.mipais.com.uy/prensa/verNoticia.php?&usr=parlmercosur5&acc=7253724&pid=TEctMTk0MjgxLUIOLTIxLzAyLzIwMTM=>

25/02/2013

Mundo

Caracas não decretará ausência nem marcará posse, diz ministro

Isabel Fleck

Enviada Especial a Caracas

Mesmo diante do quadro delicado de saúde do presidente Hugo Chávez, que está respirando com a ajuda de um tubo traqueal, o governo venezuelano segue não considerando declarar sua ausência temporária, que estabelece prazo máximo de seis meses, nem tem previsão de posse para o presidente.

Em entrevista à Folha, o ministro para Comunicação e Informação, Ernesto Villegas, disse que o próximo passo previsto pelo governo é apenas que o presidente "se recupere da doença".

Ele ainda rechaçou que haja qualquer discussão dentro do governo sobre a preparação de um sucessor de Chávez para disputar uma eventual eleição nos próximos meses. "O governo está preocupado em governar. É nisso que estamos trabalhando agora."

Há uma semana, Chávez voltou para Caracas depois de mais de dois meses em Cuba, onde se operou pela quarta vez de um câncer e teve complicações pós-cirúrgicas. Ele deveria ter tomado posse em 10 de janeiro, segundo a Constituição, mas o Tribunal Supremo de Justiça adiou indefinidamente seu juramento.

Segundo o governo, Chávez ainda enfrenta uma insuficiência respiratória, cuja "tendência não tem sido favorável".

Folha - Não é contraditório que, num mesmo dia, o chanceler diga que o estado de saúde de Chávez piorou e o vice anuncie que o presidente teve reuniões por mais de cinco horas?

Ernesto Villegas - Não há nenhuma contradição. Emitimos nesta semana um comunicado, no qual explicamos que há uma insuficiência respiratória, e que, lamentavelmente, ainda não está tendo uma evolução favorável. Na sexta, ele recebeu uma visita de sua equipe política, com a qual se comunicou pela via escrita. Mas não posso dar mais detalhes porque não participei da reunião.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Há uma previsão de quando o presidente Chávez tomará posse? Considera-se fazer o juramento no hospital?

Não há novidade nessa direção. O Tribunal [Supremo de Justiça] já se pronunciou sobre o tema, e o próximo passo é que o presidente continue se recuperando da doença. A única coisa que posso dizer é que o presidente está ocupado agora com sua saúde.

Mas, à medida que o tempo passa, a legitimidade do governo de Nicolás Maduro tem sido cada vez mais questionada...

As críticas não se justificam, porque esse é um governo de Chávez, não de Maduro. Todas as decisões passam por Chávez.

Além disso, em 15 de janeiro, os três governadores que a oposição conseguiu eleger, incluindo o ex-candidato à presidência, Henrique Capriles, participaram da primeira reunião do Conselho Federal de Governo, presidido pelo vice-presidente, e apertaram sua mão. Eles só fariam isso se considerassem o governo legítimo.

Até quando Chávez vai seguir comandando o país a partir do hospital? Não seria necessário declarar sua ausência temporária enquanto ele se recupera?

Isso não está sendo considerado. O presidente está se recuperando e, do hospital, tem trabalhado com a sua equipe de governo.

Como o governo vê a decisão da oposição de começar a escolher um candidato para uma nova eleição presidencial?

Bem, eles começaram esse debate, mas já ficou clara que sua união é precária. Não opino sobre a decisão de iniciar essas discussões, mas elas estão deixando evidente que há uma grande divisão entre eles.

O governo também já trabalha com a possibilidade de indicar em breve um nome para disputar a presidência nas urnas?

O governo está governando. E o governo está preocupado em governar. É nisso que estamos trabalhando agora.

Fonte:

<http://www.mipais.com.uy/prensa/verNoticia.php?usr=parlmercosur5&acc=2744141&pid=TEctMTk0NTk0LUJSLTI1LzAyLzIwMTM=>

Internacional

Incertezas sobre Chávez antecipam campanha eleitoral

Opositores pedem pressa na definição de candidato antichavista e governo aposta em aparições frequentes de Nicolás Maduro

ROBERTO LAMEIRINHAS , ENVIADO ESPECIAL / CARACAS - O Estado de S.Paulo

As recentes informações que sugerem uma piora no estado de saúde do presidente venezuelano, Hugo Chávez, acabaram precipitando a campanha para sua sucessão. Líderes da oposição intensificaram a pressão sobre a aliança Mesa da Unidade Democrática (MUD) para que defina rapidamente um candidato.

No mesmo sentido, o vice-presidente, Nicolás Maduro, designado por Chávez como seu sucessor, passa a ocupar cada vez mais os espaços da mídia em inaugurações e solenidades oficiais - na maioria das vezes, emulando gestos e repetindo frases que sempre caracterizaram o líder bolivariano.

Embora o governador do Estado de Miranda e candidato presidencial derrotado por Chávez em 7 de outubro, Henrique Capriles, se profile como o nome natural da MUD, o prefeito de Caracas, Antonio Ledezma, cobrou, durante um ato político no sábado à tarde, uma decisão definitiva da aliança opositora.

Em meio a gritos de "onde está Capriles" dos cerca de 300 manifestantes reunidos na Praça Brion de Chacaíto, Ledezma defendeu, sem mencionar nomes, uma rápida definição da candidatura opositora.

O prefeito advertiu seus companheiros da oposição de que o sigilo e a escassez de informações sobre o estado de saúde de Chávez é parte de um "plano militar" para surpreender os antichavistas e encontrá-los ainda desorganizados no momento em que, finalmente, ficar definida a necessidade de uma nova eleição. "Antes que se eleja o sucessor de Bento XVI, teremos de

contar com um candidato", disse. "Precisamos estar preparados para, se houver eleições, cortar seus bigodes", acrescentou, referindo-se a Maduro.

A Constituição venezuelana prevê a convocação de eleições para o prazo de 30 dias a partir da declaração de incapacidade de Chávez para exercer a presidência.

Por seu lado, Maduro tem intensificado suas aparições na mídia oficial, inaugurando obras e presidindo solenidades. O vice-presidente, a quem Chávez entregou a "espada de Bolívar" na emocionante despedida de 8 dezembro - antes de partir para Cuba para a mais recente cirurgia para combater o câncer na região pélvica -, adotou de vez o gestual e a retórica do líder bolivariano.

"O chavismo manobra com uma série de pesquisas de opinião elaborada pelo instituto Hinterlaces, que mostra um apoio popular ainda significativo para o governo", declarou ao Estado o consultor de política da empresa EcoLatina, Miguel Mendoza.

"Com a comoção causada por uma eventual ausência de Chávez, Maduro teria boas chances de manter o chavismo no poder por mais um mandato. Ao mesmo tempo, a oposição tem uma delicada equação para resolver: articular a organização de uma campanha eleitoral, contornando suas óbvias divisões internas, sem parecer um grupo de políticos oportunistas ante a doença de um líder popular."

Durante o ato da oposição, Ledezma ironizou as declarações de Maduro de que conversou com Chávez por cinco horas no sábado. O vice-presidente mencionou a conversa com o líder um dia após dois ministros - o das Comunicações e Informação, Ernesto Villegas, e o chanceler, Elías Jaua - terem informado sobre a persistência da insuficiência respiratória, que ampliou a apreensão dos chavistas.

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,incertezas-sobre-chavez-antecipam--campanha-eleitoral-,1001072,0.htm>

26/02/2013

Internacional

Ajuste econômico e inflação dividem oposição a Chávez

Presidente permanece internado em hospital militar de Caracas; elevação dos preços na Venezuela deve chegar aos 40% neste ano

ROBERTO LAMEIRINHAS , ENVIADO ESPECIAL / CARACAS - O Estado de S.Paulo

Enquanto o presidente Hugo Chávez convalesce no Hospital Militar Dr. Carlos Arvelo, em Caracas, os venezuelanos se ressentem da ausência de liderança que ameaça estagnar a economia do país. Analistas ligados à oposição estimam que a inflação, que esteve em comportados 20,1% em 2012 - 7,5 pontos a menos do que o ano anterior -, deve passar dos 30% e aproximar-se dos 40% em 2013.

"Sem entrar no mérito do quanto foi oportuna ou não a desvalorização da moeda nacional em 31,7%, há duas semanas, o certo é que ela terá um efeito devastador sobre o índice de inflação", disse ao Estado o economista da Universidade Central Davi Hurtado, referindo-se à medida que alterou o câmbio oficial de 4,20 bolívares por dólar para 6,30.

"O efeito inflacionário do ajuste cambial deve se acentuar ainda mais diante da constatação de que 70% dos alimentos consumidos na Venezuela são importados ou têm insumos importados. Some-se a isso a incerteza causada pelo cenário político e a redução da capacidade financeira dos setores produtivos e perceberemos um quadro sombrio de inflação e paralisação econômica", avalia.

A questão da desvalorização da moeda é um dos pontos que dividem a oposição venezuelana. Alberto Quirós Corradi, economista ligado à Mesa da Unidade Democrática (MUD), considera "um erro" as críticas ao governo em razão da desvalorização. "Se tivéssemos vencido (as eleições) teríamos de ter feito o mesmo. O que se deve condenar são as razões que levaram a essa decisão: distribuição de dinheiro, destruição da capacidade produtiva e aumento das importações, gasto público excessivo e uma enorme corrupção", escreveu no fim de semana, em artigo publicado no jornal El Nacional.

Outras fissuras afetam a frente opositora. A iminência de uma eventual eleição presidencial acirrou as pretensões de representantes dos vários partidos que a formam.

A candidatura do governador de Miranda e concorrente derrotado por Chávez na corrida presidencial de 7 de outubro, Henrique Capriles, já não é tão automática quanto parecia no fim de 2012.

Outros candidatos, como Pablo Medina, da Junta Patriótica, perfilam-se como postulantes - embora nenhum deles admita isso abertamente.

A Constituição venezuelana prevê que, no caso de ausência permanente do presidente, no período anterior a dois terços do mandato de seis anos, uma eleição presidencial seja realizada no prazo de 30 dias.

O candidato governista, designado por Chávez desde 8 de dezembro - quando o líder bolivariano anunciou que se submeteria a uma nova cirurgia em seu tratamento contra o câncer em Cuba -, deve ser o vice-presidente Nicolás Maduro.

Denúncia. O coordenador nacional do partido opositor Primero Justicia, Julio Borges, assegurou ontem que Maduro mentiu à população no sábado, quando afirmou ter se reunido por cinco horas com Chávez no hospital militar.

"É falso. Nessa noite, pacientes e parentes de pacientes que estavam no hospital viram Maduro chegar ao local apenas uma hora antes de ele fazer as declarações para as câmeras da TV estatal", acusou Borges. "Foi uma montagem. Uma mentira."

Na véspera da declaração de Maduro, dois ministros chavistas - o chanceler, Elías Jaua, e o das Comunicações e Informação, Ernesto Villegas - tinham informado sobre uma piora das condições de saúde do presidente, em razão de uma insuficiência respiratória.

Chávez respira com auxílio de uma traqueostomia e se comunica com seus parentes e aliados por escrito, de acordo com informações divulgadas por Villegas pouco antes da volta do presidente à capital.

Ontem, uma semana depois do retorno sigiloso de Chávez a Caracas, nenhuma fonte tinha dado mais informações sobre o estado do presidente.

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,ajuste-economico-e-inflacao-dividem-oposicao-a-chavez-,1001581,0.htm>

06/03/2013

Revolução Bolivariana em xeque

RENATA TRANCHES » GABRIELA FREIRE VALENTE » RODRIGO CRAVEIRO

Morte de Chávez interrompe um projeto político centrado no "socialismo do século 21". Para especialistas, Maduro terá o desafio de manter a união dos governistas a fim de garantir a sobrevivência da ideologia

Em seus planos, Hugo Chávez levaria 30 anos para concluir o projeto que sonhou para a Venezuela e para a América Latina. Sua morte interrompeu a jornada no meio do caminho e lançou incertezas sobre o futuro do chavismo e da Revolução Bolivariana, que em sua gênese se confunde com os ideais de seu próprio fundador. Já antevendo as preocupações com seu legado, Chávez começou a preparar o país e aliados para dar continuidade ao chamado "socialismo do século 21". O vice-presidente, Nicolás Maduro, foi nomeado não apenas seu herdeiro político, como o homem designado a conduzir o bolivarianismo para a era pós-Chávez. Na opinião de analistas, o ex-presidente tinha plena consciência disso. No entanto, o curso da história não se restringirá à capacidade de liderança de Maduro e, sim, a amplas condições político-econômicas da Venezuela a partir de agora.

Nos 14 anos de Revolução Bolivariana, Chávez mudou a Constituição, o fuso horário, o brasão e até o nome do país, que passou a se chamar República Bolivariana da Venezuela. Na economia, deixou profundas marcas, como a nacionalização de setores e os projetos sociais patrocinados pela riqueza nacional, o petróleo. Ao "chavismo sem Chávez" caberá encontrar uma forma de sobreviver em meio a tantas incertezas. Na avaliação do coordenador do Instituto de Estudos Econômicos Internacionais da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Luiz Fernando Ayerbe, a revolução sempre esteve muito vinculada à liderança do coronel, desde suas eleições e a chegada ao poder, em 1998, e aos recursos econômicos da Venezuela.

Segundo Ayerbe, com a morte de Chávez, não se pode premeditar o fim da Revolução Bolivariana. Mas a questão que se coloca é se Maduro, apesar de compartilhar os mesmos ideais, terá a liderança e o cenário econômico que lhe permitam sustentar as políticas e as iniciativas do presidente morto. "A Revolução Bolivariana colocou em pauta a utilização dos recursos, a riqueza petroleira venezuelana em benefício da maioria da população, com políticas sociais que renderam a Chávez a grande popularidade que o acompanhou até sua morte", disse.

Opinião semelhante manifestou o cientista político da Universidade Simón Bolívar Tony De Viveiros, que aponta o desafio da sucessão desenhada no país, nesse momento. "O chavismo, ao longo desses 14 anos, soube construir uma identidade própria, ao redor da figura de Chávez e de sua liderança carismática, que resvalava quase na fé religiosa, na qual se aceitavam delineamentos políticos, sem se importar se eram inverossímeis ou não", opinou.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Para Viveiros, a necessidade de sobreviver politicamente fará com que os chavistas se mantenham coesos, pelo menos a curto prazo. À medida que o tempo passar, as diferenças entre as distintas facções se tornarão mais evidentes. De um lado, segundo o cientista político, estará o que chamou de “esquerda exógena”, composta por membros mais próximos a Havana. Do outro, as da “direita endógena”, na qual figuram os militares aposentados aliados dos golpistas de 4 de fevereiro de 1992. “Ambas as facções se proclamarão como as verdadeiras herdeiras do legado político de Chávez.”

Dificuldades

Como um complicador a mais, José Vicente Carrasquero, também professor da Universidad Simón Bolívar e da Universidad Católica Andrés Bello, considera que a morte do presidente ocorre em um momento em que seus projetos políticos, ligados ao socialismo do século 21, já começavam a passar por dificuldade. “A qualidade de vida dos venezuelanos mostra sinais de deterioração. Sentem-se a falta da supervisão do presidente e sua gestão de governo. O motor principal de um projeto político deixa de existir e, agora, a tendência é que ele enfrente maiores dificuldades para seguir avançando”, avaliou. O futuro do chavismo, na sua opinião, dependerá das lideranças venezuelanas superarem as divisões e começarem a reinstitucionalizar o país.

O projeto de Hugo Chávez não se restringiu às fronteiras venezuelanas. Inspirado em um sonho de integração latino-americana do líder Simón Bolívar, Chávez encabeçou uma política externa regional com uma perspectiva mais nacionalista. Principal reflexo dessa conduta, como explicou Ayerbe, foi a criação da Alternativa Bolivariana para a América Latina (Alba), extremamente crítica aos Estados Unidos. Em nome dessa política regional, países como Nicarágua, Cuba, Bolívia e Equador se beneficiaram amplamente da ajuda dos petrodólares venezuelanos. “Chávez imprimiu e reforçou essa visão de uma revolução que fortalecesse a América Latina e a ascensão das populações mais pobres. Isso foi uma característica sua”, afirmou Ayerbe.

Três perguntas para Luiz Fernando Ayerbe

Como o ideal bolivariano será afetado na região?

Em termos de ideais, o bolivarianismo vai permanecer. Mas a projeção da Venezuela na América Latina é algo que já vinha se notando uma retração, mesmo com Hugo Chávez no poder. A liderança chavista foi perdendo força por conta de outros aspectos, como o papel do Brasil na região, por exemplo. Não será algo que começará a desaparecer, mas vai perder projeção.

E qual foi seu principal legado para a América Latina?

A questão mais importante está relacionada à Alba (Aliança Bolivariana para as Américas), que instituiu um modelo de integração baseado na solidariedade, na troca daquilo que cada país tem em termos de recursos. A Venezuela, o petróleo, Cuba, recursos humanos, entre outros. Esse aspecto da solidariedade como fator de integração econômica é muito importante.

Que associação poderia se fazer entre Simón Bolívar e Hugo Chávez?

A revolução, na percepção de Simón Bolívar, significava o estabelecimento de um projeto continental, o que se percebia também em outros líderes regionais, como Chávez. Mas o ex-presidente venezuelano fortaleceu, com sua liderança, além do ideário bolivariano, valores como o anti-imperialismo, a distribuição de riquezas e a preocupação com a união latino-americana.

Fonte: <http://clippingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2013/3/6/revolucao-bolivariana-em-xeque>

Tempo de mudanças

Ariadne Sakkis

Presidentes de nações parceiras e críticas do governo chavista manifestaram condolências ao povo venezuelano. Barack Obama demonstrou interesse em estreitar relações com o país latino-americano

A morte do presidente Venezuela, Hugo Chávez, provocou reações em todo o mundo. Nos Estados Unidos, a notícia foi recebida como “um novo capítulo na história” e uma chance de mudança nas relações entre os países. “Nesse momento desafiador, com a morte do presidente Hugo Chávez, os Estados Unidos reafirmam o apoio ao povo venezuelano e seu interesse em desenvolver um relacionamento construtivo com o governo venezuelano”, disse o presidente Barack Obama. No entanto, ele reiterou que os EUA estão comprometidos com políticas promotoras da democracia e de respeito aos direitos humanos.

O deputado republicano Mike Rogers, presidente da Comissão de Inteligência do Congresso americano, foi mais enfático quanto às críticas ao líder socialista. “Hugo Chávez foi uma força desestabilizante na América Latina e um obstáculo na região. Espero que essa morte seja uma oportunidade para um novo capítulo nas relações entre os Estados Unidos e a Venezuela”, declarou. Em um comunicado oficial, o ministro britânico de Relações Exteriores, William Hague, disse que Chávez deixou uma “marca profunda” em seu povo.

O governo de Cuba decretou três dias de luto pela morte do presidente venezuelano, principal aliado político e sócio comercial de Havana nos últimos 14 anos. “O povo cubano o tinha como um dos seus mais destacados filhos e o admirava. Chávez era também cubano! Sentia em sua carne

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

as nossas dificuldades e problemas e fez tudo o quanto pôde, com extraordinária generosidade”, destacou um comunicado do Conselho de Estado, máximo órgão executivo da Ilha. Nos próximos dois dias, os prédios públicos estarão com a bandeira a meio mastro, e todos os espetáculos estão suspensos até sexta-feira.

Na América Latina, onde o socialista acumulou aliados amigos, a notícia provocou mudanças na agenda internacional de muitos líderes nacionais, que devem acompanhar pessoalmente o funeral. A presidente argentina Cristina Kirchner, fiel aliada de Chávez no continente, cancelou todos os compromissos oficiais para viajar a Caracas.

Panos pretos

Evo Morales, presidente da Bolívia, viajou ontem mesmo para a capital venezuelana. Os chefes de Estado mantinham relacionamento estreito. A ministra de Comunicação do país, Amanda Dávila, informou que a Bolívia decretará luto oficial, mas não divulgou a duração da homenagem. Bolivianos também demonstraram pesar nas ruas da capital, La Paz, colocando panos pretos nas janelas dos prédios. O chefe do governo do Uruguai, José Mujica, que também acumula a presidência do Mercosul, segue hoje para a Venezuela.

As redes sociais serviram de meio para a manifestação de dirigentes e políticos. Henrique Capriles, político venezuelano de oposição e ex-candidato à Presidência nas eleições de outubro de 2012, pediu paz e unidade pelo Twitter. O microblog também foi usado pelo presidente mexicano Enrique Peña Neto. “Lamento o falecimento do presidente Hugo Chávez. Minhas mais sentidas condolências a sua família e ao povo venezuelano”, escreveu.

O governo da Colômbia expressou profunda tristeza pelo falecimento do presidente Hugo Chávez. O presidente Juan Manuel Santos enviou sentimento de pesar à mulher e às filhas do presidente Venezuelano. Sebastián Piñera, presidente do Chile, ofereceu as condolências à família e ao país do presidente Hugo Chavez, a quem chamou de “líder profundamente comprometido com a integração da América Latina”.

A morte de Chávez também motivou declarações de diretores de organizações internacionais. Ban Ki-Moon, secretário-geral da Organização das Nações Unidas, disse, em breve aparição pública, que enviava “as mais profundas condolências à família, ao povo e ao governo da Venezuela pela perda do presidente Chávez”.

O presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Luis Alberto Moreno, expressou sentimentos ao governo e ao povo venezuelano. Recordou a profunda preocupação do líder com

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

os pobres. “A integração regional perde um de seus grandes impulsores”, disse. A Organização dos Estados Americanos (OEA) divulgou uma nota de pesar.

Artistas

O cineasta americano Oliver Stone e o ator Sean Penn homenagearam o presidente venezuelano. “Estou de luto pela morte de um grande herói para a maioria do seu povo e para aqueles que lutam a fim de encontrar o seu lugar no mundo”, declarou Stone, diretor de filmes consagrados como JFK e Assassinos por Natureza. “Odiado pelas classes abastadas, Hugo Chávez viverá para sempre na história”, completou o cineasta que em 2009 dirigiu o documentário South of the Border, no qual descreve o papel do ex-presidente venezuelano nas mudanças observadas na América Latina.

Já Sean Penn afirmou que “os pobres do mundo perderam seu campeão” e que os Estados Unidos perderam “uma amigo que nem sabiam que tinham”.

Fonte: <http://clippingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2013/3/6/tempo-de-mudancas>

Mundo

Chávez se via como figura de transição na história do país

JULIA SWEIG, COLUNISTA DA FOLHA

Hugo Chávez comentou certa vez que se via como figura de transição na história venezuelana. O mesmo pode ser dito em relação a seu impacto na América Latina.

Generalizando bastante, os 14 anos de seu governo cobrem o mesmo período em que a região adotou um ethos econômico de crescimento com inclusão social, um consenso político em favor da prática democrática e, na política externa, uma postura de independência em relação às prioridades de segurança nacional dos Estados Unidos.

Chávez aderiu radicalmente a cada um desses elementos da nova América Latina. Seu gosto pelo teatral, pela retórica inflamada, com certeza destoava da preferência regional pela procura de soluções mais pragmáticas. Os historiadores que se debruçarem sobre o período dentro de algumas décadas vão dispor de ferramentas mais amplas para avaliar mais profundamente o legado de Chávez.

Por ora, um olhar rápido sobre seus sonhos não realizados e sobre as conquistas que ele de fato alcançou apontam para um legado que também poderia ser descrito como transicional.

No campo dos sonhos não concretizados, e essa lista não é abrangente, a maioria teria exigido muito dinheiro e participação de muitos outros países da região. Podemos incluir nessa categoria o Oleoduto do Sul, que teria 8.000 km de extensão, custaria US\$ 25 bilhões e levaria óleo do Orinoco à Patagônia.

O Brasil fez objeções. Mesmo uma ideia um pouco mais modesta --um oleoduto até Cuba-- nunca decolou.

O Banco Sul-Americano de Desenvolvimento teve destino similar --inaugurado em 2009, desta vez com o apoio nominal do Brasil, no final nenhum país, nem a própria Venezuela, investiu capital para lançar a empreitada.

As realizações: Chávez merece crédito pelo menos parcial por ter ajudado a redefinir a arquitetura institucional da América do Sul. O Mercosul é uma organização diferente do que era antes de a Venezuela tornar-se membro pleno. O tempo dirá se a estratégia do Brasil nessa frente foi um toque de sabedoria política real ou se foi movida por pura ideologia (creio na primeira alternativa).

Contrariando a visão de alguns observadores, Chávez tampouco implodiu a Unasul, instituição que já pode ser vista como ao menos parcialmente responsável por ter evitado conflitos --pense em Bolívia, Equador, Colômbia.

Com relação à América do Sul, apesar das exhibições bombásticas nas cúpulas, Chávez sofria pressões para jogar segundo as regras em evolução da região, e não o contrário.

A Alba --união de nove países "quase-mais-ou-menos" bolivarianos, como a Venezuela-- é evidentemente a grande vitória de Chávez, uma que poderá conferir a presidentes venezuelanos futuros uma influência constante nas Américas, especialmente no Caribe.

Ainda não dispomos de dados públicos confiáveis, mas é seguro afirmar que Caracas gastou bilhões com projetos de desenvolvimento na Alba, especialmente projetos relacionados ao petróleo.

A Petrocaribe concedeu aos membros da Alba, além de cinco outros países participantes da América Central e do Caribe, preços preferenciais nas importações de óleo venezuelano, pagáveis em 25 anos com juros de 1%.

As transferências dos fundos da Venezuela de assistência à Alba complementaram os Orçamentos de governos centrais, gerando benefícios diretos que foram sentidos para além do patronato político, sob a forma de novas rodovias, saúde e grades energéticas.

Alguns benefícios escolhidos a esmo: a Telesur, o cancelamento da dívida do Haiti, o financiamento de muitos milhares de cirurgias oculares em países da Alba, realizadas por médicos cubanos.

Dois países na América Latina se destacam: Cuba e Colômbia. Independentemente de como avaliamos o modo como o ex-presidente colombiano Álvaro Uribe conduziu a contrainsurgência contra as Farc, Chávez não a facilitou.

Os dois líderes optaram pela polarização e a crise como seu "modus operandi". Mas o atual presidente colombiano, Juan Manuel Santos, vem mostrando como usar a interdependência geográfica e comercial da Colômbia com a Venezuela para beneficiar a Colômbia.

E, ao convocar Cuba para exortar Chávez a empurrar as Farc para a mesa de negociações, Santos demonstrou possuir um entendimento agudo do equilíbrio de poder no relacionamento entre Havana e Caracas.

LIGAÇÃO COM CUBA

Especialmente desde 2004, quando Chávez venceu o primeiro referendo pós-golpe, o incentivo econômico dado por Caracas a Havana exerceu impacto enorme em Cuba: bilhões vindos do petróleo em subsídios, transferências de recursos e investimentos diretos em energia, infraestrutura, etc.

Dezenas de milhares de assessores cubanos --nas áreas de saúde, esportes e segurança--, pelos quais Havana foi paga em dinheiro e créditos, foram essenciais para ajudar Chávez a erguer e reforçar sua base política e institucional.

E Chávez tomou de Fidel a tocha anti-imperialista em nível internacional, demonstrando prazer em espicaçar Washington.

Quando Fidel adoeceu, em 2006, as primeiras fotos dele foram com Chávez a seu lado no hospital. Mas seria um equívoco concluir que Hugo Chávez tenha tido alavancagem política ou econômica sobre Cuba.

A verdade é inversa. Vejo o relacionamento Cuba-Venezuela em três períodos distintos. O primeiro é anterior ao período de Chávez e data da fuga pós-1959 de oficiais militares cubanos da era de Fulgêncio Batista para Caracas, onde trabalharam para a CIA e com colegas venezuelanos como retaguarda durante a Baía dos Porcos e a Operação Mangusto.

A segunda fase teve início em 1992, quando o coronel Chávez fracassou em sua tentativa de golpe militar, mas, jurando retornar um dia, embarcou para Havana, onde ele e Fidel iniciaram seu relacionamento estratégico.

A fase três ganhou definição em 2002, com a tentativa de golpe contra o próprio Chávez, e se consolidou após 2004, quando Havana exerceu um papel muito significativo, não apenas por enviar seus profissionais para trabalhar nas "misiones", mas também ao encorajar e ajudar Chávez a institucionalizar e consolidar seu poder.

Enquanto o benefício econômico para Cuba ainda é enorme, não se deve subestimar a influência de Havana sobre Caracas sob Chávez.

E a fase quatro? Os sucessores de Chávez --em seu próprio partido, ou não, se de algum modo Henrique Capriles vencer uma nova eleição presidencial no curto prazo-- não vão desfazer rapidamente as camadas de aproximação bilateral e regional. Os pobres venezuelanos, cuja adesão a oposição agora compreende que precisa conquistar, auferem benefícios diretos das "misiones", algo que não seria possível sem Cuba.

A Alba e a Petrocaribe vão se dissolver após Chávez? A resposta a essa pergunta é "não imediatamente", o que, para Cuba, novamente significa que será possível prever a manutenção do status quo, mesmo que modificado, no curto a médio prazo.

Fonte:

<http://www.mipais.com.uy/prensa/verNoticia.php?usr=parlmercosur5&acc=8418274&pid=TkEtMjg5MzQzLUJSLTA2LzAzLzIwMTM=>

Análise: Vendida como o martírio do líder, agonia final dará força a Maduro

CLÓVIS ROSSI, COLUNISTA DA FOLHA

Hugo Chávez organizou a política venezuelana até para além de sua morte.

Parece inevitável concluir que, ao partir para Cuba para o que seria sua última cirurgia, o presidente já sabia da gravidade de sua situação e preparou cuidadosamente a sua sucessão.

Primeiro, ele designou Nicolás Maduro como o seu sucessor, antecipando-se a uma mais que provável guerra interna no chavismo.

Está dando certo: no papel de presidente interino e abençoado por Chávez, Maduro se tornou nos últimos dois meses a face do chavismo para o público venezuelano. Isso claramente lhe dá imensa vantagem para a eleição, que agora é inevitável.

Vantagem que só se acentuará pelo martírio do líder, como o regime vendeu a seus fiéis a agonia de Chávez.

Some-se às manobras do governo a impotência da oposição e torna-se mais que lógico apostar em que o chavismo terá uma sobrevida mesmo com Chávez morto.

Há analistas que acreditam que a sobrevida não será apenas de curto ou médio prazo. Joaquín Villalobos, que foi guerrilheiro em El Salvador e depois tornou-se consultor de segurança e um agudo analista político, escreveu faz pouco para o jornal espanhol "El País":

"A força do chavismo não está na eficácia para governar, mas no fato de que o regime mudou a orientação dos benefícios da renda do petróleo na Venezuela. Antes, esta se distribuía mais para cima do que para baixo. Chávez abriu espaços de inclusão social para os mais pobres, gerou opções de enriquecimento para novas elites e propiciou a esses setores identidade política e poder. Isso mudou a Venezuela para sempre".

Para sempre é uma aposta arriscada, mas, para o próximo período presidencial, dá, sim, para acreditar que o chavismo se manterá vivo.

Mas, além dele, vai depender da eficácia para governar que Hugo Chávez não precisou mostrar, porque seu carisma e os espaços de inclusão social que abriu compensaram, com folga, os problemas que criou.

Entre eles, estão a inflação mais alta de toda a América Latina e um índice de criminalidade insuportável.

Fonte:

<http://www.mipais.com.uy/prensa/verNoticia.php?usr=parlmercosur5&acc=8418274&pid=TkEtMjg5MzQ3LUJSLTA2LzAzLzIwMTM=>

Radar Global

Morre o presidente venezuelano Hugo Chávez

Morreu nesta terça-feira, 5, aos 58 anos, o presidente venezuelano Hugo Chávez. Ele estava internado em um hospital militar de Caracas após passar dois meses em Cuba tratando um câncer. A cerimônia do funeral do presidente será realizada na manhã de sexta-feira, dia 8.

O vice-presidente, Nicolás Maduro, anunciou que o líder bolivariano morreu 16h25 (horário de Caracas). Mais cedo, durante discurso feito após uma reunião com ministros, governadores e o alto comando militar no Palácio de Miraflores, Maduro afirmou que Chávez enfrentava o “momento mais difícil da luta contra o câncer”.

Presente na vida política da Venezuela há pelo menos 20 anos, o tenente-coronel da reserva Hugo Rafael Chávez Frias atraiu ódio e amor da população na mesma medida. Seus partidários o viam como o líder que tirou milhões da miséria e reduziu a pobreza de 42% para 9,5%. Os detratores o descreviam como um caudilho populista que vergou ao limite as regras da democracia, eliminando a independência entre os poderes, manobrando programas sociais em troca de votos e perseguindo a imprensa.

Vida política

Chávez apareceu pela primeira vez no cenário político venezuelano ao tentar derrubar o então presidente Carlos Andrés Pérez em um golpe de Estado frustrado, em 1992. O militar foi preso e cumpriu pena por 2 anos. Em 1998, decidiu aderir ao processo democrático. Organizou uma campanha centrada no contato próximo da população mais pobre e foi eleito com 56% dos votos.

Após assumir o poder, propôs alterar a Constituição em um referendo, do qual saiu vitorioso. Ganhou nova eleição em 2000, com quase 60% dos votos. Em 2002, sofreu uma tentativa de golpe, mas ficou apenas dois dias fora do poder. Dois anos mais tarde, venceria um referendo sobre sua saída da presidência.

Com sua reeleição em 2006 e a disparada do preço do petróleo no mercado internacional, aprofundou seu projeto de poder, batizado de socialismo do século 21. Nacionalizou empresas e ampliou os gastos sociais. Na época, a oposição decidiu boicotar as eleições parlamentares, dando controle total do Legislativo aos chavistas.

Em 2007, consultou os venezuelanos sobre o fim da limitação para a reeleição e sofreu sua única derrota eleitoral, revertida depois num referendo.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Em outubro de 2012, foi eleito para um quarto mandato que o credenciava a permanecer por 20 anos seguidos na presidência da Venezuela. Com 55% dos votos, o líder bolivariano havia prometido, durante a comemoração da vitória, ser "um presidente melhor do que tem sido". Logo após a vitória, Chávez nomeou o então chanceler Nicolás Maduro como seu vice-presidente.

O câncer

O maior abalo de Chávez ocorreu em 2011, quando descobriu que sofria de um câncer pélvico. Os detalhes da doença e do tratamento nunca foram divulgados.

Chávez passou por quatro cirurgias em um ano e meio, a última ocorreu em dezembro de 2012. O presidente chegou a dizer, em 2011, que estava livre do câncer após ser tratado, mas em dezembro de 2012 anunciou que "células malignas" haviam retornado e ele precisaria de mais uma intervenção cirúrgica.

O líder bolivariano foi a Havana novamente para realizar uma nova cirurgia e retornou para Caracas apenas em fevereiro deste ano. Em dois meses, apenas uma foto do presidente foi divulgada. Com isso, a oposição pressionou o governo diversas vezes para que anunciassem a ausência do presidente e convocassem novas eleições, o que não ocorreu.

Em 18 de fevereiro, Chávez retornou a Caracas de surpresa e ficou internado em um hospital militar para continuar o tratamento do câncer.

Fonte: <http://blogs.estadao.com.br/radar-global/morre-o-presidente-venezuelano-hugo-chavez/>

'Perdemos um amigo do Brasil', diz Dilma

Presidente lamenta morte do venezuelano, que 'deixa um vazio na América Latina'

RAFAEL MORAES MOURA, LISANDRA PARAGUASSU, TÂNIA MONTEIRO, BRASÍLIA - O Estado de S.Paulo

A presidente Dilma Rousseff confirmou ontem à noite que vai ao enterro do presidente da Venezuela, Hugo Chávez, previsto para sexta-feira. Dilma cancelou a viagem que faria na quinta-feira a Argentina para se encontrar com a presidente Cristina Kirchner.

"Se o enterro for agora, vou. Eu irei ao enterro", disse a presidente ao Estado, antes de saber da data do enterro e ao sair do 11.º Congresso Nacional de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, onde, em seu discurso, homenageou o presidente morto. Hoje presidente Dilma tem uma grande reunião com governadores e prefeitos.

Dilma ficou sabendo da morte de Chávez por meio do pronunciamento do vice-presidente venezuelano, Nicolás Maduro, na televisão. A presidente estava em seu gabinete quando foi informada pelo secretário especial da Presidência, Marco Aurélio Garcia, do pronunciamento de Maduro.

Logo após assistir à fala de Maduro, a presidente saiu para o congresso da Contag, onde aproveitou seu discurso para pedir um minuto de silêncio e homenagear Chávez.

"Hoje, lamentavelmente, infelizmente, e com tristeza, eu digo pra vocês que morreu um grande latino-americano, o presidente da Venezuela, Hugo Chávez", disse.

Ela acrescentou que o venezuelano foi uma liderança comprometida com seu país e com o desenvolvimento dos povos da América Latina.

"Em muitas ocasiões o governo brasileiro não concordou integralmente com o presidente Hugo Chávez. Mas, hoje, como sempre, reconhecemos nele uma grande liderança, uma perda irreparável e sobretudo um amigo do Brasil", disse Dilma.

"O presidente Hugo Chávez vai deixar na história e nas lutas da América Latina um vazio. Lamento como presidente da República e como uma pessoa que tinha por ele um grande carinho. Além de liderança expressiva, o presidente Chávez foi um homem generoso, generoso com todos aqueles que nesse continente precisaram dele", afirmou a presidente, emocionada.

Comunicado. A presidente Dilma divulgou uma nota ontem à noite manifestando pesar pela morte de Chávez: "As transformações econômicas, sociais e políticas que Chávez conduziu, nos últimos 14 anos, na Venezuela, fizeram desse grande líder a mais importante referência da história daquele país e o projetaram em toda a América Latina e Caribe. Hugo Chávez contribuiu para o fortalecimento do nosso continente, sendo responsável pela constituição da Unasul e da Celac. O governo e o povo brasileiros perdem um grande amigo, cuja coragem, generosidade e calor humano irmanaram Venezuela e Brasil como nunca antes em nossas histórias. Hugo Chávez viverá na memória de venezuelanos, brasileiros e latino-americanos e será uma eterna referência para toda a América Latina."

Ontem à noite, o chanceler brasileiro, Antonio Patriota, tentava falar com Elías Jaua, para dar-lhe os pêsames e também obter confirmações sobre o dia do enterro e o horário.

No Itamaraty, durante a tarde já se esperava algum tipo de desfecho para a situação do presidente venezuelano pelas movimentações da alta cúpula do governo em Caracas, como a reunião convocada às pressas no Palácio Miraflores e a expulsão de diplomatas americanos.

Diplomatas brasileiros monitoravam a Telesur, televisão estatal da Venezuela, quando começou o pronunciamento de Maduro. Logo em seguida, o embaixador brasileiro em Caracas, José Antônio Marcondes de Carvalho, telefonou para Patriota e o chanceler também telefonou para o embaixador venezuelano em Brasília, Maximilien Sánchez de Arvelaiz, que estava no Brasil.

Patriota divulgou uma nota de pêsames aos parentes de Chávez e ao povo venezuelano na qual exalta a aproximação "sem precedentes" com o Brasil liderada pelo presidente venezuelano.

"O Presidente Chávez será lembrado como o líder venezuelano que maiores vínculos teve com o Brasil e maior contribuição deu aos esforços de integração regional", disse o chanceler brasileiro em nota.

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,perdemos-um-amigo-do-brasil-diz-dilma--,1004843,0.htm>

Após anunciar morte do líder, Maduro recebe apoio da cúpula do Exército

Após 2 anos da luta de Chávez contra o câncer, 4 cirurgias e uma volta inesperada a Caracas, venezuelanos vivem o fim de uma era

CARACAS - O Estado de S.Paulo

Morreu ontem aos 58 anos Hugo Rafael Chávez Frías, o homem que - de militar golpista a presidente bolivariano de quatro mandatos - transformou nas últimas décadas a Venezuela e, indiretamente, toda a América Latina. "Recebemos a informação mais dura e trágica que podemos transmitir ao nosso povo. Às 16h45 (18h15 em Brasília) do dia 5 de março faleceu nosso comandante Chávez", anunciou em cadeia nacional seu herdeiro político e vice-presidente da Venezuela, Nicolás Maduro. "Este é um momento de grande dor."

A era Chávez chega ao fim após quase dois anos de luta do presidente contra um câncer na região pélvica. O ideólogo do que chamava de "Socialismo do Século 21" foi submetido a quatro cirurgias em Cuba - a última, em dezembro -, além de sucessivas sessões de químico e radioterapia, até inesperadamente retornar a Caracas, no mês passado. A última aparição pública de Chávez tinha sido quase três meses atrás e, no dia 22, o governo venezuelano divulgou uma foto em que ele aparecia deitado sorridente, ao lado de suas filhas, segurando a edição do Granma daquele dia.

A Venezuela decretou sete dias de luto e anunciou que o enterro ocorrerá na sexta-feira, às 10 horas de Caracas. O local onde ficará a sepultura de Chávez, porém, não foi revelado. A presidente Dilma Rousseff, além de vários líderes latino-americanos, disseram ontem que participarão da cerimônia. "Essa morte deve encher de tristeza todos os latino-americanos", afirmou Dilma, descrevendo Chávez como "um amigo do Brasil" (mais informações nesta página).

Maduro anunciou a morte do presidente ao lado de integrantes da cúpula do governo e parentes de Chávez. Falando pausadamente, sem esconder a emoção, reforçou que a hierarquia no governo chavista seguirá intacta. "Chávez batalhou pelo amor do povo, com a bênção dos povos e a lealdade mais absoluta de seus companheiros", afirmou.

Pouco após o anúncio da morte do presidente, o ministro da Defesa da Venezuela, Diego Molero, apareceu ao vivo nas emissoras de TV e rádios estatais para dar garantias do "total respaldo" das Forças Armadas ao vice-presidente e ao líder da Assembleia Nacional, o também chavista Diosdado Cabello. "Vamos cumprir a Constituição para o bem da república", disse Molero.

O chanceler Elías Jaua anunciou que Maduro - apontado por Chávez como seu sucessor - assumirá a presidência interinamente e eleições serão convocadas em 30 dias.

Maduro avisou que militares e forças da polícia nacional receberam ordens de sair às ruas para garantir a segurança. "Está prevista uma presença especial de todas as Forças Armadas e da polícia, que neste momento estão se deslocando para acompanhar e proteger o nosso povo."

Ontem pela manhã, tanques cercaram o Palácio Miraflores, onde, à tarde, o comando militar e político do governo se reuniu. Ao final do encontro, cerca de duas horas antes de comunicar a morte do chefe de Estado, Maduro anunciou em entrevista coletiva que Chávez vivia "suas horas mais difíceis" e "inimigos históricos" do líder bolivariano o haviam infectado com câncer.

"Nós não temos nenhuma dúvida de que chegará um momento na história em que se poderá formar uma comissão científica que revelará que Chávez foi atacado com essa doença", disse, comparando o caso de Chávez ao do histórico líder palestino Yasser Arafat, que - segundo Ramallah - teria sido envenenado por Israel. O próprio líder bolivariano havia sugerido que os EUA estavam "infectando" presidentes sul-americanos com câncer, incluindo os brasileiros Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma.

No mesmo pronunciamento, Maduro anunciou a expulsão do adido militar dos EUA. Segundo o vice-presidente, o americano David Delmonico procurara oficiais venezuelanos com o objetivo de "implementar projetos desestabilizadores" e, por isso, deveria abandonar definitivamente o país.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

em até 24 horas. O número 2 da aditância militar americana em Caracas, Deblin Costal, também foi expulso. / AP e EFE

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,apos-anunciar-morte-do-lider-maduro-recebe-apoio-da-cupula-do-exercito-,1004872,0.htm>

Internacional

Morte abre disputa pelo poder na Venezuela

Por Fabio Murakawa | De São Paulo

A morte do presidente Hugo Chávez ontem em Caracas deu início à corrida pela sua sucessão na Venezuela. Segundo analistas, a princípio essa disputa será travada apenas entre seus seguidores e a oposição venezuelana. Mas, no médio prazo, o vice-presidente Nicolás Maduro - escolhido por Chávez para ser seu sucessor - pode ter problemas para manter a unidade em torno de sua figura.

Pela Constituição, com a morte do governante, o presidente da Assembleia Nacional, Diosdado Cabello, tem até 30 dias para marcar uma data para novas eleições.

A oposição, derrotada pelo chavismo tanto no pleito presidencial de outubro quanto nas eleições para governadores, em dezembro, vem sinalizando desde o início do ano que mais uma vez apresentará um candidato único para concorrer à Presidência. Ainda não há consenso, mas o nome mais forte continua sendo o do governador de Miranda, Henrique Capriles. Ele obteve cerca de 45% dos votos na eleição para presidente, contra 55% de Chávez, e foi um dos três governadores de oposição eleitos em janeiro, contra 23 governistas.

Ontem, Capriles pediu unidade à Venezuela e expressou sua "solidariedade a todos os familiares e seguidores do presidente".

Do lado chavista, a questão foi resolvida pelo próprio Chávez. Antes de embarcar para tratamento em Cuba em 10 de dezembro, ele anunciou que, se por qualquer motivo, se visse impedido de retornar à Presidência, seu sucessor seria Maduro. "No curto prazo, a comoção gerada pela morte de Chávez certamente vai gerar uma unidade", diz Luiz Pinto, pesquisador do Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Columbia. "Uma vez ganhas as eleições, a situação fica mais complicada, e algumas divisões dentro do chavismo podem ser expostas."

Segundo ele, há uma disputa de poder entre lideranças chavistas que têm ascendência sobre algumas instituições, como as Forças Armadas e a estatal de petróleo PDVSA - responsável por 95% das exportações do país.

Além de Maduro e Cabello, vinham sendo apontados como possíveis sucessores de Chávez o presidente da PDVSA, Rafael Ramírez, o irmão do presidente morto e governador do Estado de Barinas, Adán, e o atual ministro das Relações Exteriores, Elías Jaua. Até o momento, no entanto, as maiores lideranças do chavismo têm se mostrado coesas.

Para Héctor Briceño, professor do Centro de Estudos de Desenvolvimento da Universidade Central da Venezuela, o discurso de Maduro - em que disparou contra o "imperialismo americano" e a "oposição burguesa" - momentos antes de ele próprio anunciar a morte de Chávez foi um chamado à união do chavismo em torno de sua figura. "O discurso foi moldado para preparar esses setores para uma notícia mais forte sobre a saúde do presidente", disse Briceño ao Valor cerca de dez minutos antes do anúncio da morte do líder bolivariano.

Segundo ele, até o momento não houve nenhum sinal importante de ruptura dentro do chavismo, apesar de rumores de que setores das Forças Armadas estavam insatisfeitos com o "vazio constitucional" que se havia criado com o afastamento do presidente.

Fonte: <http://www.valor.com.br/internacional/3033334/morte-abre-disputa-pelo-poder-na-venezuela>

Ajuste na economia será desafio para Maduro

Por Humberto Saccomandi | De Pádua (Itália)

A morte de Hugo Chávez vai colocar à dura prova a liderança do vice-presidente Nicolás Maduro. Segundo analistas, o país precisa de uma correção urgente de rumo na economia, incluindo um ajuste fiscal e possivelmente mais desvalorização da moeda. Maduro não poderá fazer nada disso durante a campanha eleitoral. Depois, ficará com o ônus de um ajuste que poderá ser terrivelmente impopular.

Em setembro, o FMI estimou o déficit público da Venezuela em 7,4% para o ano passado. A estimativa oficial, de pouco mais de 5%, não é levada a sério. Mas, segundo a consultoria Ecoanalítica, o déficit no ano eleitoral de 2012 foi da ordem de 15%, o que é insustentável. Isso apesar da receita elevada, já que a cotação do petróleo ficou acima de US\$ 100 o barril.

No começo de fevereiro, o governo desvalorizou o bolívar em 32% em relação ao dólar. Ainda assim, a diferença entre o câmbio oficial (6,2 bolívares por dólar) e o paralelo (23,6 bolívares ontem) permanece muito elevada. Isso pode indicar mais desvalorização.

O ajuste fiscal fará com que o governo reduza gastos, inclusive com os benefícios sociais, que deram popularidade a Chávez. A desvalorização deve alimentar a inflação, que fechou 2012 em 19,9% e já é a maior da América Latina.

Como resultado do ajuste esperado, a economia deve ter forte desaceleração neste ano, em relação aos 5,5% estimados para 2012, e que foram puxados pelos gastos do governo.

Maduro não poderá tomar medidas impopulares agora, imediatamente antes da nova eleição presidencial, para a qual ele é amplamente favorito.

Mas o ajuste é considerado inevitável, até porque avalia-se que o saldo da conta petróleo esteja caindo, devido à queda na produção de derivados. A importação de combustíveis dos EUA cresceu muito em 2012.

Chávez tinha capital político para pedir sacrifícios à população. Maduro não tem. E seus rivais no chavismo estarão atentos à queda na sua popularidade. A economia poderá ser uma herança maldita para o herdeiro de Chávez

Fonte: <http://www.valor.com.br/internacional/3033336/ajuste-na-economia-sera-desafio-para-maduro>

O legado de Chávez

Por Rubens Ricupero | Para o Valor

Hugo Chávez passará à história como a manifestação mais inconfundível da afirmação de um ator político novo na América Latina: as periferias das metrópoles nascidas da urbanização explosiva das últimas décadas. Ele foi um dos primeiros a intuir que essas periferias não se sentiam representadas pelos partidos tradicionais dado o fracasso destes em melhorar a vida das maiorias. Preenchendo esse vácuo, seu gênio foi tentar dar às periferias expressão própria, canalizando assim o descrédito desses partidos e instituições para um movimento de redistribuição imediata de benefícios tangíveis aos mais carentes: saúde, educação pública, moradia, alimentos.

O tempo histórico de Chávez é diferente do que prejudicou muitos líderes populares anteriores no continente. Ele é o primeiro a surgir após a Guerra Fria e o fim do comunismo. Isso e a concentração estratégica americana no Oriente Médio explicam que os Estados Unidos tenham se acomodado, embora de mau grado, a seu anti-imperialismo.

Sua circunstância nacional também contrasta com a da redemocratização na Argentina, no Brasil e no Chile no início dos anos 1980. Ele não teve de reagir contra uma ditadura militar (a última

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

terminara na Venezuela em 1958). Seu duplo alvo eram os partidos desmoralizados da democracia tradicional e a ortodoxia econômica do Consenso de Washington, que impusera o pacote de ajuste econômico acertado com o Fundo Monetário Internacional (FMI) pelo presidente Carlos Andrés Pérez (1989). O violento protesto popular contra o pacote, o "caracazo", e sua brutal repressão estão na raiz da ascensão que, depois de muitas peripécias, levaria o jovem oficial paraquedista ao poder (1999).

Entende-se assim que suas prioridades fossem a refundação da República e uma política econômica e social de signo oposto ao consenso neoliberal. A palavra refundação sugere que a independência promovida por Simón Bolívar havia sido confiscada pela oligarquia. Impunha-se, portanto, abandonar as instituições tradicionais mediante reformas que rompessem os mecanismos eleitorais, legislativos e judiciais de perpetuação da oligarquia no poder.

A refundação visava reinventar uma democracia nova, de participação direta, não mais do tipo clássico de partidos e representação indireta. A participação se efetivaria por meio de mecanismos inovadores e pelo recurso frequente a referendos e consultas diretas aos cidadãos. Uma das consequências é a autorização de reeleições sucessivas do presidente, que não escondia a aspiração de governar até 2031. Desaparece na prática o sistema de pesos e contrapesos e a verdadeira possibilidade de alternância no poder, características da democracia representativa.

Na visão chavista, seria essa a única maneira de transformar a economia no sentido de uma radical redistribuição da riqueza e dos recursos naturais em favor da maioria pobre e mestiça. Para isso criaram-se mais de 20 programas assistenciais ou de transferência de renda, as chamadas "misiones bolivarianas". Os preços altos do petróleo forneceram a Chávez os meios para realizar esse programa, conquistando o apoio dedicado de mais da metade da população.

Multiplicaram-se nacionalizações e intervenções nas atividades produtivas sem que tivesse havido real transformação das estruturas da economia. Apesar do ambicioso objetivo de construir o "Socialismo do Século XXI", a Venezuela continua a ser o que sempre foi ao longo desses cem anos: uma economia rentista de petróleo. O que mudou foi o setor que se apropria agora da maior parcela dessa renda.

O petróleo financiou também a ajuda a Cuba, aos caribenhos e a criação da Alba, Aliança Bolivariana. Embora haja alguma semelhança entre os bolivarianos, as diferenças são ainda mais acentuadas. No fundo, o modelo chavista não se mostrou exportável devido à especificidade petrolífera venezuelana.

Dotado de grande habilidade tática, Chávez sobreviveu ao golpe de 2002, à greve geral daquele ano e à derrota de sua reforma constitucional de 2007. A maioria do chavismo é indiscutível, mas a oposição oscila em torno de significativa parcela de 40% do eleitorado, expressão de sociedade polarizada e radicalizada em dois segmentos diferenciados pela classe social e até pelo grau de miscigenação racial.

O desaparecimento de Hugo Chávez não significará a extinção do movimento de genuína base social que fundou, da mesma forma que não se apagaram os legados de Getúlio Vargas, Juan Perón ou Haya de La Torre. Não é impossível que, num primeiro momento, sua morte gere (como no suicídio de Getúlio ou na morte de Néstor Kirchner) um efeito de simpatia em favor dos sucessores. É o que parece ter ocorrido nas eleições regionais de dezembro, em que a oposição só conseguiu manter três dos sete governos estaduais que detinha. O desafio do chavismo virá mais adiante, devido ao seu fracasso na economia e na efetivação de muitas das reformas que tentou introduzir.

Ainda assim, seria pecar por superficialidade subestimar Chávez devido a seus dotes histriônicos ou descartá-lo como mais um caudilho populista latino-americano, ignorando a profunda aspiração de transformação social e cultural à qual buscou dar expressão. A ascensão dos setores populares próximos da linha de pobreza, sua exigência de dignidade e vida melhor, continuarão a alimentar na Venezuela e na América Latina movimentos que só se esgotarão quando se realizar sua promessa. Como o surgimento de um ator novo acarreta mudanças na posição de outros, é provável que isso gere desestabilização por décadas como aconteceu na Europa do século XIX.

Não compreender por que milhões de venezuelanos rezam por Chávez é repetir a experiência narrada por Ernesto Sabato sobre a queda de Perón em 1955. O escritor comemorava com amigos intelectuais e profissionais liberais o fim do ditador que envergonhava a Argentina até que, em certo momento, teve de entrar na cozinha. Lá, todos os empregados choravam...

Rubens Ricupero foi ministro da Fazenda (1994) e atualmente é diretor da Faculdade de Economia da Faap

Fonte: <http://www.valor.com.br/internacional/3033332/o-legado-de-chavez>

Mundo

Maduro assume, e Venezuela terá eleições em 30 dias, diz chanceler

Tribunal Supremo de Justiça deve se pronunciar sobre o caso.

Presidente Hugo Chávez morreu nesta terça aos 58 anos em Caracas.

Do G1, em São Paulo

O ministro de Relações Exteriores da Venezuela, Elías Jaua, disse nesta terça-feira (5) que, após a morte do presidente Hugo Chávez, o país vai convocar eleições dentro de 30 dias.

Jaua afirmou também que o vice-presidente, Nicolás Maduro, vai permanecer interinamente no poder.

"Agora se produziu uma falta absoluta [do presidente], assume o vice-presidente o poder como presidente, e eleições vão ser convocadas nos próximos 30 dias", disse Jaua na TV Telesur.

"Essa é a ordem que nos deu o comandante presidente Hugo Chávez."

A Constituição da Venezuela prevê que, no caso de morte do presidente, o governo seja assumido pelo presidente da Assembleia, Diosdado Cabello, mas há outras interpretações.

Aguarda-se que o Tribunal Supremo de Justiça, principal corte venezuelana, se pronuncie sobre o tema.

Jaua também disse que o país está em "total normalidade" horas após a morte de Chávez.

Jaua afirmou que o corpo de Chávez, que morreu em um hospital militar de Caracas, vai ser levado na quarta-feira ao hall da Academia Militar, em Caracas, onde será velado até sexta, mesmo dia em que ocorrerá seu funeral.

A expectativa é que vários líderes e personalidades latino-americanos participem do velório. Eles devem participar de uma cerimônia às 10h (11h30 de Brasília) de sexta.

O local do enterro ainda não foi revelado.

O governo também determinou sete dias de luto oficial, segundo o chanceler.

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/03/maduro-assume-e-venezuela-tera-eleicoes-em-30-dias-diz-chanceler.html>

O que diz a Constituição sobre a sucessão de Chávez

France Presse

CARACAS, 06 Mar 2013 (AFP) - O chanceler venezuelano, Elías Jaua, anunciou nesta terça-feira que o vice-presidente, Nicolás Maduro, exercerá a presidência interina após a morte de Hugo Chávez, com a missão de convocar eleições 'nos próximos 30 dias', como 'determinou o comandante presidente'.

Mas a Constituição venezuelana de 2000 estabelece o seguinte:

Artigo 233 - 'Serão faltas absolutas do presidente ou presidenta da República: sua morte, sua renúncia, sua destituição decretada por sentença do Supremo Tribunal; sua incapacidade física ou mental permanente certificada por junta médica designada pelo Supremo Tribunal e com a aprovação da Assembleia Nacional; o abandono do cargo, declarado como tal pela Assembleia Nacional, e a revogação popular de seu mandato.

'Quando se produzir a vacância absoluta do presidente eleito ou presidenta eleita antes da posse, se procederá a uma nova eleição universal, direta e secreta, dentro dos trinta dias consecutivos seguintes. Enquanto se elege e toma posse o novo presidente ou nova presidenta, se encarregará da presidência da República o presidente ou presidenta da Assembleia Nacional.

'Se a falta absoluta do presidente ou presidenta da República ocorrer nos primeiros quatro anos do período constitucional, se procederá uma nova eleição universal, direta e secreta nos trinta dias consecutivos seguintes. Enquanto se elege e toma posse o novo presidente ou nova presidenta, se encarregará da presidência da República o vice-presidente executivo ou a vice-presidenta executiva.

'Se a falta absoluta ocorrer durante os últimos dois anos do período constitucional, o vice-presidente executivo ou a vice-presidenta executiva assumirá a presidência da República até o final do referido período'.

A situação após a morte de Hugo Chávez é excepcional, já que ele não tomou posse para o terceiro mandato consecutivo de seis anos no dia 10 de janeiro passado, diante da Assembleia Nacional, como previa a Constituição, mas o Supremo Tribunal decidiu que ele poderia fazê-lo mais tarde, no próprio órgão, e que o 'poder executivo constituído permanecia sendo exercido cabalmente com base no princípio da continuidade administrativa'.

Antes de viajar a Havana para a quarta operação contra um câncer, Chávez disse que se ficasse 'inabilitado' para governar, Maduro deveria assumir o governo e ser o candidato governista.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

'Nicolás Maduro não apenas deve concluir o período, mas na minha firme opinião, plena como a lua cheia, irrevogável, absoluta, total, é que neste cenário, que obrigará a convocação de eleições presidenciais, que elejam Nicolás Maduro como presidente da República Bolivariana da Venezuela'.

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/03/o-que-diz-a-constituicao-sobre-a-sucessao-de-chavez.html>

07/03/2013

Mundo

Missão é eleger chavista, diz chefe militar

Flávia Marreiro, Enviada especial a Caracas

Apenas horas depois do anúncio da morte de Hugo Chávez, o ministro da Defesa da Venezuela, Diego Molero, provocou a ira da oposição ontem ao prometer que as Forças Armadas do país vão trabalhar para eleger o herdeiro escolhido pelo esquerdista, o atual presidente interino Nicolás Maduro.

O pronunciamento foi feito na TV oficial venezuelana. "Agora mais que nunca o povo venezuelano e a Força Armada Nacional Bolivariana devem estar unidos para chegar ao objetivo ou à missão que ele [Chávez] nos encomendou, que é levar nosso atual vice-presidente da República, Nicolás Maduro, a ser o próximo presidente eleito de todos os venezuelanos", disse o almirante Molero.

A oposição, em nota, reagiu: "Quando a Venezuela inteira quer unidade e paz e um clima de respeito predomina, contrastam por inaceitáveis as declarações do ministro que, além de falsas, são inconstitucionais", disse Ramón Guillermo Aveledo, secretário-executivo da MUD, a coalizão que reúne os partidos da oposição.

O alinhamento da cúpula das Forças Armadas ao projeto socialista não é novo, mas é considerado um dos legados institucionalmente mais delicados dos 14 anos de chavismo.

MADURO INTERINO

Integrantes da oposição protestam também pela solução legal que transformou o vice Maduro em presidente interino --ontem ele assinou seu primeiro decreto com o novo status-- até as novas eleições presidenciais.

O governo diz que elas acontecerão em 30 dias, conforme diz a Constituição, mas não divulgou data. A nova votação dependerá da capacidade técnica de organização do CNE, a autoridade eleitoral, mas a aposta dos analistas é que não deve demorar, já que o clima de comoção com a morte de Chávez favorece os governistas.

De acordo com a Carta, em caso de morte de um presidente eleito que não tomou posse, como era o caso de Chávez, é o presidente da Assembleia Nacional, o chavista Diosdado Cabello, e não o vice, quem deve ficar na Presidência interinamente.

O governo, no entanto, chancelado por decisão da principal corte do país em janeiro, segue a tese que diz que há "continuidade administrativa" entre os dois mandatos de Chávez e, portanto, não há por que o chefe do Legislativo assumir.

Enquanto deputados opositores mais radicais, como Maria Corina Machado, e alguns constitucionalistas insistem que Cabello ocupe a Presidência interina, outra ala da oposição escolhe um caminho mais pragmático de acatar Maduro no cargo.

O raciocínio é que pouco vale estrilar já que o TSJ (Tribunal Supremo de Justiça) é alinhado ao chavismo.

Para esses dirigentes, a oposição deve focar na preparação de sua candidatura presidencial. O provável nome é o governador de Miranda, Henrique Capriles.

Fonte:

<http://www.mipais.com.uy/prensa/verNoticia.php?usr=parlmercosur5&acc=9850464&pid=TEctMTk1NzcyLUJSLTA3LzAzLzIwMTM=>

O legado de Chávez

Chávez fez bem ou mal à Venezuela? Essa é uma pergunta difícil. Para começar, qualquer resposta que se dê, mais ou menos a metade do leitorado brasileiro a tomará como mero exercício ideológico, desprovido de qualquer fundamento fático. Em segundo lugar, o legado do presidente venezuelano é de fato ambíguo, ostentando duas ou três medições que lhe são francamente favoráveis, mas também uma longa lista de problemas, alguns dos quais graves.

Na opinião média dos venezuelanos, que é a que mais conta, o líder foi aprovado com louvor. Eleito pela primeira vez em 1998, em meio a uma crise de legitimidade dos políticos tradicionais, repetiu o feito em 2000, 2006 e 2012 --sempre com mais de 54% dos votos-- , sem mencionar os referendos e reformas constitucionais em que suas teses foram aprovadas.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

O segredo deste sucesso, como o de quase todos os êxitos eleitorais, está na economia ou melhor, na percepção que os eleitores têm de suas perspectivas econômicas. E Chávez foi capaz de reduzir a pobreza. A renda per capita venezuelana saltou de US\$ 3.889 em 1998 para US\$ 11.131 no ano passado. A miséria oficial (deixemos aqui de lado as sutilezas do cálculo) despencou de 20,3% da população para apenas 7%. Também foram registrados ganhos consideráveis na educação e na saúde, além de programas inegavelmente populistas, mas populares como a distribuição de casas próprias.

Se há um feito pelo qual Chávez merece reconhecimento, é o de ter forçado uma repartição mais equitativa da renda. O pecado coletivo dos dirigentes latino-americanos ao longo dos últimos séculos foi o de ignorar solenemente os pobres, tratando-os apenas como mão de obra pouco qualificada e barata. E nem é preciso recorrer a sentimentalismos ou metafísica esquerdista para perceber que isso é um erro. Nenhum país cresce de maneira sustentável sem criar um mercado interno digno deste nome e incorporar cada vez mais cidadãos às fileiras de uma classe média educada e capaz de produzir inovações.

Embora o líder bolivariano não tenha sido o primeiro a erguer a bandeira da distribuição de renda, ele soube enfrentar e derrotar as forças que se empenhavam em manter os velhos privilégios. Chávez poderia ser considerado um herói se a história acabasse aqui, mas ela não acaba.

Um pouco por causa de sua personalidade, um pouco pela necessidade de cumprir logo seus objetivos, o mandatário destruiu muita coisa no meio do caminho.

Mesmo a economia, que responde pelo grosso de sua popularidade, apresenta problemas sérios, que mais cedo ou mais tarde cobrarão seu preço aos venezuelanos. A inflação é elevadíssima, tendo atingido 23,2% em 2012 --e isso, vale lembrar, num contexto em que praticamente todos os países do globo foram capazes de contê-la em níveis bem mais baixos. Pior, ela vem acompanhada de desabastecimento. Falta um pouco de tudo na Venezuela, de itens alimentares como açúcar, frango, óleo de cozinha e farinha de milho, até energia elétrica. Os apagões, ao lado do racionamento, se tornaram rotina e quem mais prospera é o mercado negro.

Olhando para a frente, o problema é o investimento. Até por seu discurso, Chávez afastou o capital privado, e a PDVSA, a estatal gigante do setor petrolífero, que serviu de caixa para o projeto bolivariano, dá claros sinais de esgotamento.

Vale lembrar que o dirigente só conseguiu fazer o que fez porque surfou num período extremamente favorável para a Venezuela. O país guarda as maiores reservas privadas de petróleo

do mundo (297 bilhões de barris), produto que viu seu preço médio saltar de US\$ 12,3 o barril em 1998 para US\$ 109,4 em 2012. A pergunta é se um administrador mais judicioso não teria conseguido extrair muito mais dessa bonança extraordinária.

Os maiores estragos, entretanto, estão fora da economia. Chávez aprimorou o estilo Fujimori de fazer política, que é o de esticar as instituições até o ponto de deformá-las, mas sem nunca promover um rompimento formal. Foi assim que ele criou uma Superpresidência, que pode mais ou menos tudo, e desfigurou o Judiciário, transformando-o num órgão dócil. Algo parecido ocorreu com o Legislativo, mas muito por culpa da oposição que, num gesto merecedor do troféu Darwin de melhoria da espécie, boicotou as eleições parlamentares de 2005, dando ao Executivo um quinquênio de supremacia absoluta sobre a Assembleia Nacional.

Outro importante ponto negativo a destacar é que ele aparelhou as estruturas do Estado, colocando aliados políticos em todos os cargos que conseguiu, mesmo que isso tivesse altos custos em termos de eficiência. A PDVSA foi vítima preferencial dessa política e, não por acaso, viu sua produção de petróleo cair nos últimos anos.

Chávez também intimidou opositores e jornalistas, mas seria rematado exagero falar em violações sistemáticas aos direitos humanos e ameaça à liberdade de imprensa. Os jornais locais sempre puderam fazer --e fizeram-- críticas duras contra o líder.

A muito mencionada e em vários círculos celebrada retórica anti-EUA é justamente isso: apenas retórica. Apesar de pintar dirigentes norte-americanos e outros alvos identificados com o capitalismo como o diabo, o comércio entre Caracas e Washington só fez crescer durante a administração do idealizador do socialismo bolivariano.

As muitas avarias institucionais provocadas pela gestão Chávez podem parecer coisa menor, sobretudo se comparadas aos ganhos na distribuição da renda. Seria um erro, porém, desprezar sua importância. Caberá aos historiadores do futuro emitir pareceres mais definitivos, mas eu acredito que elas poderão custar ao dirigente uma apreciação benigna da posteridade.

A questão central é que, no mundo contemporâneo, instituições são tudo. Já falei aqui do livro "Why Nations Fail" (por que nações fracassam), de Daron Acemoglu e James Robinson, em que eles mostram de forma bastante persuasiva que, no longo prazo, países só funcionam quando contam com instituições que promovem o poder político dos cidadãos e lhes permitem tirar proveito das oportunidades econômicas.

Chávez até maximizou as possibilidades de os mais pobres usufruírem das comodidades materiais do mundo moderno, mas fracassou em modernizar as instituições políticas do país. Ao contrário, ele as distorceu, fazendo com que se subordinassem, não aos interesses do Estado, como seria desejável, mas a seu projeto de aferrar-se ao poder, bem ao estilo do velho populismo latino-americano.

Na melhor das hipóteses, o país levará algumas décadas para recompor estruturas de Estado impessoais e com uma repartição equilibrada entre os Poderes. Definitivamente, Chávez não foi um estadista.

Hélio Schwartzman é bacharel em filosofia, publicou "Aquilae Titicans - O Segredo de Avicena - Uma Aventura no Afeganistão" em 2001. Escreve na versão impressa da Página A2 às terças, quartas, sextas, sábados e domingos e às quintas no site.

Fonte:

<http://www.mipais.com.uy/prensa/verNoticia.php?usr=parlmercosur5&acc=3435059&pid=TEctMTk1Nzg0LUJSLTA3LzAzLzIwMTM=>

Internacional

Planalto avalia que mudança não afetará empresas brasileiras

Por Sergio Leo | De Brasília

A possibilidade de mudanças nas perspectivas de companhias brasileiras com negócios bilionários na Venezuela tem mais a ver com possíveis turbulências na economia venezuelana que com eventuais mudanças de rumo promovidas pelo vice-presidente Nicolás Maduro, candidato do chavismo à sucessão de Hugo Chávez e indicado pelas forças políticas dominantes no país como responsável pela condução do processo eleitoral. Essa é a avaliação predominante no governo brasileiro, que vê Maduro como um interlocutor confiável e amistoso com o Brasil.

Maduro chegou a ajudar o governo brasileiro a apaziguar atitudes belicosas de Chávez, no ano passado. Quando Chávez quis cortar o fornecimento de petróleo ao Paraguai após o impeachment do presidente Fernando Lugo, Maduro foi o intermediário dos apelos brasileiros para evitar sanções econômicas ao país. Foi também quem moderou as posições venezuelanas nas discussões da Rio +20, a conferência sobre o clima hospedada pelo Brasil em meados de 2012; e quem viabilizou a ordem de Chávez para acelerar as negociações da Venezuela para adoção das normas do Mercosul, necessárias para integração do país ao bloco.

Durante os últimos dias de doença de Chávez, Maduro, interinamente no governo, manteve sem mudanças o relacionamento com as companhias brasileiras que atuam no país, e, nas conversas que teve com autoridades como o assessor especial da Presidência Marco Aurélio Garcia e o ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota, manifestou interesse em seguir com os planos de Chávez de buscar associações com empresas brasileiras para as reformas no setor produtivo que o líder bolivariano pretendia fazer no esforço para reduzir a dependência da economia venezuelana em relação ao petróleo.

Durante as negociações no ano passado para incorporação das tarifas do Mercosul pela Venezuela, e para remoção de barreiras tarifárias, os negociadores venezuelanos, subordinados a Maduro, reservaram uma lista de "produtos sensíveis" de apenas 777 itens, com prazos mais longos de redução de tarifas e aceitaram, inclusive, acrescentar o setor automotivo na lista de produtos que passarão a ter livre comércio com o Brasil a partir de 2014 - os venezuelanos fizeram questão de incluir nos acordos menções ao "fortalecimento do sistema produtivo", termo usado para os projetos bilaterais de apoio aos planos de industrialização do país defendidos por Chávez.

A forte influência dos militares, em quem Maduro buscou apoio após a morte de Chávez, serve de garantia para a manutenção do contrato de até US\$ 780 milhões firmado com a Embraer para aquisição de 20 cargueiros E-190 (dez deles com a compra garantida neste ano).

O governo venezuelano assinou recentemente contrato para ampliação da termelétrica de Cumanã com a Andrade Gutierrez, com quem tem negócios que somam quase US\$ 4 bilhões. A Odebrecht, que tem receitas anuais de R\$ 3 bilhões com sua subsidiária na Venezuela, anunciou neste ano a inclusão do país em seus planos de investimento na área de petróleo, onde é associada, em dois campos, à estatal PDVSA.

Tranquilos em relação ao interesse de Maduro em manter as boas relações com o Brasil estabelecidas na era Chávez, o governo e as empresas brasileiras só não arriscam previsões sobre as chances do futuro presidente na gestão dos difíceis desafios da economia venezuelana, como a inflação crescente e a alta ineficiência das empresa nacionalizadas pelo chavismo.

Fonte: <http://www.valor.com.br/internacional/3035094/planalto-avalia-que-mudanca-nao-afetara-empresas-brasileiras>

Mundo

Influência do Brasil na América Latina pode aumentar após morte de Chávez

Para sociólogo, projeto de integração brasileiro pode ganhar espaço.

Poder de retórica de Chávez aumentava influência da Venezuela, diz ele.

Ana Carolina Moreno

A morte do presidente da Venezuela, Hugo Chávez não deve mudar imediatamente o rumo do país no cenário nacional e mundial, já que o próximo presidente eleito deve ser chavista e manter um governo de continuidade.

Porém, o vazio que uma figura com o carisma e a retórica do venezuelano, que morreu de câncer na terça-feira (5), vai deixar no plano internacional pode fazer com que o projeto de integração latino-americana do governo brasileiro ganhe espaço e influência.

Em entrevista ao G1, o sociólogo Flávio da Silva Mendes, doutorando da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e autor do livro "Hugo Chávez e seu labirinto", afirmou que, embora próximos, Venezuela e Brasil têm visões distintas de como a integração regional deve ser feita.

"A estratégia de Chávez, aliado de Cuba, Bolívia e Argentina, era um projeto de integração nacional através de uma política com características ideológicas. Já o projeto de integração do Brasil é de natureza econômica, passa pelo Mercosul, pela internacionalização das empresas, pela instituição de cortes bilaterais", explicou Mendes.

Para ele, talvez o Brasil ganhe mais espaço nas relações internacionais e "triunfe na abertura de espaço da integração regional pelo mercado".

Mendes disse que, comparativamente, a influência geopolítica do Brasil já era maior que a da Venezuela, mas "Chávez conseguia, com a força de seu discurso e retórica, aumentar um pouco a influência venezuelana", o que deve não ocorrer mais daqui para a frente.

Relação bilateral econômica

Porém, o sociólogo brasileiro descartou uma mudança na relação bilateral entre o Brasil e a Venezuela, mesmo se a oposição chegar à presidência do país.

"O pilar da relação dos dois países é econômico. Mesmo que vença o [Henrique] Capriles, candidato da oposição, o programa dele é de reformas econômicas e sociais que não vão provocar mudanças ou o corte de relações do Brasil."

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Mendes afirma que, hoje, essa chance é pequena, porque a oposição ainda não foi capaz de se unir em torno de um projeto de poder que passe confiança à população venezuelana, nem aos eleitores que não apoiam o chavismo. Além disso, o histórico de derrotas consecutivas para Chávez em diversos referendos, e nas eleições do ano passado, somado à tentativa de tomada de poder por meio de um golpe e de boicotes, não depõem favoravelmente aos grupos que há anos tentam afastar o chavismo da presidência.

Para o sociólogo, somente os próximos anos mostrarão se a oposição conseguirá aumentar sua influência interna para chegar ao poder, e também se Nicolás Maduro saberá tirar proveito de sua condição de herdeiro político de Chávez para manter seu espaço e a união do chavismo.

Legado de Chávez

Atualmente, o principal desafio do vice de Chávez é reduzir a dependência do país da renda petroleira. Na visão do especialista ouvido pelo G1, o presidente morto na terça deixou registrada na história da Venezuela uma série de evoluções nos indicadores sociais e econômicos, principalmente no que diz respeito à diminuição da pobreza.

O legado que Maduro recebeu, para Mendes, não é um “programa revolucionário”, mas sim “um programa de reformas sociais e econômicas com vários problemas”. Nas questões sociais, porém, houve avanços que vieram para ficar.

“Entre eles está a politização de boa parte da população venezuelana, que vão manter a cobrança em relação ao Estado”, diz Mendes, para quem isso vai continuar independentemente de quem estiver no poder.

Interferência externa

Ele não acredita que, apesar de setores da oposição se relacionarem e trocarem informações com o governo americano, uma possível interferência de outros países no processo eleitoral interno da Venezuela seja um temor concreto.

“Se fosse no final dos anos 1990, seria mais provável. Hoje houve uma mudança muito importante, principalmente quando aos Estados Unidos, um país que sempre teve interesse na América Latina, mas que perdeu influência em função do governo de Chávez e de vários outros governos”, explica o sociólogo.

Já a pressão sobre Maduro na posição venezuelana a respeito de governos de países que Chávez tradicionalmente apoiou, como Síria, Irã e Coreia do Norte, pode ser maior, na visão de Mendes,

porque dentro do próprio chavismo há correntes que se opunham às polêmicas declarações do presidente morto.

“Esse é talvez um ponto em que abram novas expectativas. Havia muita divergência dentro do chavismo em relação a declarações de Chávez sobre esses países, alguns eram contra, mas as questões acabavam sendo colocadas de lado, pensadas como de segundo plano.” Para o sociólogo, esse desafio será difícil para Maduro, porque “todas essas questões passam pela política, mas também pela economia, por causa do petróleo nos países árabes.”

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/hugo-chavez/noticia/2013/03/influencia-do-brasil-na-america-latina-pode-aumentar-apos-morte-de-chavez.html>

O legado de Chávez: os prós e os contras

Veja cinco argumentos a favor das medidas tomadas pelo ex-coronel e outras cinco que criticam seu governo.

Da BBC

A morte de Hugo Chávez na terça-feira (5), aos 58 anos, marca o fim de um período de quase 14 anos nos quais o ex-coronel esteve à frente do país e promoveu inúmeras transformações - defendidas por seus simpatizantes e criticadas pelos opositores.

Confira aqui uma lista de cinco argumentos a favor e cinco contra Chávez.

CINCO ARGUMENTOS PRÓ-CHÁVEZ

1- Combate à desigualdade

Durante o período de Hugo Chávez na Presidência, de 1999 até 2013, a desigualdade na Venezuela caiu gradualmente, da mesma forma que ocorreu na maior parte da região.

O país tem hoje a distribuição de renda mais igualitária da América Latina, medida pelo coeficiente Gini.

No ano passado, o coeficiente Gini da Venezuela (que varia entre 0, mais igualitário, a 1, mais desigual) ficou em 0,39. Para efeito de comparação, o coeficiente Gini do Brasil, o mais baixo desde que a desigualdade começou a ser medida, é de 0,52.

2- Atenção aos pobres

Hugo Chávez concentrou grande parte dos esforços de seus governos em programas de assistência aos pobres, além de promover as chamadas 'missões' para combater problemas como o analfabetismo ou a mortalidade infantil.

Segundo dados do Banco Mundial, a porcentagem de venezuelanos que vivem abaixo da linha de pobreza caiu de 62,1% em 2003 para 31,9% em 2011.

No campo da educação, os dados da Unesco mostram que a taxa de alfabetização, que em 1991 era de 89,8%, foi elevada a 95,5% em 2010, e a porcentagem de jovens frequentando o ensino secundário aumentou de 57%, em 1999, para 83% em 2010.

A mortalidade infantil no país caiu de 20 por mil nascimentos vivos, em 1999, para 13 por mil nascimentos vivos em 2011, em grande parte por conta dos programas para melhorar o atendimento de saúde da população mais pobre.

3- Política externa

Para os simpatizantes de Chávez, um de seus maiores êxitos foi o de elevar a importância da Venezuela no cenário global e de reposicionar as relações internacionais do país.

Com uma retórica fortemente anti-imperialista, Chávez rompeu a tradicional cordialidade nas relações da Venezuela com os Estados Unidos e apostou nas chamadas relações sul-sul, entre os países em desenvolvimento.

Utilizando ofertas de petróleo a custo baixo como atrativo, Chávez conseguiu também angariar apoio internacional de vários países às suas ideias.

Os opositores, porém, afirmam que o antagonismo com os Estados Unidos, maiores compradores do petróleo venezuelano, foi prejudicial ao país e questionam as alianças de Chávez com líderes como Saddam Hussein, na época que governava o Iraque, ou o atual presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, além de criticar uma suposta subordinação a Cuba.

4- Controle dos recursos naturais

Para os chavistas, até o fim dos anos 1990 a Venezuela desperdiçava o fato de ser um dos maiores produtores e exportadores de petróleo no mundo.

Em seus primeiros anos de mandato, Chávez promulgou a nova lei de hidrocarbonetos, que estabeleceu o domínio do Estado venezuelano sobre os combustíveis fósseis e o limite de 49% para a propriedade privada em atividades para a extração de petróleo e gás.

A partir de 2007, o governo venezuelano nacionalizou vários projetos ligados ao setor, de empresas como Exxon Mobil, ConocoPhillips e Total.

No período em que Chávez esteve à frente do governo venezuelano, a cotação internacional do petróleo passou de menos de US\$ 20 para os atuais US\$ 90, com altos e baixos pelo caminho - chegando a atingir a cotação de US\$ 145, recorde histórico, em julho de 2008.

O aumento na arrecadação advinda do aumento dos preços do petróleo ajudou Chávez a financiar seus principais programas sociais.

5- Carisma

Um dos maiores atributos de Hugo Chávez, reconhecido tanto pelos simpatizantes quanto pelos opositores, foi o seu carisma.

Chávez também era considerado um bom comunicador, capaz de elaborar de improviso discursos que muitas vezes podiam durar horas.

Aos domingos, estrelava sua própria atração na TV estatal, o Aló Presidente, no qual desfilava sua hiperatividade e mostrava aos cidadãos comuns do país seu estilo de governar 'ao vivo'.

Graças em parte ao seu carisma, Chávez foi capaz de vencer quatro eleições presidenciais, a última delas, em outubro do ano passado, com uma vantagem de nove pontos percentuais em relação ao segundo colocado, apesar do desgaste de 14 anos à frente do governo.

CINCO ARGUMENTOS CONTRA CHÁVEZ

1- Autoritarismo

Uma das principais críticas da oposição a Chávez é seu estilo autoritário e personalista.

Apesar de ter sido eleito quatro vezes à Presidência e de ter mantido em funcionamento as principais instituições democráticas do país, Chávez foi acusado de adotar medidas antidemocráticas.

O presidente também foi acusado de controlar os poderes independentes do país, como a Justiça, com a indicação de chavistas para postos-chave. Em consequência, Chávez teria se beneficiado de diversas decisões judiciais, como a recente decisão do Tribunal Supremo de Justiça, em janeiro, de que o presidente, internado em Cuba, não precisaria tomar posse oficialmente em seu novo mandato, por ser uma continuação do mandato anterior.

Outro ato de Chávez apontado como exemplo de seu estilo autoritário foi sua reação após perder um referendo em dezembro de 2007 para acabar com a limitação de mandatos presidenciais, que

o impediria de se candidatar novamente à reeleição, em 2012. Ao invés de aceitar o resultado, ele promoveu um novo referendo, em fevereiro de 2009, no qual conseguiu aprovar a mudança.

2- Corrupção

O discurso anticorrupção foi uma das principais bandeiras de Chávez em sua tentativa de golpe de Estado contra o então presidente Carlos Andrés Pérez, em 1992, e depois em sua primeira campanha à Presidência, em 1998.

Mas a oposição acusa Chávez de ter aparelhado o Estado venezuelano e aumentado a corrupção no país ao invés de combatê-la.

Segundo o último relatório da ONG Transparência Internacional, a Venezuela aparece em 165º lugar em uma lista de 176 países em um ranking de percepção da corrupção no mundo.

A percepção da corrupção na Venezuela é a maior da América Latina, segundo o ranking da Transparência.

3- Problemas econômicos

Apesar de se proclamar socialista, Chávez não conseguiu eliminar uma das maiores mazelas econômicas que afetam principalmente a população de renda mais baixa, a inflação. Com índices que chegam a 30%, a Venezuela tem a maior inflação da América Latina. Seu governo também falhou em não criar uma política econômica de longo prazo que fosse capaz de evitar a recessão.

A estrutura econômica herdada de governos anteriores na qual a atividade produtiva se resumia praticamente à exploração de petróleo, se manteve intacta na era Chávez.

Não houve diversificação do campo produtivo e o principal motor da economia continuou sendo o petróleo. O país permanece extremamente dependente do lucro do petróleo, que implica em aproximadamente 95% das exportações ou cerca de 12% do PIB.

O déficit orçamentário do governo atingiu 17% do PIB em 2012. Já a dívida pública, apesar da valorização do petróleo, subiu para 49% do PIB.

4- Liberdade de imprensa

A relação de Chávez com a imprensa também foi complicada: o líder venezuelano acusava diversos veículos de atuar como 'porta-vozes' da oposição.

O presidente venezuelano era chamado de populista e autocrático, acusado de ameaçar a liberdade de imprensa e de utilizar a máquina estatal para perseguir aqueles que discordavam de sua 'revolução'.

Entre as acusações contra Chávez estão a de que querer silenciar a mídia privada do país. Em 2007, após sua terceira eleição, Chávez não renovou a concessão para a RCTV, segunda maior rede de TV do país. A RCTV havia sido acusada, ao lado de outras TVs privadas, de apoiar a tentativa de golpe contra Chávez em 2002.

A ONG Humans Right Watch criticou o legado 'autoritário' deixado por Chávez, dizendo que ele aumentou radicalmente o controle da imprensa e tentou justificar suas políticas nesse campo alegando que eram necessárias para 'democratizar' as TV abertas do país.

'No entanto, em vez de fomentar o pluralismo, o governo abusou de seu poder regulatório para intimidar e censurar seus críticos. Ampliou de um para seis os canais administrados pelo governo', acrescentou a HRW.

5 - Violência

A violência urbana fugiu ao controle na Venezuela durante as gestões de Chávez. Segundo estatísticas do escritório especializado em crimes e drogas da ONU (Unodc), quando o mandatário assumiu o poder em 1999, a taxa de homicídios era de 25 para cada 100 mil habitantes. Em 2010, esse número havia subido para 45 por 100 mil habitantes - o que representa uma elevação de 80%.

A taxa é a mais alta da América do Sul. No mesmo ano, o Brasil registrou índice de 21 por 100 mil. O patamar acima do qual os homicídios são considerados endêmicos é 10 por 100 mil habitantes.

O nível de violência era particularmente alto na capital Caracas, onde em 2009 foi registrada taxa de 122 assassinatos por 100 mil habitantes, segundo as estatísticas mais recentes.

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/03/o-legado-de-chavez-os-pros-e-os-contras.html>

Maduro asumió la presidencia

El canciller venezolano, Elías Jaua, dijo que será Maduro, elegido vicepresidente por Chávez en el mandato anterior y nombrado sucesor por el líder bolivariano antes de partir a Cuba, quien gobernará hasta las próximas elecciones.

La muerte del presidente Hugo Chávez abre el camino a la realización de un nuevo proceso electoral. El tiempo corre para el Partido Socialista Unido de Venezuela (Psuv) y la oposición,

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

encarnada en Henrique Capriles Radonski, que deben jugarse todas las cartas para hacerse un lugar en el Palacio de Miraflores. Nicolás Maduro quedó al frente de un país turbado por la pérdida, comandando a un pueblo que se manifestó masivamente en Caracas, poniendo el cuerpo en la calle, para darle su último adiós al dirigente político más importante de los últimos tiempos de Venezuela.

Según el artículo 233 de la Constitución venezolana, si la ausencia se produce antes de la jura del nuevo mandato, entonces debe asumir el presidente de la Asamblea Nacional, a cargo de Diosdado Cabello. Según el mismo artículo, el presidente de la Asamblea debe “proceder”, en un plazo de 30 días consecutivos, a un comicio donde se elegirá al candidato que completará el mandato de seis años –iniciado el 10 de enero pasado– vacante a partir del fallecimiento del líder bolivariano. Si la ausencia se hubiera producido después de la jura, entonces sería el vicepresidente quien debería asumir por 30 días y llamar a elecciones a realizarse dentro de ese plazo. En esa línea, el canciller venezolano Elías Jaua dijo que será Maduro, elegido vicepresidente por Chávez el mandato anterior y nombrado sucesor político por el líder bolivariano antes de partir a operarse en Cuba tres meses atrás, quien gobernará hasta las próximas elecciones. “Ahora se ha producido una falta absoluta, asume el vicepresidente de la República como presidente y se convoca a elecciones en los próximos 30 días, es el mandato que nos dio el comandante presidente Hugo Chávez el pasado 8 de diciembre”, manifestaba anteanoche el canciller en una entrevista concedida al canal Telesur.

El hasta ahora vicepresidente venezolano, Nicolás Maduro, confirmado por el Tribunal Superior de Justicia como el encargado de gestionar el gobierno durante la convalecencia de Chávez, ayer firmó su primer decreto como “presidente encargado”, tras la muerte de Chávez, al ordenar siete días de duelo en el país caribeño, según la Gaceta Oficial publicada ayer. “Se declaran siete días de Duelo Nacional, entre el 5 y el 11 de marzo de 2013, por el lamentable y penoso fallecimiento e irreparable pérdida del héroe de la patria Hugo Rafael Chávez Frías”, reza el texto estampado con la firma de Maduro. El gobierno no informó directamente del decreto. Maduro, que se desempeñaba como vicepresidente desde la reelección de Chávez en octubre pasado, asumió la presidencia amparado en el artículo 233 de la Constitución de la República Bolivariana de Venezuela, dijo la procuradora, Cilia Flores.

“En el momento en que él (Chávez) desaparece físicamente, inmediatamente y de forma automática se pone en vigencia el artículo 233, que establece que se encarga el vicepresidente y por un lapso de 30 días se convocará a nuevas elecciones”, manifestó Flores, en la misma línea en que se expresara Jaua en diálogo con Telesur. El canciller aseguró que Maduro asume como presidente siguiendo el mandato de Chávez, que designó al ahora ex vicepresidente como su heredero político y candidato de las filas oficialistas en las elecciones, aunque la enfermedad le

impidió firmar un decreto nombrando vicepresidente a Maduro para el mandato en curso. En Venezuela el cargo de vicepresidente no es electivo, sino que lo designa el presidente.

Jaua consideró que Chávez “leyó correctamente la Constitución” en su última aparición pública, del pasado 8 de diciembre, dos días antes de viajar a Cuba a someterse a la cuarta intervención en 18 meses por el cáncer que padecía. El diputado chavista y ex presidente de la Asamblea Fernando Soto Rojas había indicado que sería Cabello quien debería quedar en el poder.

Algunos constitucionalistas se habían pronunciado sobre la posibilidad de que el presidente de la Asamblea Nacional, Diosdado Cabello, sea quien asuma y encamine el país a las próximas elecciones.

El artículo 233 de la Constitución venezolana dispone como falta absoluta del Presidente o Presidenta de la República su muerte, su renuncia o su destitución decretada por sentencia del Tribunal Supremo de Justicia; su incapacidad física o mental permanente certificada por una junta médica designada por el Tribunal Supremo de Justicia y con aprobación de la Asamblea Nacional; el abandono del cargo, declarado como tal por la Asamblea Nacional, así como la revocación popular de su mandato.

En caso de que se produzca la falta absoluta del Presidente electo o Presidenta electa antes de tomar posesión –reza la Constitución– se procederá a una nueva elección universal, directa y secreta dentro de los treinta días consecutivos siguientes. Si la falta absoluta se produce durante los últimos dos años del período constitucional, el vicepresidente ejecutivo o la vicepresidenta ejecutiva asumirá la Presidencia de la República hasta completar dicho período. Si se produce antes de la jura, debe asumir el Ejecutivo el Presidente de la Asamblea Nacional y realizar elecciones en 30 días, señala el mismo artículo de la Constitución. Según las declaraciones de Jaua, el gobierno parece interpretar la frase “proceder a elecciones” como sinónimo de “llamar a elecciones”, por lo que el mandato de Maduro podría extenderse más allá de los 30 días, hasta que asuma el ganador de las próximas elecciones, que bien podría ser el propio Maduro, según los deseos de Chávez.

Sin embargo, el artículo 229 de la Constitución impide ser elegido presidente a quien “esté en ejercicio del cargo de vicepresidente ejecutivo, ministro, gobernador o alcalde en el momento de su postulación o en cualquier momento entre esta fecha y la de la elección”. Esa restricción no alcanzaría, sin embargo, a Maduro, quien a efectos de las próximas elecciones presidenciales, estará “en ejercicio” del cargo de presidente, señalan fuentes chavistas.

El Tribunal Supremo de Justicia determinó el 9 de enero pasado que no era necesario que Chávez jurara indefectiblemente al día siguiente, 10 de enero, como manda la Constitución, en virtud de no existir interrupción del ejercicio, ya que Chávez había sido reelegido. Aunque la Constitución no menciona fechas alternativas al 10 de enero, dice que si el presidente no puede jurar ante la Asamblea por cualquier motivo, puede hacerlo ante el TSJ. El tribunal consideró que la fecha del 10 de enero es “una formalidad que no impide la continuidad del gobierno y que se inicie un nuevo período presidencial”.

El 8 de diciembre pasado, al anunciar que debería someterse a una nueva cirugía por el cáncer que padecía, Chávez indicó que si algún acontecimiento lo inhabilitaba, invitaba al pueblo venezolano a que eligieran a Maduro como presidente. “Si se presenta una circunstancia sobrevenida, que me inhabilite para continuar al frente de la Presidencia, bien sea para terminar el mandato que quedan pocos días, y sobre todo para asumir el nuevo período para el cual fui electo por la mayoría de ustedes, si algo ocurriera que me inhabilitara, en ese escenario en que sería obligatorio convocar nuevas elecciones, mi opinión es que ustedes elijan a Nicolás Maduro como presidente”, señaló Chávez aquella noche.

Fonte: <http://www.pagina12.com.ar/diario/elmundo/4-215296-2013-03-07.html>

Mundo

ADIÓS A HUGO CHÁVEZ

Desde el veto al ALCA, hasta el ingreso al Mercosur, Chávez potenció el rol de Venezuela en la región

Desde la IV Cumbre de las Américas que se realizó en Mar del Plata, en 2005, la influencia del ex presidente de Venezuela Hugo Chávez, junto a sus pares de Argentina Néstor Kirchner y de Brasil Luiz Inácio Lula da Silva, permitió cambiar el paradigma político y económico de la región.

06.03.2013 - 19:53

En la ya histórica cumbre, los tres presidentes firmaron el acuerdo estratégico que puso fin a la iniciativa de la Asociación de Libre Comercio de las Américas (ALCA), que impulsaba el gobierno de Estados Unidos, y que se presentaba como el programa librecambista más ambicioso de todos los tiempos para el continente.

La oposición a aquel proyecto fue considerado como la defunción de los últimos resabios del período neoliberal que dominó la región de los 90, y generó el contexto en el que diciembre de 2005 la Argentina y Brasil avanzaron en su política de desendeudamiento con el Fondo Monetario Internacional.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

A nível regional, se crearam y consolidaron ámbitos de integración como la Alianza Bolivariana para los Pueblos de Nuestra América (ALBA), la Unión de Naciones Suramericana (UNASUR), la Comunidad de Estados Latinoamericanos y Caribeños (CELAC) y entidades como el Banco del Sur y el Sistema Unificado de Compensación Regional (SUCRE) con las que se buscó acotar la dependencia del dólar y promover la autonomía financiera regional.

El ingreso de Venezuela al Mercosur en julio pasado, tras más de cinco años del acuerdo presidencial, lo consolida como espacio de integración pos-neoliberal, contrapuesto a otras estrategias de integración basadas en el liderazgo de Estados Unidos y sus aliados en la región como la Alianza del Pacífico.

Fonte: <http://www.telam.com.ar/notas/201303/9631-con-el-veto-al-alca-y-el-ingreso-al-mercosur-hugo-chavez-potencio-el-rol-de-venezuela-en-la-region.html>

08/03/2013

Internacional

Comando chavista adverte a imprensa

Gabriela Freire Valente

Governistas capitalizam a comoção popular para reforçar a candidatura de Nicolás Maduro e alertam os meios de comunicação contra "provocações". Oposição procura se manter unida na ausência do grande adversário

A relação tempestuosa entre a imprensa venezuelana e o regime bolivariano, uma das marcas dos 14 anos de governo de Hugo Chávez, voltou ontem à cena em meio à comoção popular pela morte do presidente — e ameaça projetar sombras no processo sucessório. O chanceler Eliás Jaua advertiu ontem os meios de comunicação para que tratem com cautela as informações sobre o líder e evitem análises políticas "que possam provocar o povo" e gerar "situações de violência". Segundo Jaua, "a direção político-militar da Revolução Bolivariana está fazendo os maiores esforços para canalizar a dor da população". O vice-presidente Nicolás Maduro, candidato do chavismo na eleição a ser realizada nos próximos 30 dias, reforça o vínculo de sua imagem com o presidente morto na terça-feira, enquanto a oposição se manifesta com timidez.

De acordo com o jornal El Universal, o presidente da Mesa de Unidade Democrática (MUD), Pedro Meléndez, voltou a clamar pela "reconciliação nacional" e pelo diálogo, para que a Venezuela "siga adiante com a democracia". Apesar de integrantes da coalizão opositora terem confirmado à agência Reuters a candidatura de Henrique Capriles, governador do estado de Miranda, Meléndez

afirmou que a escolha continua em discussão. “Essas condições se referem a uma estratégia política e eleitoral que se constrói com a morte do presidente eleito”, declarou.

Uma sondagem feita pela consultora Hinterlaces, antes da morte de Chávez, apontava 50% de intenção de voto para Maduro e apenas 36% para Capriles. Nessas condições, Luiz Fernando Ayerbe, Coordenador do Instituto de Estudos Econômicos Internacionais da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp), explica que o papel dos antichavistas no pleito se resumirá a sinalizar que há forças sociais contrárias ao governo e a buscar o fortalecimento para eleições futuras. “É um momento muito complicado, pois, com apenas 30 dias, é muito difícil organizar uma campanha”, pondera Ayerbe.

A oposição enfrenta ainda o desafio de se reestruturar, depois de ter perdido parte do poder de mobilização nas eleições passadas. Para Kenneth Roberts, professor de ciência política da Universidade Cornell, em Nova York, a ausência de Chávez deixa um vazio também para seus adversários. “As forças de oposição se uniram para desafiá-lo nas recentes eleições, mas permanecem fragmentadas”, escreveu ele, em artigo na publicação *Comparative Politics*.

Em meio à indefinição que cercou a agonia do presidente, a estratégia da oposição foi culpar Maduro — enquanto titular do governo, na ausência de Chávez — pelas dificuldades econômicas do país (leia Três perguntas para). Ontem, o Banco Central da Venezuela (BCV) informou que a inflação acumulada nos primeiros dois meses de 2013 é de 5%, o dobro do registrado no mesmo período do ano passado. Para Ayerbe, professor da Unesp, Maduro terá outras preocupações, além das críticas em torno da economia. “O desafio é muito mais interno. Ele terá de se firmar como líder, já que não tem unanimidade dentro do próprio chavismo”, explicou.

Diplomacia

Nas relações exteriores, Ayerbe acredita que Maduro não enfrentará grandes impasses, uma vez que comandou a pasta por cerca de seis anos e acumulou bons contatos com diversos chefes de Estado. Ayerbe minimizou o episódio da expulsão de adidos militares americanos, na terça-feira, dia da morte de Chávez. “Isso foi visto mais como uma manifestação a fim de marcar posição ideológica”, afirmou. Na quarta-feira, uma fonte do Departamento de Estado norte-americano afirmou que estão sendo avaliadas represálias. “Obviamente, temos o direito de reagir”, disse o funcionário.

Paralelamente, Washington parece trabalhar com a perspectiva de que a transição favoreça, a médio prazo, uma cautelosa normalização das relações bilaterais. “Continuamos aspirando a uma

relação mais produtiva e funcional. Acreditamos que podemos cooperar em interesses comuns, como a luta contra o narcotráfico”, declarou o mesmo funcionário do Departamento de Estado.

Três perguntas para

José Vicente Carrasquero, Professor de ciência política da Universidade Simón Bolívar e da Universidade Católica Andrés Bello, em Caracas

Com eleições à vista, os partidos venezuelanos já se preparam para a disputa?

Ainda não se veem sinais de campanha nas ruas, mas os partidos se preparam para o que vem e estão esperando o anúncio do Conselho Nacional Eleitoral sobre o que se pode fazer em termos de propaganda política. O que se pode dizer é que as cerimônias fúnebres estão sendo aproveitadas pelos governistas para fazer o que os psicólogos chamam de condicionamento clássico para criar uma associação direta entre Maduro e Chávez.

Caso seja eleito, Maduro terá o mesmo apoio com que seu mentor contou?

Maduro está longe de ter o apoio popular de Chávez. Seu governo não terá a mesma força e terá de recorrer para o aumento da repressão, como já está fazendo. Para resolver os problemas econômicos, alvo de críticas da oposição, ele terá que deixar de lado posições ideológicas nacionalistas e anticapital. Na falta disso, a Venezuela continuará afundando economicamente e socialmente — o que, é claro, tem implicações na capacidade do chavismo para permanecer no poder.

Qual pode ser a arma da oposição?

Maduro deverá enfrentar uma série de críticas quanto aos problemas que afetam os venezuelanos e a qualidade de vida, que já vem piorando. Problemas como a inflação, a escassez de produtos da cesta básica, o aumento da criminalidade e a falta frequente de energia configuram um quadro preocupante que se conjugará, futuramente, com as demandas dos sindicatos e de outros grupos de pressão dentro da sociedade.

Fonte: <http://clippingmp.planejamento.gov.br/?edicoes:list=544916bc19a4c0db4c8c5e0a4ea41b5c>

Internacional

Líder legislativo anuncia sessão sobre sucessão

Diosdado Cabello diz que Maduro toma posse hoje como presidente interino; segundo Carta, eleição deve ocorrer em um mês

ROBERTO LAMEIRINHAS , ENVIADO ESPECIAL / CARACAS - O Estado de S.Paulo

O corpo do presidente venezuelano, Hugo Chávez, será embalsamado "como o de Lenin e Mao Tsé-tung", anunciou ontem o presidente interino, Nicolás Maduro, acrescentando que o velório do líder continuará por pelo menos mais sete dias na Academia Militar, para que "todos os venezuelanos que queiram vê-lo, possam vê-lo".

Em outra declaração importante, o presidente da Assembleia Nacional, Diosdado Cabello anunciou para hoje uma sessão extraordinária do Legislativo para tratar da posse de Maduro como presidente encarregado e a convocação das eleições "como determina a Constituição venezuelana".

Assim, a cerimônia fúnebre de Estado marcada para hoje, com a presença de autoridades de alto nível de mais de 80 países não será encerrada com um sepultamento. Após ser embalsamado, o corpo ficará exposto no Museu Histórico da Revolução, no distrito de 23 de Enero, em Caracas.

Maduro também saudou e agradeceu, nas mesmas declarações, a presença da presidente Dilma Rousseff - que retornaria na madrugada de hoje ao Brasil -, do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e de outros líderes estrangeiros, como o cubano Raúl Castro e o iraniano Mahmoud Ahmadinejad.

Durante todo o dia de ontem, enquanto multidões de chavistas formavam filas quilométricas - e enfrentavam uma espera de até 12 horas para aproximar-se do caixão de Chávez - nas vias de acesso ao complexo militar de Forte Tiúna, uma disputa silenciosa se desenrolava nos bastidores da política venezuelana sobre o destino dos restos mortais do líder bolivariano.

Entre os chavistas mais radicais, crescia a aspiração - apoiada por centenas de milhares de mensagens no microblog Twitter - de depositar os restos de Chávez no Panteão dos Heróis, em Caracas, construído para abrigar o herói da independência da Venezuela, Simón Bolívar e outros próceres do país.

Mas a Constituição venezuelana estabelece que os restos de uma personalidade política só podem ser depositados no Panteão pelo menos 25 anos depois de sua morte. "Seria um golpe post-mortem", disse ao Estado um político da oposição que, diante do cuidado para não acirrar os ânimos do setor chavista, pediu para não ter o nome divulgado.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

O museu de 23 de Enero foi instalado no quartel onde Chávez se rendeu após liderar a tentativa de golpe contra Carlos Andrés Pérez, em 1992.

Os opositores também receberam com desconfiança o anúncio de Maduro de que o chavismo pretende estender a comoção social por mais uma semana. Desde a morte de Chávez, na terça-feira, o país vive sob luto oficial de sete dias. Líderes da Mesa de Unidade Democrática (MUD) têm aguardado o fim desse período para consolidar sua candidatura para as eleições presidenciais. Até ontem, a única autoridade do governo chavista a mencionar as eleições tinha sido o chanceler Elías Jaua.

"Com a manutenção da visitação ao corpo de Chávez por mais sete dias, abre-se o pretexto para adiar ainda mais o anúncio da data da eleição e o governo mantém sua militância organizada e sua mensagem na mídia por mais tempo", declarou a fonte do Estado.

"Chávez é o símbolo central do chavismo e o ativo fundamental para sua permanência no poder. Era previsível mantê-lo presente fisicamente", declarou o presidente do instituto de pesquisa Datanálisis, Luis Vicente León. Na avaliação de boa parte dos especialistas, a oposição - que deve ter como candidato o governador de Miranda, Henrique Capriles - terá o trabalho dificultado pela comoção popular que deve favorecer o chavismo.

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,lider-legislativo-anuncia-sessao-sobre-sucessao-,1005902,0.htm>

Internacional

PIB e importações da Venezuela devem sofrer forte freada

Por Assis Moreira | De Genebra

Enquanto o mercado acompanha atentamente a transição política na Venezuela, bancos projetam forte queda do crescimento econômico do país neste ano e expressiva baixa das importações, o que significa menos vendas brasileiras para o mercado vizinho.

Em 2012, a economia da Venezuela se expandiu 5,6%, no maior ritmo em cinco anos, turbinado por gastos em período eleitoral. Para este ano, as projeções apontam expansão próxima de 2%, segundo o banco americano J. P. Morgan, ou somente 1% para o Instituto Internacional de Finanças (IIF), que representa as maiores instituições financeiras mundiais.

O crescimento de 2012 foi impulsionado por programas do governo, em campanha eleitoral, que fizeram explodir consumo e investimentos. Agora, os efeitos dos estímulos fiscais tendem a diminuir. Além disso, tem o impacto inflacionário da forte desvalorização de fevereiro, que vai erodir o poder de compra.

Em todo caso, conforme o J. P. Morgan, o preço do barril de petróleo, em torno de US\$ 106, e a receita fiscal correspondente continuarão a apoiar o investimento público e manter um certo nível de alta consumo das famílias. O banco americano projeta que os investimentos fixos poderão crescer 9,5%, comparados a 23,3% no ano passado, e o consumo 4%, comparados a 6,9%.

Assim, após o recorde de importações de US\$ 59,3 bilhões em 2012, a Venezuela poderá comprar menos 8% de produtos estrangeiros neste ano no rastro de demanda doméstica mais modesta.

No ano passado, as importações tinham crescido 27% em relação ao ano anterior, com as compras externas do setor público aumentando 36,6%. Parte foi importação de derivados de petróleo, que aumentou 96% ou US\$ 11,8 bilhões.

Por sua vez, não se espera alta da produção de petróleo, que está em torno de 2,5 milhões de barris/dia. Em contrapartida, tanto os embarques do óleo para a China continuarão a aumentar, como a Índia poderá se tornar o próximo grande mercado para a PDVSA.

Para a China, os embarques variam entre 500 mil e 600 mil barris dias, dos quais 270 mil barris são destinados ao pagamento do serviço da dívida soberana.

Mas a estatal venezuelana do setor de energia fez recentemente acordo com a Reliance, companhia indiana, para vender entre 300-400 mil barris/dia de óleo pesado nos próximos anos.

Por sua vez, a petrolífera russa Rosneft se tornará a maior parceira da PDVSA. A Rosneft já produz 230 mil barris/dia na Venezuela. Agora, com novos acordos assinados, a expectativa é de que também a produção de gás se torne uma "boa surpresa" em termos de crescimento da produção no país. Atualmente, apesar de contar com enormes reservas, a Venezuela é importador líquido de gás natural.

Fonte: <http://www.valor.com.br/internacional/3036798/pib-e-importacoes-da-venezuela-devem-sofrer-forte-freada>

11/03/2013

Internacional

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Dilma tenta evitar atraso na adesão da Venezuela

Por Fernando Exman | De Caracas

O governo brasileiro acompanha de perto os desdobramentos políticos resultantes da morte do ex-presidente venezuelano Hugo Chávez não apenas para eventualmente apoiar o país vizinho nos esforços para garantir a estabilidade e tranquilidade necessárias à realização de novas eleições democráticas. A atenção das autoridades brasileiras está voltada aos sinais dos agentes políticos venezuelanos em relação à efetiva inclusão da Venezuela no Mercosul, medida considerada pelo governo Dilma Rousseff estratégica para as empresas nacionais que operam no país vizinho.

Depois que o Paraguai foi suspenso do Mercosul devido ao processo de impeachment que tirou o ex-presidente Fernando Lugo do poder, o ingresso da Venezuela no Mercosul foi formalizado em meados do ano passado. Era o Legislativo paraguaio justamente quem impedia a entrada da Venezuela no bloco. Desde então, Brasil, Uruguai e Argentina negociam um cronograma para que a adesão do país vizinho ao bloco se dê de forma efetiva.

Estão em discussão normas e nomenclaturas comuns, a Tarifa Externa Comum (TEC) e contribuições financeiras da Venezuela às instituições do Mercosul. As conversas avançaram mais rápido do que o previsto inicialmente, relatam diplomatas brasileiros. No entanto, o Brasil esperava que já no início deste ano a Venezuela adotasse algumas dessas medidas de forma concreta.

Esse foi um dos assuntos tratados pelas autoridades brasileiras que desembarcaram na quinta-feira em Caracas a fim de participar do velório de Chávez, cuja morte foi anunciada na terça-feira e deu fim à luta do líder venezuelano contra um câncer. A missão foi liderada pela presidente Dilma Rousseff, que foi acompanhada por políticos de esquerda e pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A comitiva brasileira inicialmente pernoitaria na capital venezuelana, mas ficou apenas poucas horas na cidade.

Na avaliação do governo brasileiro, a adesão da Venezuela ao Mercosul garante a segurança institucional necessária às empresas brasileiras que atuam na Venezuela. Diplomatas lembram que a Venezuela é o país que dá ao Brasil o segundo maior superávit comercial do país, depois apenas da China. A conta desconsidera a Holanda, pois o porto de Roterdã é a porta de entrada dos produtos brasileiros para diversos países da Europa.

Em 2012, o Brasil obteve um superávit de US\$ 4,05 bilhões nas relações comerciais com a Venezuela. A cifra é resultado de US\$ 5,06 bilhões em exportações e US\$ 996,8 milhões em importações. Os embarques para a Venezuela cresceram 10,11% em relação ao ano anterior, enquanto que as compras brasileiras de produtos do país vizinho caíram 21,29% no mesmo

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

período. Os produtos que o Brasil mais exportou no ano passado para a Venezuela foram carne, bois vivos, açúcar, frango, máquinas, autopeças e tratores. Já Venezuela vende ao Brasil principalmente nafta para a indústria petroquímica e coque de petróleo.

Outra avaliação feita pelo governo brasileiro é de que o vice Nicolás Maduro, que assumiu a presidência após a morte de Chávez, é o favorito para vencer as eleições que devem ser organizadas nos próximos dias. Ex-chanceler, Maduro é visto no Itamaraty como um interlocutor confiável e foi um dos responsáveis pelas negociações que levaram a Venezuela ao Mercosul.

No entanto, o governo brasileiro não deve se pronunciar oficialmente sobre a eleição presidencial e o processo político que levou Maduro ao exercício da presidência venezuelana. Algumas interpretações da Constituição venezuelana diziam que a presidência interina caberia ao presidente da Assembleia Nacional e não ao vice-presidente, no caso de ausência absoluta do presidente eleito.

Chávez foi reeleito, mas não chegou a tomar posse devido ao tratamento de saúde que realizou em grande parte em Cuba. Mesmo assim, definiu-se que Maduro, seu vice, seria responsável pela continuidade do governo reeleito, exerceria a presidência de forma interina e convocaria novas eleições em 30 dias. Para o governo Dilma, essa é uma discussão que cabe às instituições venezuelanas.

Fonte: <http://www.valor.com.br/internacional/3039312/dilma-tenta-evitar-atraso-na-adesao-da-venezuela>

Mundo

Maduro e Capriles abrem disputa para eleições na Venezuela

France Presse

CARACAS, 11 Mar 2013 (AFP) - O sucessor de Hugo Chávez, Nicolás Maduro, e o candidato da oposição, Henrique Capriles, iniciaram de maneira dura no domingo a disputa para as eleições venezuelanas de 14 de abril, que poderia coincidir com um referendo para decidir se o corpo embalsamado do falecido presidente será levado ao Panteão Nacional.

Capriles, um advogado de 40 anos que perdeu a eleição de outubro do ano passado para Chávez por 11 pontos, anunciou que enfrentará a Maduro, em uma entrevista coletiva na qual acusou o candidato oficialista de 'mentir' sobre a morte do presidente e de usá-la para fazer campanha política.

'Vou lutar com vocês, com todos vocês. Nicolás, não vou deixar o caminho livre para você, companheiro. Você terá que me derrotar com votos', provocou Capriles durante uma entrevista coletiva, acrescentando que, na tarde desta segunda-feira, irá formalizar sua candidatura ante o Conselho Nacional Eleitoral (CNE).

Capriles é governador do estado de Miranda (norte) e já foi prefeito do município de de Baruta.

Capriles criticou duramente o governo por sua forma de lidar com a doença de Chávez.

'Quem sabe quando morreu o presidente Chávez? Vocês tinham tudo calculado (...) Agora vocês utilizam o corpo do presidente para fazer campanha política', afirmou Capriles, depois de acusar 'Nicolás e seu combo' de estar 'doentes de poder'.

De maneira imediata e com uma foto de Chávez atrás, Maduro, um ex-motorista de ônibus e ex-sindicalista de 50 anos, chamou Capriles de 'fascista de rosto nauseabundo', 'miserável' e o acusou de 'sujar' a memória do 'comandante supremo da revolução'.

'Cai a máscara e se vê o rosto nauseabundo do fascista que é. Seu objetivo é provocar o povo da Venezuela, é um irresponsável. Está buscando que o povo da Venezuela saia da via e vá pelos caminhos da violência', disse.

'Está buscando a violência para romper o tabuleiro político venezuelano e então manchar o processo eleitoral (...) e depois justificar sua retirada da campanha pela violência que ele mesmo gerou com suas grandes ofensas ao povo', acrescentou.

A eleição está programada para o dia 14 de abril e analistas apontam que serão difíceis para a oposição, devido ao clima de comoção entre os chavistas após a morte de seu líder, que governou o país por 14 anos.

Depois de atacar o adversário, Maduro, que assumiu o governo como presidente interino na sexta-feira, anunciou que o governo deve propor uma emenda constitucional para levar o corpo de Chávez ao Panteão, onde está o libertador Simón Bolívar, o que deve ser submetido a referendo em 30 dias.

'Se há alguém que ganhou em 200 anos o direito de ir ao Panteão Nacional é o comandante Hugo Chávez, elevado ao grau de redentor dos pobres', afirmou Maduro.

Ele não citou explicitamente a convocação de um referendo, a Constituição estabelece que as emendas da Carta Magna devem ser submetidas a votação popular.

A Constituição estabelece atualmente que devem transcorrer 25 anos do falecimento de um venezuelano para que possa entrar no Panteão.

'O oficialismo estaria fazendo uma jogada interessante: atrelar a emenda às eleições, de forma que estas estariam completamente centradas em Chávez', disse à AFP o presidente do insituto Datanálisis, Luis Vicente León.

mis/fp

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/03/maduro-e-capriles-abrem-disputa-para-eleicoes-na-venezuela-1.html>

Mundo

Con la muerte de Chávez, en el Mercosur "nada va a cambiar"

En declaraciones al diario La República, el presidente José Mujica señaló que "el chavismo sin Chávez será parecido al justicialismo en Argentina" y vaticinó que, de igual modo que la fuerza política formada tras la muerte de Juan Domingo Perón en 1974, "va a durar mucho tiempo".

"Ahora vamos a asistir a un proceso chavista sin Chávez, a una corriente con características singulares, algo parecido al justicialismo de Argentina que se va a mantener por mucho tiempo. Y va a ser así porque tiene una gigantesca mística que se expresa de muchas formas. Y se pueden discutir los programas o las ideas, pero es muy difícil discutir la mística. No solo tienen razones y hechos concretos que defender como es el enorme progreso social logrado, sino que además hay un pueblo comprometido con esa lucha", aseguró Chávez.

Y añadió: "Es cierto que Venezuela tiene dificultades y que algunos la critican porque si bien logró aumentar el reparto social, productivamente no ha logrado una diversificación y porque tiene baja competitividad a pesar de tener una energía barata. Pero hay que tener en cuenta que la ventaja petrolera siempre existió en Venezuela pero no se resolvían los problemas sociales. Le piden magia a este gobierno pero antes el petróleo iba para cualquier lado menos para el pueblo", señaló.

[Respecto a si con la muerte de Chávez](#), cambiará la relación de Venezuela con el Mercosur, al que se integró como socio pleno meses atrás, el mandatario sostuvo que "nada va a cambiar en este sentido porque Venezuela necesita al Mercosur y el Mercosur necesita de Venezuela".

"Hay que seguir trabajando y acercarnos todo lo que podamos a la región porque el mundo tiende a organizarse en bloques y nosotros no podemos ser la excepción. En ese mundo nuevo hay que

ser fuertes y los más débiles para ser más fuertes no tienen otro camino que juntarse", señaló Mujica tras reconocer que el bloque regional tiene "problemas".

Argumentó que "Mercosur y Unasur son etapas, no solo para el comercio. La integración es una herramienta para proteger nuestra independencia y por eso tenemos que estar juntos", al tiempo que aseguró que "además de Bolivia hay dos o tres pedidos de nuevos ingresos".

De todos modos, Mujica reconoció también buscará otras alternativas y, en particular, se refirió a su viaje a España en mayo próximo. "En el mundo en que nos toca vivir debemos diversificar nuestras relaciones económicas, sociales y políticas. Nunca seguir una sola opción", puntualizó Mujica.

Fonte: <http://www.elpais.com.uy/130311/ultmo-701738/ultimomomento/con-la-muerte-de-chavez-en-el-mercosur-nada-va-a-cambiar-/>

Nacional

Gobierno reafirma visión crítica del Mercosur: está "aletargado"

Inestabilidad. Astori dijo que el bloque se encuentra "lleno de problemas"

La desaparición del presidente venezolano Hugo Chávez arroja incertidumbre sobre el futuro del Mercosur. El gobierno muestra preocupación y la oposición comparte la visión crítica sobre el bloque.

Apenas horas después del fallecimiento del presidente venezolano Hugo Chávez, la situación del Mercosur se muestra inestable por manifestaciones del gobierno uruguayo y una visión crítica simultánea de la oposición.

Ayer, el vicepresidente Danilo Astori ratificó la inquietud que ha ganado al gobierno del presidente José Mujica cuando afirmó que el bloque regional está "lleno de obstáculos y problemas" y consideró además que está "adormecido y en estado de letargo".

En declaraciones a radio Montecarlo, Astori señaló que "cuando Uruguay ingresó al bloque en 1991 fue una de las decisiones estratégicas más importantes de su historia contemporánea, pero hoy, 22 años después, nos encontramos con una cantidad enorme de problemas y con una especie de parálisis".

En el mismo sentido, el vicepresidente señaló que el bloque regional "se encuentra sin esa convicción colectiva fundamental que debe tener para salir adelante".

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Desde hace dos años, las políticas restrictivas respecto a las importaciones que aplican Argentina y Brasil viene perjudicando las exportaciones de las industrias nacionales. Desde el gobierno se ha negociado directamente con ambos países para que flexibilicen sus posturas.

Por otra parte, el vicepresidente Astori destacó el ingreso de Venezuela al grupo regional por su carácter de potencia energética. "El ingreso de Venezuela es una ayuda para equilibrar la asimetrías naturales que existen en el bloque", finalizó Astori.

Esta visión que resume inquietud fue compartida por la oposición. El senador colorado José Amorín recordó a El País que "hace tiempo" su partido advirtió sobre la situación. "Astori fue el ministro del gobierno de (Tabaré) Vázquez que cuando nosotros alertábamos nos decían más y mejor Mercosur", dijo.

"Astori era el abanderado de esa posición. Cuando hubo oportunidad de abrirse al mundo, por ejemplo cuando Estados Unidos planteó el Tratado de Libre Comercio (TLC), si bien al principio estuvo a favor, rápidamente cambió y después justificó diciendo que por suerte no se había concretado", recordó el senador de Propuesta Batllista (Proba).

En tanto, el senador nacionalista Sergio Abreu, uno de los actores fundamentales de la fundación del Mercosur en 1991, cuando ocupaba el cargo de canciller, sostuvo que el bloque regional "está muerto" por la propia acción de los gobiernos de los países integrantes.

Abreu ha sido fuertemente crítico de las actitudes tomadas por el presidente José Mujica cuando sostuvo, ante la situación que se dio en Paraguay con la destitución del presidente Fernando Lugo, que lo político está por sobre lo jurídico.

Abreu afirmó que los presidentes relativizan el principio de no intervenir en los asuntos de otros Estados, "como hicieron con Paraguay". "Yo le llamo corporativismo presidencial, un club que dice que su legitimidad proviene de la elección popular, pero que el resto de los instrumentos que son parte de la sociedad democrática, como la separación de poderes, la libertad de prensa, la justicia, son todos `elementos burgueses` con los que hay que vivir a desgano", sostuvo.

REPLANTEO. Días atrás, en su audición de M24, Mujica ratificó la preocupación del gobierno por la situación actual del bloque. En esa instancia, Mujica analizó la situación de nuestro país en el contexto del Mercosur, calificando a la sociedad de países en su formato actual "más que un mercado común, una mala unión aduanera", por lo cual entiende que debe haber un replanteo, una "discusión de destino y de rumbo" en esa materia.

Mujica remarcó no obstante el sentido americanista que lo anima "porque luchar por la integración es el paso racional más convincente", según enfatizó en la misma ocasión.

El mandatario aseguró que se aproxima un acuerdo "colosal" -el de libre comercio entre Estados Unidos y la Unión Europea- que vaticinó que traerá aparejadas "enormes dificultades" para penetrar mercados.

"Hay que estar alertas porque se encaminan acuerdos entre conjuntos de naciones que se van a disputar condiciones preferenciales frente a otras, lo que generará problemas para los que quedan afuera", añadió.

Dijo que los países están sintiendo "terror a quedarse solos" pero que eso es un estímulo también para nuestro país, ya que desde áreas como la Comunidad del Pacífico, y desde Corea del Sur, hay ofertas "muy interesantes para Uruguay".

Sin embargo poco de ello podrá evolucionar rápidamente en tanto continuemos con "el dilema del Mercosur", advirtió.

Mujica llamó entonces a "no engañarnos, porque en los últimos años el Mercosur ha quedado estancado con crecientes dificultades, incluso para el comercio entre sus socios: más que un mercado común, es apenas en los hechos, una mala unión aduanera".

Afirmó que falta "voluntad política en la región", e ironizó que "para bailar se necesitan dos", pero remarcó que hay ofertas serias para nuestro país -como un tratado de libre comercio con la Federación Rusa- pero para ello se interpone el Mercosur. "Tenemos dificultades de carácter paquidérmico para poder avanzar y en lugar de aumentar la fluidez de nuestro intercambio, aumentan los obstáculos y entonces hay una discusión inevitable dentro y así todo se complica", explicó.

DISTINTAS VISIONES, TODAS CRÍTICAS

José Mujica

PRESIDENTE DE LA REPÚBLICA

Advirtió que en los últimos años "el Mercosur ha quedado estancado con crecientes dificultades, incluso para el comercio entre sus socios: más que un mercado común, es apenas en los hechos, una mala unión aduanera".

José Amorín

SENADOR COLORADO

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

"Cuando hubo oportunidad de abrirse al mundo, cuando Estados Unidos planteó el TLC, Astori era el ministro de Economía y fue quien afirmó que había que tener más y mejor Mercosur", recordó el legislador de Proba.

Danilo Astori

VICEPRESIDENTE

Para el jerarca, el Mercosur "se encuentra sin esa convicción colectiva fundamental que debe tener para salir adelante". Sostuvo que está "adormecido y en estado de letargo", y que además muestra "obstáculos y problemas".

Sergio Abreu

SENADOR Y EXCANCELLER

Pidió estar alerta ante el "corporativismo presidencial", que considera como "elementos burgueses" una serie de instrumentos del sistema democrático. Además, considera que el Mercosur "está muerto".

Fonte: [http://www.elpais.com.uy/130311/pnacio-701663/nacional/gobierno-reafirma-vision-critica-del-mercosur-esta-aletargado-/](http://www.elpais.com.uy/130311/pnacio-701663/nacional/gobierno-reafirma-vision-critica-del-mercosur-esta-aletargado/)

12/03/2013

Opinião

Chávez e o futuro do chavismo

Rubens Barbosa *

Quando exerci as funções de embaixador em Washington, tive a oportunidade de conhecer e de participar de algumas poucas reuniões com o presidente Hugo Chávez no contexto da Cúpula das Américas e das negociações da Alca. Impressionava-me, além do carisma, o seu voluntarismo. Um homem comum com determinação incomum.

Orador sem papas na língua e conhecido por seus longos discursos, "a la Fidel Castro", se tivesse seguido o conselho do cardeal Mazarin em seu Breviário para os Políticos, "seja pouco loquaz a fim de evitar pôr em perigo sua bolsa ou sua vida pelas palavras supérfluas", teria partido sem ouvir do rei Juan Carlos aquele famoso "por que não te calas?".

Estigmatizado por uns como líder totalitário por violar as liberdades individuais, subjugar o Legislativo e o Judiciário, deixar a economia devastada pela incompetência da gerência, e exaltado por outros como líder carismático que ampliou a participação popular, desenvolveu programas sociais e democratizou o país com profundas mudanças na vida política e econômica, Chávez não foi nem plenamente democrata, nem plenamente autoritário.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

As eleições marcadas para 14 de abril não trarão surpresas. O presidente-candidato, Nicolás Maduro, apesar da polarização e radicalização política, não terá dificuldade de convencer a maioria dos eleitores de que tem condições de levar adiante o ideário de Chávez, sobretudo no tocante aos programas sociais para os mais pobres.

A nova liderança, para se afirmar, deverá, de início, radicalizar sua retórica, tanto interna quanto externa, com apoio militar. Resta conferir se governará de forma autoritária ou tenderá a reduzir a extrema interferência do Estado, tendo em vista as dificuldades para estabilizar a economia. Em qualquer hipótese, o chavismo deverá continuar com diferente entonação. Chávez - transformado em mito - estará para a Venezuela assim como Perón está para a Argentina: eternamente cultuado, a exploração de sua imagem garantirá a continuidade de uma liderança renovada com nuances e mudanças que a conjuntura determinar.

Chávez defendeu no Hemisfério um modelo alternativo de desenvolvimento econômico e político, com forte crítica aos EUA, criando uma aliança com Equador, Bolívia, Nicarágua, El Salvador no que chamou de Alba, a Aliança Bolivariana para as Américas. Qual o destino da Alba sem seu inspirador e principal expoente? Como será o futuro do socialismo do século 21 e da revolução bolivariana sem seu líder e mentor? Não creio que a sombra de Chávez possa ser tão longa como a de Che Guevara ou Fidel Castro. Mesmo que Maduro e o equatoriano Rafael Correa tentem manter viva a chama bolivariana e assumam a liderança da Alba, depois de algum tempo as ideias-força do movimento, respaldadas pela força do petrodólar, tenderão a desaparecer. A mensagem bolivariana só poderia ser transmitida por alguém com a energia e a personalidade do ex-presidente venezuelano. Não parece ser o caso do sucessor de Chávez nem do presidente do Equador, país sem a visibilidade e a importância econômica da Venezuela.

É possível prever um menor ativismo externo do governo de Caracas, mais preocupado em evitar divisões internas, tomar as rédeas da economia e manter os programas sociais. Nesse sentido, pode-se indagar o destino dos programas de assistência financeira e de petróleo a preços subsidiados aos demais membros da Alba, em especial a Cuba, que recebe mais de US\$ 7 bilhões por ano. É possível prever uma atuação menos militante do governo de Caracas em temas hemisféricos, como a Cúpula das Américas, a OEA e a Comissão de Direitos Humanos. Caso prevaleça essa tendência, a atuação da diplomacia venezuelana terá perfil mais baixo, diferente do que ocorreu nas questões de Honduras, das Farc, na Colômbia, e mais recentemente na suspensão do Paraguai e do ingresso da Venezuela no Mercosul. Apesar da retórica antiamericana, não será surpresa uma gradual distensão nas relações com os EUA e menor militância na divisão dos países da América do Sul em relação a Washington, sobretudo se, a exemplo do Brasil, as relações com o Irã se tornarem menos íntimas. Os primeiros contatos com os EUA foram feitos recentemente com o vice-presidente Maduro sobre a cooperação no combate ao narcotráfico. Apesar das resistências

de setores industriais quando da entrada da Venezuela no Mercosul, não é de esperar que haja retrocesso no processo de integração com Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. A Venezuela deve permanecer no subgrupo regional e os compromissos assumidos no Protocolo de Adesão deverão ser mantidos, apesar de nem sempre cumpridos.

Os três governos brasileiros (FHC, Lula e Dilma) que tiveram de tratar com Chávez procuraram moderar seu voluntarismo, visando a atrair, e não isolar, a Venezuela, apesar das ações muitas vezes provocadoras do presidente venezuelano.

O incremento das relações políticas e econômico-comerciais do Brasil com a Venezuela, iniciadas com FHC, consolidou-se por decisão pessoal de Hugo Chávez, por suas afinidades ideológicas com Lula e Dilma. O comércio, os investimentos e, sobretudo, os serviços brasileiros cresceram significativamente durante os anos de Chávez no poder. O portfólio de empresas construtoras brasileiras na Venezuela sobe a cerca de US\$ 20 bilhões, o que explica, em larga medida, o apoio de Lula e de Dilma ao projeto de Chávez de se juntar ao Mercosul. O superávit comercial brasileiro é o maior entre nossos parceiros externos.

Chávez foi, de fato, um grande amigo (ideológico) do Brasil. Seu sucessor deverá manter os compromissos do líder morto. A incógnita reside na incerteza da continuidade dessa ampla cooperação quando a oposição assumir o poder numa das futuras eleições.

*** Rubens Barbosa é presidente do Conselho de Comércio Exterior da Fiesp.**

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,chavez-e-o-futuro-do-chavismo,1007563,0.htm>

13/03/2013

Mundo

NOMBRAMIENTO

Venezuela designó a su representante permanente ante el Mercosur

El canciller Elías Jaua anunció que el Ejecutivo creó ese cargo ante la Asociación Latinoamericana de Integración (Aladi) y el Mercosur, para el que designó a Isabel Delgado.

El decreto que dispone el nombramiento de Delgado fue firmado por el presidente interino, Nicolás Maduro, pero la medida fue propuesta tiempo atrás por el fallecido mandatario Hugo Chávez, afirmó Jaua.

Delgado era hasta ahora secretaria ejecutiva de la comisión presidencial de Venezuela para su ingreso como miembro pleno al Mercosur.

Esa incorporación al bloque regional quedó formalizada el 30 de julio de 2012 en Brasilia, oportunidad en la que Chávez hizo su último viaje al exterior, a excepción de los que efectuó a La Habana para tratarse contra el cáncer que padecía y por el que entonces ya había sido operado tres veces.

Fonte: <http://www.telam.com.ar/notas/201303/10235-venezuela-designo-representante-ante-el-mercosur.html>

ELECCIONES EN VENEZUELA

Siete candidatos se disputarán la sucesión de Hugo Chávez

El Consejo Nacional Electoral admitió siete postulaciones para los comicios del 14 de abril próximo. Se descuenta que el bolivariano Nicolás Maduro y el referente del MUD Henrique Capriles disputarán el primer lugar.

Además del mandatario interino Nicolás Maduro y el gobernador Henrique Capriles Radonski, otros cinco candidatos competirán por la Presidencia de Venezuela en las elecciones del 14 de abril, confirmó el Consejo Nacional Electoral (CNE).

El lunes venció el plazo para registrar las candidaturas, por lo que el CNE informó ayer que admitió siete de las ocho postulaciones presentadas y rechazó la de Gonzalo Contreras, del partido Cambio Pana, por no haber presentado su programa de gobierno.

De los siete candidatos admitidos, tres ya lo fueron en las elecciones del 7 de octubre pasado, ganadas por el fallecido Hugo Chávez: Capriles, María Bolívar (del Partido Democrático Unido por la Paz y la Libertad, PDUPL) y Reina Sequera (Poder Laboral).

Los que se postulan por primera vez, además de Maduro, son el pastor cristiano Eusebio Méndez, de Nueva Visión para mi País (Nuvipa); Fredy Tabarquino, de Juventud Organizada de Venezuela (Joven), y Julio Mora, de Unidad Democrática (Udemo).

De todos modos, se descuenta que las elecciones serán un virtual mano a mano entre Maduro, designado por Chávez como su sucesor, y Capriles Radonski, de la Mesa de Unidad Democrática

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

(MUD) que reúne a 17 partidos opositores y que el 7 de octubre reunió 6,5 millones de sufragios (44,3 por ciento).

Fonte: <http://www.telam.com.ar/notas/201303/10247-siete-candidatos-se-disputaran-la-sucesion-de-hugo-chavez.html>

20/03/2013

Opinião

Constituição venezuelana em frangalhos

Ives Gandra da Silva Martins *

Reza o artigo 233 da Constituição venezuelana: "Quando se produza a falta absoluta do Presidente eleito ou da Presidenta eleita antes de tomar posse, se procederá a uma nova eleição universal, direta e secreta dentro de 30 dias consecutivos seguintes. Enquanto se elege e toma posse o novo presidente ou a nova presidenta, se encarregará da presidência da República o presidente ou a presidenta da Assembleia Nacional".

O falecido presidente Hugo Chávez não tomou posse após sua reeleição. Esta deveria ter ocorrido em 10 de janeiro de 2013, como determina o artigo 231 (o candidato eleito tomará posse em 10 de janeiro do primeiro ano de seu período constitucional). Por outro lado, Nicolás Maduro, de rigor, foi, até 10 de janeiro, o vice-presidente escolhido por Chávez. Não foi eleito pelo povo, já que artigo 236, inciso III, da Lei Maior daquele país, entre as atribuições do presidente da República, outorga-lhe a de "nomear e remover o vice-presidente executivo".

Determina, ainda, a Carta Magna venezuelana, que "não poderá ser eleito presidente quem esteja em exercício no cargo de vice-presidente executivo" (artigo 229). Quando Chávez faleceu, estava na vice-presidência, por esdrúxula decisão da Corte Maior do país, Maduro, o atual candidato à presidência. Ora, como Hugo Chávez nunca tomou posse do novo mandato, com sua morte caberiam novas eleições e quem deveria ter assumido a presidência da República seria o presidente da Assembleia Nacional.

É de lembrar ainda que o artigo 328 da Lei Maior daquele país declara que as Forças Armadas "constituem uma instituição essencialmente profissional, sem militância política".

Como se percebe, com a autonegação para presidente do sr. Maduro, a Constituição venezuelana foi esfrangalhada pelos herdeiros de Chávez, dispostos a manter a qualquer custo o poder, com sucessivos golpes à sua Lei Maior.

Tenho-me dedicado, há muitos anos, ao estudo de Constituições latino-americanas, desde a promulgação da brasileira. Fui convidado pelo governo paraguaio a proferir palestras, antes da promulgação de seu Texto Supremo, a fim de, com outros juristas das Américas, falar sobre a então recente Carta Magna nacional. Com Celso Bastos atendi ao procurador-geral do governo argentino, em consultas sobre as virtudes e os defeitos do processo constituinte brasileiro, ele que fora o encarregado pelo presidente Carlos Menem a deflagrar o processo que terminou por desaguar na atual Constituição da Argentina. Participamos, inclusive, de um programa de TV sobre a Constituinte de nosso vizinho.

Ainda em 2010, o Itamaraty promoveu a publicação de todos os textos latino-americanos, iniciativa do embaixador Jerônimo Moscardó, seguida de estudos de constitucionalistas do continente, inclusive meu.

O que me preocupa, hoje, é que, ao sabor dos humores e tendências ideológicas, esses Textos Máximos são manipulados, desfigurados, dilacerados por aqueles que usufruem o poder. Lembro a frase do presidente do Uruguai, José Mujica, ao apoiar a exclusão do Paraguai do Mercosul: "Nossa decisão foi não jurídica, mas política". Tal decisão permitiu, sem o aval necessário daquele país, a entrada da Venezuela na comunidade sul-americana.

Acontece que o artigo 225 da Constituição paraguaia permite o afastamento do presidente em face do "mau desempenho de suas funções, (...) por maioria de 2/3 na Câmara dos Deputados e no Senado". À evidência, a decisão que puniu o Paraguai por cumprir a sua Constituição não teve caráter jurídico. O país foi punido por ter afastado um companheiro de ideologia de seus aliados, sendo o correto Direito paraguaio visto como um empecilho, pateticamente violentado, na gráfica frase de Mujica "a decisão foi política, e não jurídica".

Parece-me de extrema gravidade a nomeação para a chefia do Executivo de alguém não eleito pelo povo. É um duro golpe na credibilidade de que aquele país vive um regime democrático.

O fato de Maduro utilizar-se de um cadáver como seu cabo eleitoral e explorar a emotividade do povo, amputando o direito da oposição com perseguições aos meios de comunicação e prisões políticas de pessoas contrárias ao seu governo, não poderá legitimar nunca sua nomeação. O "processo de eleição" está viciado, já que não presidido pelo presidente da Assembleia Nacional, mas pelo próprio Maduro e com o apoio escancarado das Forças Armadas, que constitucionalmente são proibidas de se manifestar sobre política. E concorre, tendo sido vice-presidente, até sua autonegação como presidente!

O melancólico papel do Tribunal Superior de Justiça (artigo 262 da Constituição da Venezuela), formado por amigos do falecido presidente, que, devendo assegurar o predomínio da Constituição, a apunhala, torna esse país não mais uma democracia, mas uma ditadura, com fantástica manipulação do povo por quem detém o comando autoimposto. Não vejo nenhuma distinção entre a posse de Maduro, maculador da Constituição venezuelana, e Hitler, em 1933, quando, com o mesmo poder de iludir o povo e perseguir e calar a oposição, deu início ao III Reich, tendo estupenda aprovação de uma sociedade seduzida pelas promessas messiânicas do ditador alemão.

Maduro não tem nem legitimidade nem legalidade no exercício do poder, mesmo com o apoio de uma Corte judiciária formada por amigos de Chávez, que, por força do artigo 263 da Lei Suprema, deveriam ser notáveis juristas, mas, pelo visto, conseguem esconder muito bem esses eventuais conhecimentos.

Como Maduro encena uma ideologia que agrada ao governo brasileiro, tenho a certeza de que o Itamaraty se curvará a mais esta violação da democracia e da Constituição venezuelana e nada fará para punir esse país, como puniu o Paraguai.

*** Ives Gandra da Silva Martins é professor emérito da Universidade Mackenzie, das escolas de Comando e Estado Maior do Exército (ECEME), Superior da Guerra (ESG) e da Magistratura do Tribunal Regional Federal - 1ª Região.**

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,constituicao-venezuelana-em-frangalhos,1010910,0.htm>

25/03/2013

Opinião

Estratégia correta no trato com a nova Venezuela

Ainda é cedo para vaticinar se os esforços da diplomacia brasileira obterão o sucesso desejável, mas parece certo que as gestões do governo Dilma Rousseff realizadas após a morte do ex-presidente venezuelano Hugo Chávez, no início de março, convergem com as necessidades das empresas nacionais que atuam no país vizinho.

Num momento em que a Venezuela enfrenta incertezas econômicas e políticas, o Brasil estende a mão para o presidente interino Nicolás Maduro, ex-vice e provável sucessor de Hugo Chávez. A eleição presidencial no país vizinho está agendada para o dia 14 de abril. Em paralelo, o Palácio do Planalto e o Itamaraty trabalham para dar segurança jurídica ao comércio bilateral e aos investimentos brasileiros em território venezuelano.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

É algo que se faz necessário: os interesses do Brasil na Venezuela não são nada desprezíveis. O país garante à balança comercial brasileira seu terceiro maior superávit. Na prática, apressam-se em dizer autoridades do governo Dilma, trata-se do segundo melhor resultado para o comércio exterior brasileiro, depois apenas da China. Isso porque a Holanda serve de porta de entrada para produtos destinados a diversos países europeus. Em 2012, o superávit comercial foi de US\$ 4,05 bilhões em favor do Brasil, resultado de US\$ 5,06 bilhões em exportações e US\$ 996,8 milhões em importações. Há que se ressaltar ainda a presença de construtoras brasileiras e os interesses da Petrobras na Venezuela.

Como noticiou o Valor nos últimos dias, o Brasil trabalha para evitar atrasos na efetivação da adesão da Venezuela ao Mercosul. Na avaliação do governo Dilma, o bloco garante a segurança institucional necessária às empresas brasileiras que mantêm negócios na Venezuela. Apesar do anúncio feito no ano passado da entrada do país no Mercosul, diplomatas de Brasil, Argentina, Uruguai e Venezuela ainda acertam detalhes para que o país de Nicolás Maduro adote as normas e nomenclaturas comuns, a Tarifa Externa Comum (TEC) e passe a fazer contribuições financeiras às instituições do Mercosul.

Por outro lado, em sua efêmera passagem pela Venezuela durante as homenagens ao ex-presidente Hugo Chávez, Dilma propôs ao governo venezuelano ajuda em ações contra o desabastecimento e a violência e na atração de investimentos. As parcerias seguiriam um caminho de cooperação já aberto, por exemplo, pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), pela Caixa Econômica Federal e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Essas instituições mantêm escritórios na Venezuela.

Mas o aceno demonstra a ciência, por parte do governo brasileiro, dos problemas a serem enfrentados pelo próximo governo na Venezuela. O próprio Nicolás Maduro já reconheceu em seus mais recentes discursos que é preciso combater a insegurança pública e a corrupção, além de melhorar o sistema de saúde do país. Em Caracas, sobram também relatos de que, embora não seja generalizado, o desabastecimento de alguns produtos perdura.

Não bastasse, o país vizinho é considerado um dos piores locais do mundo para fazer negócios. Segundo o Banco Mundial, lá os investidores encontram dificuldades para lidar com a burocracia, obter energia elétrica e crédito e manter negócios com outros mercados a partir do solo venezuelano. A conclusão não surpreende quando se fala de um país onde o Estado exerce um rígido controle sobre o câmbio, a inflação pode chegar a 30% em 2013 e há histórico de desapropriações de ativos privados.

Nas relações bilaterais entre o Brasil de Luiz Inácio Lula da Silva e a Venezuela de Hugo Chávez, os dois países partilhavam o sonho de intensificar a integração regional e decidiram levar adiante empreendimentos em comum - sempre de forma personalista e muitas vezes fruto de acertos verbais entre os dois presidentes. Uma prova do risco de tal modo de operação é verificada nas dificuldades enfrentadas pelo Brasil com a Refinaria Abreu e Lima.

Longe de renegar o que herdou de seu antecessor, a presidente Dilma Rousseff está disposta a dar prosseguimento a essas iniciativas. Mas quer que a estabilidade da relação seja fruto de acertos com "papel passado", o que tende a beneficiar também os filhotes desse relacionamento na iniciativa privada.

Fonte: <http://www.valor.com.br/opiniao/3058162/estrategia-correta-no-trato-com-nova-venezuela>

27/03/2013

Editorial: Cem dias de Maduro

Alçado a presidente interino em dezembro por vontade de Hugo Chávez, o ex-chanceler venezuelano Nicolás Maduro completou cem dias de governo incapaz de demonstrar que tem condições de sobreviver longe da sombra do mentor, ainda insepulto.

Para a eleição presidencial do dia 14, o deficit de personalidade própria não chega a ser tão prejudicial. Lastreado numa retórica religiosa, Maduro faz campanha comparando Chávez a Cristo e se proclama seu apóstolo. Ao mesmo tempo, lança ataques baixos contra o adversário, Henrique Capriles, até com insinuações sexuais.

Seguindo o manual chavista, o aprendiz de caudilho abusa da máquina estatal e permanece horas ao vivo nos meios de comunicação oficiais, que ignoram a campanha oposicionista sob a complacência do Conselho Nacional Eleitoral. O CNE, por outro lado, abriu investigação contra três pequenos jornais por publicarem propaganda de Capriles promovida por uma ONG, o que a lei eleitoral não permite.

A campanha emotiva tem conseguido deixar em segundo plano a precária situação econômica do país. Maduro anunciou na semana passada, por exemplo, um novo sistema de leilão de dólares para empresas, com o objetivo de minorar a crônica falta de alimentos --quase sempre importados-- nas prateleiras dos supermercados.

Em fevereiro, o governo já se vira obrigado a desvalorizar em 32% o bolívar forte, medida insuficiente para acalmar o mercado paralelo, que opera com cotação quatro vezes maior que a oficial.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

A origem das dificuldades está na situação delicada da PDVSA, a estatal petroleira que serve de fonte de financiamento dos programas sociais de Chávez. O derrame de recursos pela empresa mascara a péssima administração do sistema educacional e o recurso a iniciativas sociais fracassadas, como as comunas de inspiração soviética.

Apesar de certa recuperação no preço de petróleo em relação a 2011, a PDVSA, cada vez mais dependente de aportes chineses, viu seu lucro cair 6,1% em 2012, segundo os números pouco confiáveis do governo. Seus cofres não podem sustentar o regime para sempre.

A comoção provocada pela morte de Chávez e a campanha eleitoral curta colocam Maduro como favorito, segundo as pesquisas de opinião. Mais difícil é prever como o chavismo, precariamente unido em torno de um líder sem brilho próprio, se sairá quando tiver de adotar medidas mais impopulares no campo econômico.

Apenas adiar o enterro de Chávez não será, então, o bastante.

Fonte:

<http://www.mipais.com.uy/prensa/verNoticia.php?usr=parlmercosur5&acc=6608887&pid=TEctMTk2NDkzLUJSLTI3LzAzLzIwMTM=>

02/04/2013

Campanha eleitoral na Venezuela começa oficialmente

Leandra Felipe, Correspondente da Agência Brasil/EBC

Bogotá - O Conselho Nacional Eleitoral (CNE) da Venezuela definiu que a campanha para escolher o novo presidente começa hoje (2) e terá duração de dez dias. Com pouco tempo até 14 de abril, data marcada para o pleito, os principais candidatos intensificam as viagens em busca de votos. O presidente em exercício e candidato governista, Nicolás Maduro, inicia a campanha no estado de Barinas, terra de Hugo Chávez.

Segundo os meios de comunicação estatais, Maduro fará seu primeiro ato oficial em Sabaneta - cidade natal de Chávez em Barinas. Ele deve concentrar-se inicialmente na casa em que o presidente nasceu. A estratégia segue a tendência adotada pelo candidato socialista e procura manter a imagem do presidente, que morreu em 5 de março, vítima de câncer.

Henrique Capriles, que representa a coalizão oposicionista representada pela Mesa da Unidade Democrática (MUD), tem agenda na cidade de Maturín, capital do estado de Monagas, no Nordeste venezuelano. Inicialmente, Capriles havia dito que também começaria a campanha em Barinas.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Mas, mediante críticas de Maduro, o candidato resolveu mudar a agenda e anunciou que visitará Barinas nesta quarta-feira (3).

Embora o período determinado para a campanha comece agora, os candidatos empreendem jornadas de entrevistas, caminhadas e encontros em busca de votos. No último sábado (30), Maduro esteve em Barinas para um evento nas unidades de Batalha de Campanha do estado, que serão encarregadas de organizar a estratégia eleitoral do Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV).

Na noite dessa segunda-feira (1º), o opositor Henrique Capriles liderou uma marcha na zona leste de Caracas em prol da segurança. A caminhada começou às 19h30 (21h em Brasília).

A violência é um dos temas que mais preocupa a população venezuelana. De acordo com o governo, no ano passado foram registrados 16 mil homicídios. Atualmente, a Venezuela é o quinto país mais violento do mundo, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU).

Outros temas importantes na campanha são a economia, afetada pela desvalorização do bolívar ante o dólar, o controle do mercado especulativo (dólar paralelo) e o fortalecimento da indústria nacional. Algumas regiões no país sofrem com problemas de abastecimento de alimentos e outros produtos, segundo informações da imprensa local.

O socialista Maduro promete seguir as recomendações e continuar integralmente o projeto iniciado por Hugo Chávez em seus 14 anos de governo. O opositorista, por sua vez, promete manter os programas sociais e "modernizar o país".

Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-04-02/campanha-eleitoral-na-venezuela-comeca-oficialmente>

08/04/2013

Nacionais

Este lunes

Unasur sitúa a Venezuela en la vanguardia regional por confiabilidad del CNE

El jefe de la Misión de acompañamiento electoral, Carlos "Chacho" Álvarez, destacó que en toda Latinoamérica hay una gran expectativa sobre los comicios de este domingo y expresó su confianza de que "serán realizados en buenos términos de procedimientos y desarrollo, en plena democracia"

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

El jefe de la Misión de acompañamiento electoral de la Unión de Naciones Suramericanas (Unasur), Carlos "Chacho" Álvarez, elogió este lunes el sistema electoral venezolano, al cual calificó como uno de los avanzados de América Latina.

"Venezuela tiene un sistema electoral muy creíble y confiable. Venezuela posee uno de los sistemas más sofisticados de América Latina, ha sido un país de vanguardia en materia electoral", expresó durante una entrevista en el programa Cruce de Palabras, que transmite Telesur.

Recalcó la transparencia del Consejo Nacional Electoral (CNE) venezolano, y puso como ejemplo la confiabilidad de los resultados obtenidos en los más de 14 comicios que se han efectuado en el país en los últimos años.

Sobre la labor de la misión de acompañamiento, recalcó: "Se trata de que Unasur gane experiencias y enseñanzas sobre lo que son estos procesos, y vaya ayudando a construir un modo institucional para luego aconsejar las mejores prácticas en este aspecto", acotó.

El funcionario destacó que en toda Latinoamérica hay una gran expectativa sobre los comicios de este domingo, al tiempo que expresó su confianza de que "serán realizados en buenos términos de procedimientos y desarrollo, en plena democracia, igual que en las otras elecciones", comentó.

Álvarez espera reunirse con los candidatos presidenciales, el socialista Nicolás Maduro y el antichavista Henrique Capriles Radonski, antes de la contienda electoral del 14 de abril.

"Nuestra idea original es reunirnos con los dos candidatos, ya que es importante que conozcan a fondo el sentido de la misión de la Unasur", comentó, tras reiterar que el grupo de acompañamiento -conformado por funcionarios de los organismos electorales de los diferentes países que conforman el bloque- es de carácter técnico y no político.

Con respecto a América Latina, Álvarez sostuvo que la última década ha sido decisiva porque "hemos terminado con el golpe militar y el fraude electoral", herramientas que usaron los sectores conservadores y antidemocráticos de la región para obstruir y detener a los procesos que tienen al pueblo como protagonista.

"Para los procesos de integración es muy importante contar con instrumentos e instituciones regionales que garanticen los procesos democráticos", comentó.

Texto / AVN

Fonte: <http://www.correodelorinoco.gob.ve/nacionales/unasur-situa-a-venezuela-vanguardia-regional-por-confiabilidad-cne/>

09/04/2013

Venezuela: Maduro e Capriles prometem respeitar resultado

France Presse

09/04/2013 19h48 - Atualizado em 09/04/2013 19h48

CARACAS, 09 Abr 2013 (AFP) - Os principais candidatos à eleição presidencial da Venezuela, o presidente interino Nicolás Maduro e seu adversário Henrique Capriles, comprometeram-se a respeitar o resultado das urnas, em documentos divulgados em separado nesta terça-feira.

'Respeitarei os resultados que o povo decidir em 14 de abril', disse Maduro, durante um ato com trabalhadores em Caracas, transmitido pelo canal estatal VTV.

Ele reiterou que assinará um pacto entre os candidatos, elaborado pelo Conselho Nacional Eleitoral (CNE), a pedido da campanha governista.

'Vou assinar em nome da paz da pátria (...) Vou assinar por respeito ao povo', frisou Maduro.

Já Capriles se recusou a assinar o acordo com o CNE, firmando um outro documento, durante um evento em Cumaná (nordeste). Nele, comprometeu-se a 'respeitar e fazer respeitar a vontade soberana' durante as eleições e exigiu que Maduro abandone o uso de recursos e da mídia estatal em sua campanha.

'Exijo do candidato do governo que igualmente se submeta e aceite os desígnios do povo venezuelano e que, nos dias que restam para 14 de abril, desista de continuar utilizando os recursos do Estado e os veículos públicos em favor de sua candidatura', desafiou o líder opositor.

A oposição acusa o CNE de ser parcial em favor da campanha do governo e de não regular o uso dos recursos públicos por parte de Maduro, que assumiu como presidente após a morte de Hugo Chávez, em 5 de março.

Capriles denunciou ainda que o comando oficialista teve acesso às senhas das urnas eletrônicas, mas o CNE minimizou a gravidade do ocorrido, garantindo que o sistema eleitoral venezuelano é 'transparente e confiável'.

Na campanha para a eleição presidencial de outubro passado, na qual Chávez derrotou Capriles por 11 pontos de diferença, os candidatos assinaram um acordo redigido pelo CNE, comprometendo-se a reconhecer os resultados, agir no cumprimento da lei e propiciar um clima de respeito para evitar episódios violentos.

Além de Maduro e Capriles, outros cinco candidatos disputarão, no próximo domingo, o voto de quase 19 milhões de venezuelanos.

rsr/tt/lr

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/04/venezuela-maduro-e-capriles-prometem-respeitar-resultado.html>

Internacional

Unasul enviará missão para acompanhar eleições na Venezuela

Wellton Máximo, Repórter da Agência Brasil

09/04/2013 - 21h04

Brasília – Previstas para o próximo domingo (14), as eleições presidenciais na Venezuela contarão com o acompanhamento de uma missão da União de Nações Sul-Americanas (Unasul), organização que reúne os 12 países da América do Sul. O anúncio foi feito pelo ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota, que recebeu hoje (9) o chanceler venezuelano, Elías José Jaua Milano.

De acordo com Patriota, o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Dias Toffoli representará o Brasil na missão da Unasul. Para Patriota, a Unasul tem papel determinante na verificação da legalidade das eleições e também para evitar que o resultado seja questionado. Os observadores também atuarão nas eleições no Paraguai, marcadas para o próximo dia 21.

No Brasil para assistir à apresentação da Orquestra Sinfônica Simón Bolívar no Teatro Nacional de Brasília, o chanceler venezuelano reafirmou o compromisso de que as eleições serão tranquilas e que o governo reconhecerá o resultado, seja ele qual for. “Tenho certeza de que o processo político vai acontecer em paz e de que serão respeitados os resultados. A aposta do nosso governo é pela paz, pela democracia, pelo respeito à decisão do povo venezuelano”, declarou, em tom otimista.

Sobre as eleições no Paraguai, Patriota disse que a votação é importante para permitir a reintegração do país vizinho à Unasul e ao Mercosul. Desde o impeachment do ex-presidente Fernando Lugo, em junho do ano passado, o Paraguai está suspenso das duas organizações.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Patriota e o chanceler venezuelano falaram com jornalistas depois da solenidade de condecoração do maestro José Antonio Abreu, fundador da Orquestra Simón Bolívar, que reúne músicos jovens. Em cerimônia no Palácio do Planalto, o músico recebeu da presidenta Dilma Rousseff a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, mais alta comenda brasileira concedida a estrangeiros. De acordo com Patriota, Dilma mostrou-se favorável a um projeto de cooperação entre músicos brasileiros e venezuelanos.

Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-04-09/unasul-enviara-missao-para-acompanhar-eleicoes-na-venezuela>

12/04/2013

Opini3n

Cinco escenarios en Venezuela, casi todos malos

Por Andr3s Oppenheimer

Casi todas las encuestas revelan que el presidente interino venezolano Nicol3s Maduro probablemente gane las elecciones del domingo gracias a un proceso electoral injusto en el que el Gobierno controla gran parte de la programaci3n televisiva, pero –aun cuando gane– el futuro de Maduro es sombrío.

Si la mayoría de las encuestas est3n en lo cierto y Maduro gana, a pesar de que el candidato opositor Henrique Capriles est3 remontando en lo sondeos de opini3n p3blica, todo depender3 del margen con que gane el candidato gubernamental, y de si Capriles admite su derrota. Esta vez, puede que no lo haga.

A juzgar por lo que me han dicho venezolanos bien informados, hay cinco escenarios principales de lo que puede ocurrir despu3s de la elecci3n del domingo para elegir al sucesor del fallecido presidente Hugo Ch3vez. Aqu3 van, sin orden de preferencia:

Primer escenario: una clara victoria de Maduro, y seis ańos de gobierno madurista. Maduro, el heredero designado por Ch3vez, gana por m3s del 10 por ciento de los votos, y gobierna con cierta legitimidad de origen.

Su victoria concluyente no le deja a Capriles m3s opci3n que conceder, y las quejas del candidato derrotado sobre un proceso electoral fraudulento –en el que el Gobierno no solo ha controlado casi todos los medios, sino que tambi3n ha comprado votos e intimidado a la oposici3n– suenan como excusas de un perdedor.

Globovisión, la última cadena televisiva crítica del Gobierno, es silenciada después de su reciente venta a empresarios cortesanos del Gobierno. Venezuela se convierte progresivamente en una dictadura electa.

Segundo escenario: una clara victoria de Maduro, seguida por el caos a mediano plazo.

Maduro gana por más del 10 por ciento de los votos, pero su gobierno implosiona durante los próximos dos años por una combinación de la inflación más alta de Latinoamérica, la incapacidad de mantener los subsidios estatales con el estancamiento de los precios del petróleo, y las divisiones internas de la corruptocracia chavista.

Hay protestas en las calles, y los militares se niegan a disparar contra los manifestantes pese a la reciente afirmación del ministro de Defensa, Diego Molero, de que el ejército es “antiimperialista, socialista y chavista”. Grupos paramilitares atacan a los manifestantes, provocando una reacción internacional y obligando al gobierno a convocar a elecciones adelantadas.

Tercer escenario: una victoria no tan clara de Maduro, seguida por un período de calma antes de la tormenta. Maduro gana por el 5 por ciento de los votos, y Capriles se queda callado, negándose a admitir su derrota.

Cuba, que micromaneja a Maduro y quiere estabilidad en Venezuela a toda costa para poder seguir recibiendo sus subsidios petroleros, recomienda a Maduro reanudar su diálogo con Estados Unidos para normalizar la situación interna.

Pero a medida que la economía venezolana se derrumba, Maduro necesita un chivo expiatorio, y resucita sus teorías conspirativas de que Estados Unidos inoculó el cáncer a Chávez, y que Washington quiere matarlo. Venezuela entra en un período de inestabilidad, en el que Maduro convoca elecciones anticipadas.

Cuarto escenario: una muy cuestionable victoria de Maduro por un 2 por ciento de los votos, que Capriles denuncia inmediatamente como fraudulenta.

Maduro declara su victoria el domingo, pero los opositores salen a las calles para protestar por lo que consideran una elección robada. El hecho de que el Gobierno no ha permitido la presencia de observadores internacionales de la Organización de Estados Americanos o la Unión Europea –solo “visitantes” de la Unasur, que tienden a simpatizar con el Gobierno– provoca aún más dudas sobre los resultados electorales.

Maduro reprime a los manifestantes, pero las escenas de violencia provocan una gradual pérdida de legitimidad del gobierno, que acelera la implosión del régimen.

Quinto escenario: gana Capriles, y el gobierno de Maduro no tiene más remedio que aceptar su derrota.

Tal como ocurrió en Nicaragua en 1990, cuando la oposición derrotó inesperadamente al régimen sandinista que ganaba en las encuestas, un victorioso Capriles asume el poder.

Pero, con casi todas las otras instituciones gubernamentales en manos de chavistas y obligado a tomar medidas impopulares de austeridad, Capriles se ve obligado a formar un gobierno de coalición.

Mi opinión: no me sorprendería si vemos el tercer o cuarto escenario en Venezuela, o sea una clara victoria de Maduro con un período de calma antes de la tormenta, o una victoria no tan clara de Maduro que marque el principio del fin de la fiesta petropopulista de los años chavistas.

En cualquier caso, si gana, Maduro deberá enfrentar un futuro sombrío. Heredará una economía que se cae a pedazos, cortesía del despilfarro y la incompetencia que han dejado a Venezuela aún más petrodependiente, menos industrializada y con peores niveles educativos que antes, pese a haberse beneficiado de la mayor bonanza petrolera de la historia reciente.

Fuente: <http://www.abc.com.py/edicion-impresas/opinion/cinco-escenarios-en-venezuela-casi-todos-malos-559620.html>

Processo eleitoral venezuelano demonstra maturidade, avalia representante do Mercosul

12/04/2013 - 19h38

Leandra Felipe, Enviada especial da Agência Brasil/EBC

Caracas - Apesar do acirramento entre opositores e aliados do governo e da polarização entre os principais candidatos na disputa presidencial na Venezuela, o país vive uma democracia consolidada que se reflete não só na confiabilidade do sistema eleitoral utilizado, como no nível de liberdade de expressão da população. A opinião é do Alto Representante do Mercosul, o brasileiro Ivan Ramalho, que está na capital venezuelana para acompanhar a eleição presidencial de domingo (14).

Em entrevista exclusiva à Agência Brasil, Ramalho disse que é a segunda vez que ele acompanha as eleições presidenciais no país. No ano passado, participou como observador convidado da União de Nações Sul-Americanas (Unasul), para a disputa que ocorreu em outubro. Agora, ele veio pelo Mercosul e avalia a participação política dos venezuelanos.

“No encerramento de campanha vemos manifestações fortes e contundentes do principal opositor, Henrique Capriles, e do presidente em exercício, Nicolás Maduro. Mas apesar da tensão política, da troca de acusações e do discurso duro no enfrentamento entre os candidatos, observamos liberdade de expressão dessas opiniões”, opina Ramalho.

Com relação ao sistema eleitoral usado no país, Ramalho acrescenta que, além de ser informatizado como no Brasil, o processo ainda tem a possibilidade da impressão do voto para posterior auditoria. “Os votos são contabilizados eletronicamente e parte deles é recontada manualmente para posterior verificação. Isso garante ainda mais a segurança eleitoral”, detalha.

Ramalho disse que é muito importante que a Venezuela consiga concluir bem o processo eleitoral do próximo domingo (14), porque é a primeira eleição presidencial sem a presença de Hugo Chávez, que morreu em março. Além disso, o país assumirá a presidência pro tempore do Mercosul em maio.

Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-04-12/processo-eleitoral-venezuelano-demonstra-maturidade-avalia-representante-do-mercosul>

14/04/2013

Mundo

Eleição deverá afetar política internacional venezuelana

NÉLIDA FERNÁNDEZ - DA EFE, EM CARACAS

14/04/2013 - 16h13

As eleições deste domingo podem provocar uma mudança na política externa da Venezuela ou dar continuidade à agenda internacional adotada pelo presidente Hugo Chávez, morto em 5 de março último, que defendia a integração regional e se declarava um inimigo do capitalismo.

O candidato chavista, Nicolás Maduro, afirmou que, se ganhar, dará continuidade à linha empreendida e consolidada por Chávez, enquanto o aspirante opositor, Henrique Capriles, declarou que a Venezuela tomará um caminho diferente e não terá relações que não beneficiam o país com governos controversos.

As eleições na Venezuela despertam atenção não só na América Latina, mas também em lugares tão distantes e diferentes, como Irã, Belarus e China, onde Chávez articulou alianças estratégicas.

Atual presidente encarregado da Venezuela, Maduro reiterou que durante "seis anos e três meses" foi ministro das Relações Exteriores de Chávez e destacou que esteve a par das conquistas alcançadas pelo ex-líder em matéria internacional.

O candidato chavista ressaltou que esteve ao lado "do gigante Chávez" durante todo o processo de entrada da Venezuela no Mercosul, assim como na criação e desenvolvimento da Unasul, da Aliança Bolivariana para as Américas (Alba) e da Comunidade de Estados Latino-americanos e Caribenhos (Celac).

Além das articulações regionais, Chávez também deixou um mapa de relações internacionais no qual Cuba tem um lugar de honra, com diversos programas econômicos e acordos sociais desenvolvidos.

Com os precedentes dos últimos anos, a relação da Venezuela com os Estados Unidos tem grandes chances de continuar conflituosa se Maduro for eleito, embora esse país seja o principal parceiro comercial e cliente petroleiro do governo venezuelano, que repassa aos EUA ao redor de 1,5 milhão de barris por dia.

Dona da maior reserva mundial de petróleo, a Venezuela financiou programas de todos os tipos em países da Alba e distribuiu milhões de barris de petróleo a países caribenhos em condições de financiamento preferenciais.

Neste aspecto, Maduro leva certa vantagem, já que recebeu apoio direto de líderes da região como o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que manifestou seu apoio ao candidato governista em uma mensagem gravada, a qual agora é transmitida nos atos de campanha dos chavistas.

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1261859-eleicao-devera-afetar-politica-internacional-venezuelana.shtml>

15/04/2013

Internacional

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Reorganizar um país, a difícil tarefa do sucessor de Chávez

Por Fabio Murakawa | De Caracas

Melhorar a eficiência de um Estado inchado e reduzir a burocracia que alimenta uma corrupção endêmica. Tratar uma economia doente, com déficit fiscal de cerca de 15% do PIB e inflação acima de 20% e subindo. Diversificar a economia de um país que importa 70% dos alimentos que consome e onde o petróleo é responsável por 96% dos dólares da exportação. E convencer uma nação órfã de um presidente carismático e popular, morto há pouco mais de um mês, de que à frente da Presidência há um verdadeiro líder, capaz de conduzir e dar estabilidade a um país com histórico de golpes de Estado.

Essa é a tarefa hercúlea do sucessor de Hugo Chávez, qualquer que seja o vencedor da eleição presidencial realizada ontem na Venezuela, na disputa entre o chavista Nicolás Maduro, presidente interino, e o líder opositor Henrique Capriles. Até o fechamento desta edição ainda não havia um resultado.

"Independentemente de quem ganhe, é pouco provável que consiga substituir o papel de Chávez", diz Héctor Briceño, professor do Centro de Estudo de Desenvolvimento da Universidade Central da Venezuela (UCV). "O novo presidente terá o desafio de construir um modelo de sociedade e político que não gire em torno da figura do presidente. Com a morte de Chávez, isso perde o sentido".

Maduro herdou a candidatura, e a eleição tida como provável, do prestígio de Chávez junto à população mais pobre. Em dezembro, já ciente da gravidade de seu câncer, o ex-presidente pediu à população que votasse nele, caso não pudesse voltar ao poder após um derradeiro período de tratamento em Cuba, para onde embarcaria horas depois. Mas, na opinião de analistas, o pedido de Chávez não representa um cheque em branco para um eventual governo Maduro. Ele terá que provar sua capacidade de gestão e percorrer um caminho delicado entre manter os programas sociais criados pelo antecessor e reorganizar uma economia em processo de deterioração.

"Do ponto de vista eleitoral, o eleitor de Maduro votou no candidato designado por Chávez. Do ponto de vista do exercício do poder, o cenário é outro", diz Gilberto Buenaño, acadêmico chavista que foi vice-ministro de Planejamento de 2000 a 2005. "O apoio depende do comportamento de Maduro".

De acordo com ele, um dos grandes desafios de Maduro, caso eleito, será diversificar a economia, que há décadas se acostumou a viver da renda do petróleo, um modelo que já durante a gestão Chávez se dizia estar em esgotamento. "Somos dependentes das exportações. Não produzimos o

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

que consumimos e não consumimos o que produzimos. Se o processo bolivariano não resolver o problema da economia produtiva, vai ter problemas para continuar existindo".

Se Maduro herdou de Chávez o direito à candidatura, o mesmo vale em relação aos problemas econômicos que foram crescendo ao longo de seus 14 anos de governo. A situação se agravou após a campanha para as eleições de 7 de outubro do ano passado, quando Chávez bombou os gastos sociais para aumentar suas chances de vitória contra o mesmo Capriles.

Depois disso, o governo teve que fechar as torneiras, e o país começou a sofrer com a escassez de produtos básicos nos supermercados e de divisas para a importação, o que elevou o dólar paralelo a uma cotação cerca de quatro vezes maior do que a oficial. Como parte de um ajuste fiscal, e com o presidente ainda vivo em Cuba, Maduro promoveu uma desvalorização do bolívar de 4,30 para 6,30 por dólar. No paralelo ilegal, a moeda americana varia de 20 a 28 bolívares.

"Há indícios de que a situação macroeconômica será difícil e vai chegar a outros âmbitos da vida nacional", diz um diplomata venezuelano. "Mas a liderança carismática do presidente Chávez não estará no panorama político. Os chavistas vão ter que dar grandes mostras de capacidade de gestão".

Maduro parece ter notado isso. Em seu último evento de campanha, um gigantesco comício em Caracas na quinta-feira, ele anunciou a criação de mais uma "missão" (como são batizados os principais programas sociais chavistas), a "Grande Missão Eficiência ou Nada". Sem detalhar, disse se tratar de "um corpo especial secreto para perseguir a corrupção".

O problema para Maduro será, na avaliação de analistas, manter unidos setores que ele não controla dentro do chavismo, como as Forças Armadas, os funcionários públicos, sobretudo os da PDVSA, e lideranças de bairros e conselhos comunais, caso a situação econômica piore. A tendência é que, nesse caso, o chavismo se fragmente e seu chegue ao fim antes do término do mandato de seis anos por meio de um referendo revogatório, previsto na Constituição.

Uma fonte do governo brasileiro nota que "há um desejo de mudança por eficiência do governo" e que "Capriles convence grande parcela da população que está cansada do chavismo". O opositor adotou contra Maduro tom mais agressivo que na campanha anterior. E tentou chamar para si o voto de eleitores fiéis a Chávez, mas não às pessoas que o cercavam. "Eu peço a todos os seguidores do 'comandante' que votem em mim", disse no encerramento da campanha. "Maduro não é Chávez, e eu não sou a oposição. Sou a solução".

O trabalho de um eventual governo Capriles não será simples. Dos 23 Estados, 20 são governados por chavistas, que também controlam a Assembleia Nacional. A PDVSA está inchada com 120 mil funcionários, a maioria nomeada por Chávez. E instituições como a Justiça e as Forças Armadas também estão aparelhadas por simpatizantes do ex-presidente. Para Capriles, a tarefa mais difícil seria governar.

Fonte: <http://www.valor.com.br/internacional/3086252/reorganizar-um-pais-dificil-tarefa-do-sucessor-de-chavez>

O processo de recontagem dos votos pedido por Capriles na Venezuela

France Presse

CARACAS, 15 Abr 2013 (AFP) - A recontagem de 100% dos votos emitidos nas eleições presidenciais de domingo, exigida pelo candidato opositor venezuelano, Henrique Capriles, inclui a abertura de todas as caixas de votação que contêm os comprovantes físicos dos votos transmitidos de forma eletrônica ao Conselho Nacional Eleitoral (CNE).

Os resultados divulgados pelo CNE, que dão a vitória ao candidato do governo Nicolás Maduro com 50,66% dos votos, contra 49,07% de Capriles - uma diferença de apenas 235.000 votos -, são baseados exclusivamente na transmissão eletrônica, mas existe um comprovante de papel de cada voto.

No sistema eletrônico de votação utilizado na Venezuela, o eleitor vota em uma máquina que guarda em sua memória cada sufrágio para transmiti-los, ao fim da jornada eleitoral, à sala de totalização do CNE. Mas também imprime um comprovante físico do voto de cada eleitor em uma caixa.

A recontagem solicitada por Capriles, e que também foi aceita por Maduro, é justamente de cada um dos comprovantes, a forma prevista para verificar o sistema eletrônico.

Em condições normais, quando não há impugnação ou dúvidas sobre os resultados, são abertas apenas pouco mais de 50% das caixas que contêm os comprovantes físicos durante uma auditoria imediatamente posterior à votação, que é aberta ao público e na qual as cédulas são contrastadas com as atas emitidas por cada máquina.

Um dos cinco diretores do CNE, Vicente Díaz, que já denunciou abusos do governo durante a campanha, pediu ao organismo uma auditoria para comprovar se 100% dos votos eletrônicos em poder do Conselho coincidem com os comprovantes físicos.

O advogado constitucionalista e assessor de Capriles, Gerardo Blyde, afirmou que o processo de comprovação é necessário, independente do prazo, pela pequena diferença entre os candidatos. Ele disse que a oposição se prepara para impugnar oficialmente o resultado eleitoral.

Ida/fp

Fonte: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/04/o-processo-de-recontagem-dos-votos-pedido-por-capriles-na-venezuela.html>

Mundo

LA VIVIENDA, LA INFLACION Y LA ALTA TASA DE CRIMINALIDAD SON DEUDAS PENDIENTES

Los desafíos para el próximo gobierno

Las misiones llevaron educación, salud y vivienda por primera vez a la Venezuela profunda. Pero la inflación, la escasez de algunos alimentos y la alarmante tasa de 16 mil homicidios en un año figuran en la agenda del próximo mandato.

Por Mercedes López San Miguel, Desde Caracas

Quien tenga buena memoria recordará que, 15 años atrás, los pobres en Venezuela eran una mayoría de la población y tenían serias dificultades para acceder a la salud, la educación y la vivienda. Después de diez años desde la creación de las misiones sociales en 2003, existe un esquema de inclusión que se tornó incuestionable para todos los estratos de la sociedad, incluyendo la dirigencia política. A partir de esta base, el próximo gobierno tiene por delante asuntos como la inflación y la inseguridad, que preocupan al electorado en su conjunto.

Las misiones llevaron educación, salud y vivienda por primera vez a la Venezuela profunda. No hay quien, en barrios caraqueños como 23 de Enero, Petare o Catia, no conozca las primeras experiencias que se pusieron en marcha: Misión Robinson, orientada a alfabetizar a la población de menores recursos, con incentivos de canastas de comida y créditos, y Misión Rivas y Sucre, que cubren los niveles de educación secundaria y terciaria. Los resultados son irrefutables: en 2005, la Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura (Unesco) declaró al país territorio libre de analfabetismo.

A través de la misión Barrio Adentro, el gobierno bolivariano estableció una red de salud pública que llevó módulos de atención a lugares recónditos. Es sabido que muchas personas pudieron solucionar sus problemas de visión gracias a la Misión Milagro. La más reciente, la Gran Misión Vivienda, censó a las familias que no tenían hogar tras las inundaciones de 2010. El censo arrojó que la deuda habitacional asciende a 2,5 millones. Desde 1999 hasta esas inundaciones, según cifras del gobierno, se construyeron casi 600 mil viviendas. Para las personas que perdieron sus

casas durante el temporal, el Estado implementó el programa La Casa Bien, confiscando terrenos baldíos y estacionamientos. El proceso bolivariano informó que entregó más de 200 mil viviendas desde que lanzó la Gran Misión Vivienda, en 2011.

El analista político Farith Fraija señaló a Página/12 que el gobierno asumió un rol activo ante esa problemática, que venía de arrastre. “El Estado se hizo responsable de un asunto estructural como el de la vivienda y puso en marcha una inversión para entregar casas en lugares seguros, en algunos casos a cero costo; en otros, con créditos. Fue difícil reubicar a la gente dentro de Caracas, no para cambiar rancho por rancho, sino para crear nuevas viviendas y ya casi nadie vive en refugios.”

Nadie en Venezuela se atreve a descalificar las misiones, incluso en el acomodado este de Caracas. Y es que hay varios indicadores que confirman el avance social en estos 15 años de gobierno socialista: según la Comisión Económica para América Latina (Cepal), la pobreza, que en 1999 rondaba el 49 por ciento de la población, cayó a 27 por ciento y la pobreza extrema pasó de 21 por ciento a 10 por ciento.

Las misiones Mercal y Pdval, mercados con alimentos a precios baratos, conviven con las grandes cadenas de supermercados. Los consumidores han comentado los desajustes en los productos, que aumentan de precios impulsados por la inflación –que acumula el cinco por ciento entre enero y febrero y el año pasado se ubicó en el 20 por ciento– o que escasean, y que los medios opositores han informado con grandes titulares. “El tema inflacionario y el costo de la vida son prioritarios junto a la consolidación de la democracia participativa desde lo social y lo económico”, señaló a este diario Lionel Muñoz, historiador de la Universidad Central de Venezuela.

El país mantiene un control de cambio desde 2003, y a principios de este año el gobierno devaluó la moneda un 32 por ciento, a 6,3 bolívares por dólar. Antes, y sin control de cambio, las clases pudientes viajaban a Miami el fin de semana y pedían “deme dos”. Ahora, a la entrada de los shoppings y las galerías se puede ver consumiendo a personas más humildes.

Uno de los retos que encara la economía venezolana es poder salirse de la dependencia del petróleo, admitido por el oficialismo. Se aspira a poder pasar de la etapa en la que se puso énfasis en lo social a lograr una economía que se oriente a generar una base productiva diversificada.

A todo esto, la demanda de la seguridad pública es un asunto cada vez más presente entre los venezolanos. Con 16 mil homicidios en 2012, según cifras oficiales, la inseguridad persiste como preocupación de la población. Si bien este drama no puede atribuirse directamente al gobierno de Chávez, sus detractores le endilgan ineficiencia para enfrentar el problema.

El historiador Muñoz agregó otra cuestión a tener en cuenta a partir de hoy: la política exterior tras 15 años de un gobierno que combatió los tratados de libre comercio con Estados Unidos y apostó al sueño de una América latina unida. "En la agenda va a tener que estar la inserción del país en los nuevos mecanismos de integración regional como la Celac, el Alba y el Mercosur". Venezuela, bajo el liderazgo de Chávez, apoyó la creación, más acá en el tiempo, de la Unasur. Llegan tiempos de renovados desafíos en Venezuela.

Fonte: <http://www.pagina12.com.ar/diario/elmundo/subnotas/218061-63196-2013-04-15.html>

Internacionales

Maduro se adjudica victoria por muy estrecho margen, en medio de dudas

Por Jorge Torres Romero, enviado especial

Nicolás Maduro, nombrado su sucesor por el fallecido Hugo Chávez, ganó la presidencia en Venezuela por escaso margen, 50,66% contra 49,07% del opositor Henrique Capriles, tras una campaña electoral marcada por el uso discrecional de los recursos del Estado por parte del sector oficialista, lo que motivó diversas denuncias de los opositores, que no tuvieron eco en el Consejo Nacional Electoral (CNE).

Un margen de unos 230.000 votos en casi 15 millones de sufragantes.

El resultado deja un país dividido y con muchas dudas sobre la imparcialidad del organismo electoral.

La rectora dio a conocer los resultados luego de totalizar el 99,12% de los votos de una elección que reportó una participación estimada de 78,71%.

Generó todo tipo de incertidumbre la demora del tribunal electoral en dar a conocer los resultados, ya que inicialmente se había anunciado que los entregarían a las 21:00 pero los emitieron recién a las 23:00.

El candidato electo Nicolás Maduro se dirigió a los venezolanos y dijo que fue un "resultado justo" al tiempo de admitir que aceptaría que se haga una auditoría sobre los resultados, solicitud que surgió desde la oposición.

"Nosotros somos los garantes de la Constitución. Si yo hubiera perdido por un voto hubiera aceptado la derrota", declaró.

Aparato estatal

El triunfo de Maduro se produjo en el marco de una campaña absolutamente desigual.

Todo el aparato estatal chavista se desplegó para beneficiar al candidato, desde las declaraciones de militares o de funcionarios del gobierno sentando posturas políticas en abierta violación a la ley, hasta el descarado uso ya en veda electoral de los medios públicos o afines en favor de Maduro.

Ahora Nicolás Maduro tiene sobre sus hombros una difícil tarea, teniendo en cuenta los problemas que hoy aquejan al país caribeño, como por ejemplo alta inflación, el enorme déficit fiscal, el aumento de la deuda pública, la escasez de alimentos y de divisas, apagones y creciente dependencia del petróleo, y lo que es peor aún, se anuncia otra devaluación de la moneda.

Auditar 100%

Uno de los rectores del CNE, Vicente Díaz, único miembro de ese organismo por parte de la oposición, pidió que se audite el 100% de los votos emitidos.

Más temprano, el candidato opositor Henrique Capriles había escrito en su cuenta de Twitter: "Alertamos al país y al mundo la intención de querer cambiar la voluntad expresada por el pueblo!".

Canal estatal dedicó 65 horas a Maduro

CARACAS (Enviado especial). La organización civil Monitoreo Ciudadano de Venezuela dio a conocer un informe en el que revela que entre el 2 y 11 de abril, el canal del Estado Venezolana de Televisión (VTV) ha transmitido 65 horas y 21 minutos de la campaña de Nicolás Maduro para las elecciones presidenciales.

En las mismas fechas, VTV ha transmitido tan solo 23 minutos de cobertura de la campaña de su opositor Henrique Capriles.

Tomando el promedio, Maduro ha estado en actos de campaña en las pantallas del medio supuestamente público 6 horas y 32 minutos cada día en los últimos 10 días.

Esta suma inmensa de cobertura a la campaña de Maduro es aún más increíble cuando se la compara con la cobertura de actos de campaña de Henrique Capriles en el mismo medio. Entre las mismas fechas, el canal del Estado dedicó solo minutos a eventos promocionados por el candidato de la oposición, un hecho que demuestra ventajismo y abuso de poder total en la televisora estatal.

El uso político o parcializado de los medios u otros recursos del Estado viola la Constitución de la República Bolivariana Venezuela, así como otras leyes y la norma electoral. Sin embargo, el Consejo Nacional Electoral (CNE) no ha hecho nada para regular estas violaciones.

En este sentido, no se puede calificar la campaña electoral en Venezuela como libre ni democrática. El comando de Campaña de Henrique Capriles, uno de los rectores del CNE y otros actores también han hecho centenares de denuncias para señalar la falta de equidad en las elecciones presidenciales.

También entre el 2 y 11 de abril, el Partido Socialista Unido de Venezuela ha transmitido 1.091 segundos de cuñas a favor del candidato presidencial Nicolás Maduro en el canal del Estado Venezolana de Televisión (VTV). Estos 1.151 segundos implican 38,4 cuñas de 30 segundos.

Según voceros del partido oficialista han pagado por estos espacios. Ahora VTV debe demostrar que en verdad se realizaron esos pagos y que aplicó las mismas condiciones y tarifas para las cuñas de la Mesa de la Unidad Democrática (MUD) en apoyo al candidato Henrique Capriles (a quienes exigieron pago adelantado).

Fuente: <http://www.abc.com.py/edicion-impres/internacionales/ajustado-triunfo-de-maduro-deja-un-pais-dividido-y-con-muchas-dudas-560819.html>

Mundo

No habrá recuento de los votos en Venezuela, aseguró Wilfredo Penco

Desde Caracas, el vicepresidente de la Corte Electoral uruguaya y vocero de la Unasur sobre las elecciones en Venezuela dijo que "los resultados son irreversibles" y Nicolás Maduro es el presidente electo.

El vicepresidente de la Corte Electoral, Wilfredo Penco, aseguró hoy desde Venezuela que no se realizara "recuento" de votos de las elecciones realizadas ayer entre el hasta ahora presidente encargado, Nicolás Maduro y el opositor Henrique Capriles.

"Los resultados son irreversibles", dijo.

Esta afirmación fue en respuesta que Capriles señaló ayer que no reconocerá los resultados de los comicios hasta que que no se realice una auditoria de los votos.

"Capriles quiere que el 52% de la verificación de los recibos depositados en urnas, se cotejen con resultados que da el procedimiento informatizado", explicó Penco y añadió que el líder opositor quiere que eso se concrete "hasta un 100%".

Maduro obtuvo 50,66% de los sufragios frente a su rival opositor, Capriles, que se quedó con el 49,07% de los votos, según la presidenta del Consejo Nacional Electoral (CNE), Tibisay Lucena.

El representante uruguayo aseguró en declaraciones a radio Sarandí que se demoró en dar los votos porque se esperó a tener más del 90% del escrutinio realizado debido a lo ajustado del resultado (234.000 votos).

Penco, aseguró que "se votó con una gran calma, paz y tranquilidad" e indicó que "no se registraron incidentes de significación".

"El común denominador fue la concurrencia masiva del pueblo venezolano a las mesas de votación. Un 80% del electorado participó", recordó Penco quien aclaró que en aquel país las elecciones no son obligatorias.

Fonte: <http://www.elpais.com.uy/mundo/no-habra-recuento-de-votos-aseguro-vicepresidente-de-corte-electoral.html>

Unasur insta a respetar resultados de las elecciones en Venezuela

Unasur comunicó que "todo cuestionamiento y procedimiento que solicite alguno de los participantes a las elecciones presidenciales de Venezuela deberá ser canalizado dentro del ordenamiento jurídico vigente", en referencia al conteo de votos que exige la oposición.

La Misión de Acompañamiento de la Unión de Naciones Suramericanas (Unasur) destacó, en la noche de este domingo, que los resultados de las elecciones presidenciales en Venezuela deben ser respetados, por emanar del ente autorizado, el Consejo Nacional Electoral (CNE).

Respeto a los resultados, "la Misión declara, tal y como lo sostuvo desde su instalación, que dichos resultados deben ser respetados por emanar del Consejo Nacional Electoral, autoridad competente en esta materia", declaró Carlos "Chacho" Álvarez presidente de la Misión de Acompañamiento de la Unasur.

Álvarez aclaró a todos los actores políticos de Venezuela que "todo reclamo, cuestionamiento y procedimiento que solicite alguno de los participantes deberá ser canalizado dentro del ordenamiento jurídico vigente".

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

El presidente de la Misión de Acompañamiento anunció también que para este 15 de abril entregarán un informe al CNE con las observaciones del proceso electoral.

En la noche de este 14 de abril, el Consejo Nacional Electoral de Venezuela anunció los resultados irreversibles de los comicios presidenciales, los cuales dieron por vencedor a Nicolás Maduro con 50,66 por ciento de los votos, frente al 49,07 por ciento que obtuvo el abanderado de la derecha Henrique Capriles Radonski.

Capriles Radonski se negó a reconocer los resultados electorales y solicitó la auditoría del 100 por ciento de los votos. Por su parte, Maduro realizó un llamado a la paz y le solicitó "formalmente al Consejo Nacional Electoral la realización de una auditoría de cara al país".

"Vamos a hacerlo, no tenemos miedo, que las cajas hablen y se diga la verdad. Confiamos en el CNE, confío en el pueblo de Venezuela", sostuvo.

Fonte: <http://www.telesur.tv/articulos/2013/04/15/unasur-resultados-de-elecciones-deben-ser-respetados-8322.html>

Política

Dilma: País não tem dúvida sobre eleição na Venezuela

LISANDRA PARAGUASSU

Segunda-feira, 15 de abril de 2013, 19:22

O governo brasileiro considerou nesta segunda-feira encerrado o processo eleitoral na Venezuela e oficial o resultado divulgado pelo Conselho Nacional Eleitoral que deu a vitória a Nicolas Maduro. Apesar do resultado apertado e dos questionamentos feitos pela oposição, que pede a recontagem de votos, o Brasil adotou a posição declarada ainda no domingo pela missão de acompanhamento eleitoral da União das Nações Sul-Americanas (Unasul), que considerou o processo válido, democrático e transparente.

O governo brasileiro teria sido avisado ainda na noite de domingo, antes da declaração oficial, sobre a vitória apertada de Maduro. Nesta segunda, a presidente Dilma Rousseff conversou com o venezuelano e garantiu que o Brasil não tem dúvidas sobre o resultado da eleição.

Dilma, segundo a nota, manifestou "sua satisfação com o clima de normalidade" da votação e disse "estar pronta a trabalhar com o novo governo venezuelano". Segundo a assessoria do Planalto, Maduro agradeceu o telefonema de Dilma e afirmou ter-se tratado de uma "disputa

acirrada, que demonstrou a vitalidade das instituições e da democracia venezuelana, com alto grau de participação do eleitorado". Dilma fez questão de "felicitar-lo pela vitória nas eleições presidenciais de domingo".

O mesmo posicionamento de Dilma foi declarado por Patriota, ao sair de um encontro com o chanceler da Guatemala, Luis Fernando Carrera Castro. O ministro lembrou que o Conselho anunciou o resultado quando já estavam apurados 99,12% dos votos. "O Conselho quando dá um resultado eleitoral é porque o considera irreversível", afirmou. "Antes de mais nada, a eleição de ontem é uma vitória da democracia. Em nossa região, consideramos a plena vigência da democracia como um ingrediente essencial à integração regional e o aprofundamento das relações entre o Brasil e os países vizinhos", completou.

Patriota ressaltou a declaração do chefe da missão de acompanhamento eleitoral da Unasul, o argentino Chacho Alvarez, que "parabenizou o povo venezuelano pelo espírito democrático demonstrado na disputa eleitoral de ontem e disse que os resultados devem ser respeitados por emanar da autoridade máxima eleitoral venezuelana". De acordo com o ministro, o Mercosul deverá soltar um comunicado nos mesmos termos.

"A Venezuela é um país membro do Mercosul, nosso parceiro, e a expectativa não poderia deixar de ser outra se não a de prosseguirmos com um caminho de relações cada vez mais estreitas e profundas. Felicito o presidente Maduro pela sua vitória e reafirmamos nossa posição de seguirmos trabalhando muito estreitamente", afirmou o ministro. (colaborou Tânia Monteiro)

Fonte: <http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not259624.shtm>

Secretário-geral da OEA apoia pedido de recontagem de votos na Venezuela

Da BBC Brasil

15/04/2013 - 16h50

Brasília – O secretário-geral da Organização dos Estados Americanos (OEA), José Miguel Insulza, apoiou hoje (15) o pedido de recontagem de votos na Venezuela, após o presidente interino, Nicolás Maduro, ter sido declarado vencedor da eleição presidencial.

"Com relação à necessidade de se conduzir uma auditoria e uma recontagem completa dos votos, Insulza expressou seu apoio a essa iniciativa e colocou à disposição da Venezuela a equipe de especialistas em eleições da OEA", diz comunicado da organização.

Segundo colocado na eleição, Henrique Capriles exigiu a recontagem dizendo que os opositores não reconhecerão a vitória de Maduro até que todos os votos sejam conferidos.

Nicolás Maduro, que ocupava a Presidência venezuelana interinamente desde a morte de Hugo Chávez, ressaltou que sua vitória foi "justa, legal e constitucional", mas disse que aceita a realização de uma auditoria.

Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-04-15/secretario-geral-da-oea-apoia-pedido-de-recontagem-de-votos-na-venezuela>

16/04/2013

Eleito passa a ser questionado no próprio chavismo

FLÁVIA MARREIRO, ENVIADA ESPECIAL A CARACAS

Além da pressão da oposição, que demonstrou força eleitoral ao crescer e praticamente empatar com o chavismo, o presidente Nicolás Maduro também já está sendo questionado internamente pelos resultados eleitorais.

No discurso após ser proclamado presidente eleito, Maduro mostrou a dificuldade do chavismo de ajustar o discurso sobre as maiorias e o modelo de democracia participativa como superior à democracia representativa com a atual fotografia das urnas.

Disse ele que a Venezuela é formada agora por "duas metades", uma metade majoritária e uma metade minoritária. "Um voto é um voto e repetimos. Triunfamos. Eles pretendem ferir a maioria e a vontade popular", disse.

O herdeiro escolhido por Hugo Chávez, morto vítima de câncer em março, está sendo alvo de forças que atuam em direção contrária.

Aliados como o ex-presidente brasileiro Lula apelam por moderação política e econômica --um general venezuelano chegou a dizer a interlocutores que "Lula deve ser para Maduro o que Fidel [Castro] foi para Chávez".

Já grupos dentro do chavismo consideraram os resultados como um chamado ao debate interno e à aceleração de medidas "socialistas", como o avanço do Estado Comunal.

As leis comunais, aprovadas em 2010, ainda têm de ser regulamentadas. Propõem a criação formal de comunas, território resultante da reunião de conselhos comunitários, com eleição direta. O país já tem várias em formação.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Enquanto isso, no Twitter, o chavista que preside a Assembleia, Diosdado Cabello, pedia: "Busquemos nossas falhas até debaixo das pedras, mas não podemos pôr em risco a pátria nem o legado de nosso comandante".

O militar reformado Cabello, para muitos chavistas um representante da "direita endógena" no movimento, é considerado rival natural de Maduro, embora tenham mostrado coordenação na reta final da doença de Chávez e na campanha.

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/04/1263279-eleito-passa-a-ser-questionado-no-proprio-chavismo.shtml>

Análise: Ação de Capriles põe seu capital político em jogo

FABIANO MAISONNAVE, DE SÃO PAULO

Fortalecido após a votação de anteontem, o opositor Henrique Capriles colocou seu recém-aumentado capital político em jogo ao acusar fraude. Agora, terá a difícil missão de provar irregularidades num país onde as instituições estão cooptadas pelo governo.

A oposição registrou cerca de 3.200 irregularidades nos centros eleitorais, principalmente envolvendo intimidações e utilização de documentos falsos. Uma investigação de casos assim seria mais política do que técnica, com claro favorecimento a Nicolás Maduro. A alteração do resultado é altamente improvável e traz o risco de desestimular novamente eleitores opositores a votar.

Sob o chavismo, as eleições venezuelanas vêm tendo dois momentos distintos. Na campanha em si, os governistas fazem amplo uso da máquina do Estado, desde empregar recursos públicos em mobilizações até o uso parcializado dos meios de comunicação públicos. Por outro lado, as urnas são confiáveis do ponto de vista técnico.

Em 2005, alegando falta de confiança no sistema eleitoral, a oposição boicotou as eleições parlamentares e acabou presenteando o chavismo com a Assembleia Nacional (Congresso). A oposição admitiu o erro e voltou a disputar e ganhar eleições, retomando governos estaduais e municipais até chegar à ampla votação de Capriles.

Capriles pode estar apostando num enfraquecimento precoce do mandato de Maduro ao incentivar protestos nas ruas. O chavismo costuma responder a essas mobilizações com manifestações e o uso desproporcional de suas forças policiais. É grande o risco de violência nos próximos dias.

O cenário político acirrado, aliado às mazelas econômicas e à criminalidade fora de controle, torna incerto o futuro próximo da Venezuela. Mas há mais argumentos para previsões pessimistas do que para otimismo.

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/04/1263286-analise-acao-de-capriles-poe-seu-capital-politico-em-jogo.shtml>

Opinião

Editorial: Venezuela dividida

A vitória apertada de Nicolás Maduro provoca forte abalo nas pretensões do chavismo. O candidato opositor Henrique Capriles obteve 49% dos votos, contra os 50,75% de Maduro, que disputou como presidente interino do país.

A margem, estreita em qualquer contexto, torna-se ainda menor diante das circunstâncias que cercaram as eleições venezuelanas. Maduro concorreu como herdeiro político de Hugo Chávez, cujo funeral atraiu multidões há pouco mais de um mês. Teve, além disso, a máquina estatal ao seu lado e o apoio de 20 dos 23 governadores.

É evidente o desencanto com Maduro, que chegou a ter 20 pontos de vantagem em pesquisas do início de abril. Seu declínio, porém, é mais bem compreendido em perspectiva: há seis meses, o próprio Chávez foi eleito com 54,4% dos votos, resultado modesto se comparado aos 63% de 2006.

Torna-se cada vez mais difícil sustentar a retórica maniqueísta que o chavismo utilizou nos últimos 14 anos, dividindo o país entre uma maioria "bolivariana" e uma minoria de "burguesitos" --apelido dado aos opositores do governo. Até Fidel Castro disse a Chávez, anos atrás, que não há milhões de oligarcas na Venezuela.

Se quiser chegar ao final dos seis anos de mandato, Maduro, mais conciliador que Chávez, precisará abandonar a estratégia do confronto. Não é mais possível deslegitimar uma oposição que, com menos recursos e acesso limitado à TV, conquistou metade da nação.

Maduro tampouco poderá seguir com ações paliativas contra o atual descalabro econômico, que tem resultado em inflação fora de controle, desabastecimento e um déficit público de 15% do PIB. Medidas necessárias, mas impopulares, como a maxidesvalorização da moeda local e o aumento do preço da gasolina, terão de ser cogitadas.

Não será tarefa fácil. À insegurança econômica soma-se a fragilidade política --a liderança de Maduro é questionada, com força crescente, dentro dos próprios círculos chavistas, e o resultado de domingo parece não ter sido suficiente para legitimá-lo no comando da nação.

A insistência de Capriles em contestar o saldo das urnas é apenas sintoma desse quadro instável. Ainda que o sistema de votação pareça confiável do ponto de vista técnico, não faltam, nessa democracia tutelada, pretextos para duvidar das instituições. Instalada a controvérsia, seria melhor proceder à recontagem oficial dos votos.

Estão previstas para este ano, provavelmente em julho, eleições locais na Venezuela. Já não será surpresa se a oposição vencê-las.

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/opinia0/2013/04/1263184-editorial-venezuela-dividida.shtml>

Latinoamérica

ALBA y Mercosur expresaron su respaldo al Presidente electo de Venezuela

El ALBA manifestó su respaldo a Nicolás Maduro porque “constituye una expresión del momento trascendental que vive esa nación hermana y representa el mejor tributo que el pueblo venezolano rinde a su líder bolivariano”, Hugo Chávez Frías.

La Alianza Bolivariana para los Pueblos de Nuestra América - Tratado de Comercio de los Pueblos (ALBA-TCP) y el Mercado Común del Sur (Mercosur) felicitaron este lunes la victoria de Nicolás Maduro en las elecciones presidenciales de Venezuela efectuadas este domingo, en las que resultó vencedor tras obtener el 50,75 por ciento de los votos escrutados.

Por un lado, los países del ALBA manifestaron su respaldo al triunfo de Maduro, porque “constituye una expresión del momento trascendental que vive esa nación hermana y representa el mejor tributo que el pueblo venezolano rinde a su líder bolivariano, el Comandante Presidente Hugo Chávez Frías”.

Asimismo, la Alianza destaca el resultado como una “victoria de los pueblos de Nuestra América”, ya que Maduro “garantizará la continuidad y consolidación del ALBA-TCP, como expresión genuina de los ideales integracionistas del Presidente Hugo Chávez y del legado histórico de los próceres latinoamericanos y caribeños”.

A través de un comunicado, el ALBA también extendió una felicitación a "ese heroico pueblo, por la ejemplar jornada electoral que protagonizó este 14 de abril, demostrando de manera inequívoca su profunda vocación cívica y democrática".

Por último, resaltaron que "la voluntad popular expresada en las urnas ratifica el respaldo mayoritario a un proceso que defiende los nobles principios de justicia social, solidaridad, independencia y soberanía".

El organismo está integrado por Venezuela, Cuba, Bolivia, Nicaragua, Mancomunidad de Dominica, Antigua y Barbuda, Ecuador, y San Vicente y Las Granadinas.

Por otra parte, el Mercosur no sólo felicitó a Nicolás Maduro por su triunfo, sino que también destacó la "transparencia" de esos comicios, mediante un comunicado difundido por Uruguay, país que ostenta la presidencia pro témpore del bloque.

Los socios del Mercosur felicitaron "al pueblo venezolano por la amplia participación en los comicios para la elección presidencial" y destacaron "el compromiso con la defensa de los principios democráticos y de transparencia que dicha elección reflejó".

Al mismo tiempo, felicitaron a Maduro, "reiterándole total apoyo y compromiso para continuar el camino de la integración regional de nuestros Pueblos".

El bloque comercial está conformado por Argentina, Brasil, Uruguay, Venezuela y Paraguay, estando éste último suspendido temporalmente.

El CNE proclamó Presidente a Nicolás Maduro con siete millones 563 mil 747 votos (50,75 por ciento) y confirmó que el candidato antichavista quedó en segundo lugar con siete millones 298 mil 491 votos (48, 97 por ciento).

Al menos 24 naciones han reconocido y felicitado el triunfo de Nicolás Maduro e, Venezuela, entre ellas Argentina, Ecuador, Cuba, Bolivia, Nicaragua, República Dominicana, El Salvador, Costa Rica, Brasil, Panamá, Chile, Colombia, Uruguay, Perú, Guatemala, Haití, Palestina, Rusia, y China.

Fuente: <http://www.telesurtv.net/articulos/2013/04/16/alba-y-mercosur-expresaron-su-respaldo-al-presidente-electo-de-venezuela-9470.html>

Internacional

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Maduro poderá enfrentar dificuldades para implementar reformas na Venezuela, avalia diretor da FGV

16/04/2013 - 22h12

Cristina Indio do Brasil, Repórter da Agência Brasil

Rio de Janeiro – A pequena diferença de votos na vitória de Nicolás Maduro sobre o candidato da oposição, Henrique Capriles, nas eleições para a Presidência da Venezuela (50,66% dos votos, contra 49,07% - menos de 234 mil votos), poderá trazer dificuldades para o novo governo implementar as reformas necessárias a fim de colocar a economia venezuelana no bom rumo. A valiação é do diretor executivo do Centro Latino-Americano de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Marlos Lima.

"Embora o Executivo, lá, tenha um poder muito forte sobre o próprio Congresso, mesmo assim, a coalização ficou difícil. Com uma margem pequena [diferença de votos entre o presidente eleito e o candidato da oposição] e ainda com tanta dificuldade para enfrentar o poder político, [o novo governo] tende a ficar mais frágil, ainda mais, com um dever de casa como tem agora", disse.

Para Marlos Lima, o candidato da oposição Henrique Capriles pode se beneficiar com o pouco tempo que o presidente eleito vai ter para resolver os problemas econômicos do país, diante do resultado da eleição que deixou evidente a divisão política na Venezuela. "O grau de dificuldade que Nicolás Maduro enfrentará a partir de agora para dar conta dos problemas da Venezuela, sem o carisma do Chávez, é tão grande, que isso pode vir a beneficiar o candidato da oposição. Acho que ele não precisa se esforçar muito não. É questão de tempo para que o governo faça o dever de casa que tem que fazer. As dificuldades são tantas que este tempo pode ser um fator positivo para a oposição", ressaltou.

O diretor executivo do Centro Latino-Americano de Políticas Públicas da FGV disse ainda que a eleição foi um sinal amarelo para a sociedade venezuelana. O fato da oposição ter uma votação tão expressiva, segundo ele, mostra que a sociedade tem preocupações quanto aos rumos atuais do país. "Todos sabemos dos problemas da Venezuela desde inflação, corrupção, violência, concentração de renda e, especialmente, a dependência do petróleo. Quase 100% das exportações da Venezuela são de petróleo, então, não há uma política de investimentos em um ambiente político suficientemente claro para permitir esse crescimento de forma sustentável. A sociedade se manifestou de forma surpreendente. Pra mim foi surpreendente o resultado que a oposição conseguiu", explicou.

De acordo com o economista, o presidente Maduro não tem as características do presidente Hugo Chávez, mas faz parte de um governo baseado em políticas sociais e por isso, também, a diferença

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

de votos na eleição surpreendeu. "Um resultado como este a despeito de todos os esforços do governo foi surpreendente. Pode ter um impacto no tipo de gestão que o novo presidente vai imprimir ao país. Provavelmente, o Maduro vai precisar de mais apoio internacional para se legitimar. Mas tudo depende da coalização de forças que terá agora. O partido governista é formado de diversas frentes e com resultado tão apertado a margem de manobra do Maduro fica cada vez mais estreita", disse.

Marlos Lima também falou sobre as relações do Brasil com a Venezuela. Segundo ele, o país é um parceiro importantíssimo para o Brasil e tem uma posição geopolítica relevante na América do Sul. "É um dos maiores produtores de petróleo do mundo. É um membro recente do Mercosul com o qual temos uma relação comercial forte. A Venezuela importa praticamente tudo que ela consome de produtos manufaturados e nós somos um grande fornecedor", declarou.

Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-04-16/maduro-podera-enfrentar-dificuldades-para-implementar-reformas-na-venezuela-avalia-diretor-da-fgv>

17/04/2013

Mundo

Violentas protestas agitan Venezuela

El gobierno y la oposición se acusaron mutuamente de la violencia en Venezuela, que dejó al menos siete muertos durante una movilización convocada por el opositor Henrique Capriles contra la proclamación de Nicolás Maduro como presidente.

En un clima de creciente tensión, Maduro amenazó con aplicar "mano dura" contra la oposición, lo que llevó a Capriles a cancelar las protestas anunciadas inicialmente para hoy.

La fiscalía general de Venezuela aseguró que siete personas murieron y 61 resultaron heridas en medio de protestas y hechos de violencia registrados en el país. Hasta ahora, no se han mostrado evidencias sobre las muertes y los heridos.

Maduro, delfín del fallecido presidente Hugo Chávez, responsabilizó a los "fascistas" de las muertes ocurridas en las protestas convocadas por Capriles contra los resultados de las elecciones del domingo, que ganó el primero por apenas 1,8 puntos porcentuales.

"El gobierno es el que está detrás de todos esos episodios de violencia", respondió Capriles, según él para tratar de "que no hablemos del conteo de votos".

No obstante, el líder opositor, de 40 años, dijo estar "en la disposición de abrir un diálogo para que esta crisis sea resuelta en las próximas horas" y retiró el llamado que había hecho a una manifestación hoy en Caracas frente a la sede del Consejo Nacional Electoral (CNE).

"Mañana no vamos a movilizarnos y yo le pido a todos mis seguidores recogerse, el que salga está en el lado de la violencia, el que salga está haciéndole el juego al gobierno. El gobierno quiere que aquí haya muertos en el país", dijo Capriles.

Maduro, de 50 años, había advertido ayer más temprano que no permitiría más marchas opositoras en la capital. "Ustedes no van a ir al centro de Caracas a llenar de muerte y de sangre", sentenció.

PROTESTAS.

Las protestas se desataron el lunes luego de que el CNE proclamara presidente electo a Maduro con 50,75% de los votos contra 48,97% de Capriles, quien ante la estrecha diferencia exigió un recuento total de los sufragios y convocó a la movilización.

Aunque retiró el llamado a las marchas, Capriles, quien considera "ilegítima" la proclamación de Maduro, llamó a "cacerorazos" este martes, el miércoles y sobre todo el viernes, cuando tome posesión Maduro.

En cadena de radio y televisión, Maduro acusó a la oposición de orquestar un "golpe de Estado" con los llamados a protestas y afirmó que un pequeño grupo de militares está bajo investigación por haber tenido contacto con opositores.

"Hagan lo que quieran hacer, no lo voy a permitir. Mano dura voy a poner frente al fascismo y la intolerancia. Si me quieren derrocar vengan por mí, con un pueblo y una fuerza armada aquí estoy", subrayó Maduro, aludiendo al golpe de Estado, urdido por la oposición, que en 2002 derrocó brevemente a Chávez. En actitud desafiante, el presidente electo afirmó: "Si seguimos con la violencia lo que podemos es radicalizar esta revolución" socialista.

Mientras tanto, el presidente de la Asamblea Nacional, Diosdado Cabello, advirtió que promoverá una "averiguación penal" contra el líder opositor. "Capriles fascista, me encargaré personalmente que pagues por todo el daño que le estás haciendo a nuestra Patria y a nuestro Pueblo", escribió en su cuenta de Twitter.

"BINGO".

Capriles afirmó por su parte que "aquí lo que hay es una crisis política". "Si usted canta: `Bingo`, tiene que mostrar el cartón para demostrar que ganó", afirmó.

El dirigente opositor denunció que el domingo hubo 535 máquinas de votación dañadas y que en 286 centros de votación hubo testigos de oposición retirados, "incluso algunos a punta de pistola". "Estos centros representan 722.983 votos. Cuando no hay testigos, significa que puede haber votos asistidos y personas que votan más de una vez", dijo.

Los ánimos de los opositores se desbordaron ayer con caceroleos, bloqueos de calles y movilizaciones, con quema de neumáticos y vehículos. Imágenes, difundidas por VTV, mostraron la sede del partido oficialista en Táchira parcialmente destruida. Según el gobierno, grupos de presuntos opositores asediaron la casa de la presidenta del CNE, Tibisay Lucena, y varios médicos cubanos, que trabajan en misiones sociales creadas por Chávez, fueron agredidos en algunas zonas.

Veedora uruguaya notó anomalías

La diputada del Partido Nacional Verónica Alonso, que participó como veedora en las elecciones venezolanas del domingo, solicitó entrevistarse con las autoridades de los cuatro partidos políticos uruguayos con representación parlamentaria para plantearles todas las irregularidades que notó en la jornada electoral venezolana. "Uruguay ha dado una postura favorable al reconocimiento de Maduro como presidente y yo vi una realidad con ciertas irregularidades que me gustaría dejar planteadas", afirmó a El País. Alonso señaló que si bien las máquinas de votación son ágiles y modernas, el sistema electoral no es lo mismo. "El Consejo Nacional Electoral es un órgano que está en función de un partido político. Está absolutamente sesgado, integrado por cinco sectores, de los cuales cuatro pertenecen al oficialismo", dijo.

La diputada está de acuerdo con la solicitud de un recuento de votos que hizo el opositor Henrique Capriles. "Hay una gran cantidad de denuncias, de incidentes y de irregularidades que se vivieron durante el día de la elección", aseguró. Por ejemplo, notó presión a los votantes fuera de los centros de votación.

Las cifras

7 personas muertas fue el saldo de las manifestaciones convocadas por la oposición, según la Fiscalía de Venezuela.

286 fueron los centros de votación de donde delegados opositores tuvieron que irse "incluso a punta de pistola", denunció Capriles

Fonte: <http://www.elpais.com.uy/mundo/violentas-protestas-agitan-venezuela.html>

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Mundo

VENEZUELA

Niegan la palabra a los diputados que no reconozcan el triunfo de Maduro

El presidente del parlamento de Venezuela, Diosdado Cabello, afirmó que “no tendrán derecho de palabra” en el recinto de sesiones aquellos diputados que no reconozcan el resultado de las elecciones presidenciales del domingo.

El presidente del parlamento de Venezuela, Diosdado Cabello, afirmó que “no tendrán derecho de palabra” en el recinto de sesiones aquellos diputados que no reconozcan el resultado de las elecciones presidenciales del domingo, que ganó el mandatario interino Nicolás Maduro.

“Si no reconocen a Maduro como presidente. váyanse a hablar por (la televisora privada) Globovisión”

“Si no reconocen a Maduro como presidente, si no reconocen las instituciones, aquí no tendrán derecho de palabra; si quieren, se van, lárguense, vayan a hablar por (la televisora privada) Globovisión”, dijo Cabello durante la sesión de ayer.

Cabello, quien quedó a cargo del Partido Socialista Unido de Venezuela (PSUV) gobernante desde la muerte del presidente Hugo Chávez, el mes pasado, hizo esas declaraciones después de que le preguntara al diputado opositor Ismael García, quien había pedido la palabra en la sesión, si reconocía el triunfo de Maduro, sin obtener respuesta.

García pertenece a la Mesa de Unidad Democrática (MUD) cuyo líder, Henrique Capriles Radonski, viene afirmando desde la madrugada del lunes que no reconocerá el resultado de los comicios, que perdió por una diferencia de 265.256 sobre un total de 14.967.737 votos emitidos, si el Consejo Nacional Electoral (CNE) no cuenta manualmente los comprobantes de todos los votos emitidos.

Cabello, además, calificó de “asesinos” y “fascistas” a los diputados opositores, que entonces se retiraron del recinto de sesiones, por lo que quedó suspendido el debate de los proyectos de leyes sobre desarme y sobre regulación del mercado de automotores.

En esos momentos se produjo un enfrentamiento entre legisladores, del que resultaron heridos los opositores Julio Borges y William Dávila.

Varios medios locales mostraron ayer en sus páginas de Internet una foto en la que se ve a Dávila con el saco y la camisa ensangrentados, y enjugándose la frente con un pañuelo.

Tras la salida del recinto de los parlamentarios opositores, Cabello dio por aprobada, con el voto de la mayoría oficialista, una resolución de respaldo al resultado de las elecciones y de rechazo a los episodios de violencia que se registraron el lunes.

Fonte: <http://www.telam.com.ar/notas/201304/14314-niegan-la-palabra-a-los-diputados-que-no-reconozcan-el-triunfo-de-maduro.html>

Internacional

Crise política na Venezuela faz Unasul convocar reunião de emergência

17 de abril de 2013 | 22h 15

Reuters

Vários presidentes da América do Sul vão realizar uma reunião de emergência na quinta-feira em Lima para discutir a crise política na Venezuela, após a disputada eleição do presidente Nicolás Maduro, afirmou nesta quarta-feira a chancelaria peruana.

Altos funcionários do governo não disseram se a reunião estava sendo realizada como uma demonstração de apoio a Maduro, ou se os líderes regionais querem emitir um chamado coletivo de calma à Venezuela, onde protestos irromperam desde a vitória apertada de Maduro por menos de 2 pontos percentuais.

Maduro, o sucessor do falecido ex-presidente Hugo Chávez, será empossado na sexta-feira.

Os governos de Brasil, Peru, Equador, Colômbia, Bolívia e Argentina, entre outros, reconheceram a vitória de Maduro, mas os Estados Unidos não. A União Europeia, por sua vez, disse que estava "preocupada com a crescente polarização da sociedade venezuelana".

A reunião será realizada sob a égide do grupo regional Unasul na quinta-feira à noite em Lima, disseram autoridades de alto escalão do governo. O Peru detém a Presidência rotativa do grupo. Observadores eleitorais da Unasul disseram que a vitória de Maduro foi legítima.

Os presidentes de Peru, Uruguai, Argentina, Colômbia e Brasil vão participar da reunião e outros líderes também podem participar, disseram autoridades.

A maioria dos líderes, incluindo a presidente Dilma Rousseff, viajará em seguida à Venezuela para a cerimônia de posse de Maduro, em Caracas.

O resultado da votação presidencial de domingo foi rejeitado pelo candidato da oposição, Henrique Capriles, que denunciou milhares de irregularidades nos centros de votação e exigiu uma auditoria completa dos votos.

Oito pessoas morreram nos protestos liderados pela oposição. O governo acusou Capriles de incitação à violência, o que ele negou.

(Reportagem de Marco Aquino, em Lima; de Brian Winter e Guido Nejamkis, em Buenos Aires)

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,crise-politica-na-venezuela-faz-unasul-convocar-reuniao-de-emergencia,1022281,0.htm>

Internacional

Justiça da Venezuela diz que recontagem manual de votos é impossível

17/04/2013 - 18h03

Leandra Felipe, Correspondente da Agência Brasil/EBC

Bogotá - De acordo com o Tribunal Superior de Justiça (TSJ) da Venezuela, não existe a possibilidade de que os votos registrados nas eleições de domingo (14) sejam recontados manualmente, como vem pedindo a oposição liderada pelo candidato Henrique Capriles.

A presidenta do TSJ, Luisa Estella Morales, disse em coletiva que o sistema é totalmente eletrônico, o que impossibilita a recontagem. "O sistema eleitoral venezuelano é totalmente sistematizado e por isso a contagem manual não existe", explicou.

No sistema utilizado no país, o voto dos eleitores é realizado por urnas eletrônicas, mas os votos são impressos com o nome do candidato escolhido e depositado em caixas para auditoria, em um processo denominado verificação cidadã.

Após o pedido de verificação de todos os votos, feito pelo adversário derrotado Henrique Capriles, na noite de domingo, o presidente eleito Nicolás Maduro havia dito que poderia ser feita a recontagem. No dia seguinte, o CNE informou que a auditoria em 51% das caixas já havia sido realizada, sem informar os dados coletados.

Sob a tensão do não reconhecimento do resultado pela oposição, a onda de protestos continua. Eleitores da oposição se mobilizam e mantêm informações circulando pelas redes sociais sobre suspeitas de irregularidades eleitorais.

Uma acusação bastante mencionada por diversos venezuelanos nas redes sociais é que caixas de verificação com votos impressos teriam sido queimadas em terrenos baldios da capital Caracas.

O governo rejeita as denúncias de irregularidades e argumenta que o sistema foi referendado pela missão observadora eleitoral da União de Nações Sul-Americanas (Unasul).

Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-04-17/justica-da-venezuela-diz-que-recontagem-manual-de-votos-e-impossivel>

18/04/2013

Reação externa isola oposição na Venezuela

Por Fabio Murakawa | De São Paulo

O maciço apoio regional e o reconhecimento de países não alinhados ao chavismo enfraqueceram nos últimos dias a postura do opositor Henrique Capriles de contestar o resultado da eleição presidencial na Venezuela. Capriles foi derrotado no último domingo por margem surpreendentemente estreita, de menos de 2 pontos percentuais, na disputa contra o presidente interino Nicolás Maduro, indicado pelo ex-presidente Hugo Chávez como seu sucessor.

Anteontem, o governo espanhol reconheceu Nicolás Maduro como "presidente da República, de acordo com o ordenamento constitucional", depois de o Conselho Nacional Eleitoral (CNE) venezuelano ter dito que não haverá a recontagem de 100% dos votos, como pedia a oposição. Com isso, a Espanha, que nunca manteve boa relação com Chávez, voltou atrás da declaração anterior de seu ministro das Relações Exteriores, José Manuel García-Margallo, que defendia a recontagem dos votos.

Essa postura inicial do chanceler gerou uma dura reação de Maduro, que pediu aos espanhóis que se retratassem a tempo, "ou tomaremos medidas diplomáticas, políticas e econômicas exemplares". Ontem, foi a vez de a França reconhecer o resultado, afirmando que o CNE "é a autoridade competente na matéria" eleitoral.

França e Espanha se juntam, assim, à totalidade dos países da América do Sul, que desde o primeiro momento avalizaram o processo eleitoral venezuelano como legítimo. Ontem, fontes do governo brasileiro disseram que a presidente Dilma Rousseff viajará à Venezuela para a posse de Maduro, amanhã, em uma forte demonstração de apoio do governo brasileiro ao presidente eleito.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

"O fato de que os principais governos da América Latina e da Europa se pronunciaram a favor de Nicolás Maduro indica que a proposta do candidato Capriles não tem maioria no contexto internacional", afirma o cientista político Carlos Romero, da Universidade Central da Venezuela (UCV). "Internamente, esse reconhecimento enfraquece a concretização dessa proposta de Capriles."

Romero nota que "não são somente países amigos da Venezuela que fizeram esse reconhecimento, mas também países que não apoiam as políticas iniciadas pelo ex-presidente Hugo Chávez".

A ressalva é a postura dos Estados Unidos, tratados como inimigos pelos chavistas. Ontem, o secretário de Estado, John Kerry, disse que "obviamente há irregularidades gigantescas" que colocam "dúvidas importantes sobre a viabilidade desse governo". "Essa avaliação precisa ser feita, e eu ainda não a fiz", disse perante a Comissão de Relações Exteriores da Câmara.

Uma fonte do governo brasileiro afirma que a ida da presidente a Caracas, na sexta-feira, se dará "no espírito construtivo, não em espírito de ingerência" sobre a política interna venezuelana. Segundo a fonte, porém, na visão do Brasil, o reconhecimento do resultado eleitoral pelas instituições venezuelanas é o bastante para que seja avalizado pelo país.

Pela contagem final do CNE, Maduro venceu Capriles por 50,75% a 48,97% dos votos. O opositor, no entanto, apontou uma série de irregularidades e disse que não reconhecerá o resultado até que seja feita uma recontagem total dos votos. A lei venezuelana prevê a auditoria de 54% dos votos. Ontem, o Tribunal Supremo de Justiça da Venezuela descartou a recontagem manual dos votos.

Nos últimos dias, autoridades venezuelanas vêm fechando o cerco contra o opositor. Após a morte de sete pessoas em confrontos durante protestos convocados por Capriles, a procuradora-geral venezuelana, Luisa Ortega, e o presidente da Assembleia Nacional, Diosdado Cabello, anunciaram investigações contra o opositor por incitar a violência. Ontem, Maduro foi ao funeral de José Luis Ponce, chavista morto nos confrontos no Estado de Miranda, e o declarou "herói e mártir da pátria".

Maduro proibiu uma marcha marcada para ontem por Capriles rumo à sede do CNE, no centro de Caracas, alegando querer com isso evitar novos atos de violência. Ele ameaçou ainda "radicalizar a revolução", caso a violência continuasse, e cessar os repasses federais a Miranda, Estado governado por Capriles, que o chamou de presidente "ilegítimo" e "espúrio".

A presidente do Conselho Legislativo de Miranda, deputada Aurora Morales, afirmou ontem que se Capriles não retomasse hoje o governo do Estado ele seria cassado por "abandono do cargo".

Capriles, por sua vez, desconvocou a marcha ao CNE, mas pediu panelaços pelo país. A avaliação geral, porém, é a de que esses protestos dificilmente resultarão em mudança do resultado da eleição.

Fonte: <http://www.valor.com.br/internacional/3091512/reacao-externa-isola-oposicao-na-venezuela>

19/04/2013

Maduro toma posse após semana tensa na Venezuela

Por Fabio Murakawa | De São Paulo

Nicolás Maduro toma posse hoje como presidente da Venezuela, após uma semana de debate acalorado sobre a legitimidade da sua vitória apertada nas eleições do último domingo. Apontado como sucessor pelo ex-presidente Hugo Chávez, morto em 5 de março, ele derrotou o líder opositor Henrique Capriles por 50,75% dos votos contra 48,97%. O rival se recusa ainda a reconhecer a derrota e pede recontagem total dos votos.

Maduro assume o cargo após angariar apoio internacional suficiente para isolar a oposição e depois de ter elevado o tom contra Capriles, ameaçando "radicalizar a revolução" e responsabilizá-lo criminalmente pelos atos de violência que, diz o chavista, foi estimulada pelo opositor ao convocar protestos em todo o país que resultaram na morte de oito pessoas.

Analistas afirmam, no entanto, que a tendência a partir dos próximos dias é que a retórica de um lado e de outro baixe um pouco de tom. Isso devido ao fato de que, nem para Maduro nem para a oposição, interessa que a Venezuela atravessasse um clima de instabilidade política num futuro próximo.

Do lado governista, há uma série de problemas econômicos e sociais a serem solucionados, e que quase deixaram escapar a Maduro uma vitória eleitoral dada como certa. Inflação em alta, problemas de desabastecimento, escassez de dólares e a violência que atinge níveis estratosféricos no país estão no centro da explicação da perda de cerca de quase 600 mil votos em relação ao resultado obtido pelo presidente Hugo Chávez na eleição presidencial de outubro, em que derrotou o mesmo Capriles. Tentar solucionar esses problemas em meio a um clima de elevada confrontação com uma oposição fortalecida não é bom negócio.

"O governo teve que mostrar força neste momento em que a oposição contesta a sua legitimidade", afirma Luiz Pinto, pesquisador do Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade Columbia. "Não vejo perspectiva de diálogo e de concessão à oposição, mas Maduro deve adotar um tom mais conciliador após a posse."

Do lado opositor, tampouco interessa que o confronto chegue ao ponto de tornar o país ingovernável. Capriles, apesar da derrota, saiu fortalecido da eleição. Consolidou-se como maior liderança opositora e candidato inevitável na próxima eleição presidencial, que pode ser antecipada por um referendo revogatório que, analistas dão como certo, ocorrerá na metade do mandato de Maduro, em 2016. Além disso, se não afinar o tom, ele pode perder o apoio de parte do eleitorado que migrou de Chávez para suas fileiras. "A esse eleitor, o que mais interessa é a estabilidade política e que o novo governo comece logo", diz Pinto.

Para o cientista político venezuelano Carlos Romero, a melhor estratégia para Capriles, num futuro próximo, é reconhecer o novo governo e preparar-se para um novo enfrentamento nas urnas. "As pessoas não querem que Capriles use o resultado eleitoral para gerar desestabilização", diz. "Ele deve insistir em seu direito legítimo a uma revisão do processo, mas reconhecendo a vitória de Maduro."

Fonte: <http://www.valor.com.br/internacional/3093060/maduro-toma-posse-apos-semana-tensa-na-venezuela#ixzz2QuejBz4f>

Política

PERÚ

Contundente respaldo de los presidentes de la Unasur a Maduro

Los jefes de Estado firmaron esta madrugada un acta de consenso en la que además instaron a "reconocer" el resultado electoral en Venezuela y bregaron por "el diálogo y la tolerancia".

Así se pronunciaron los presidentes Cristina Fernández de Kirchner y sus pares de Brasil, Dilma Rousseff; de Uruguay, José Mujica; de Chile, Sebastián Piñera; Bolivia, Evo Morales; Colombia, Juan Manuel Santos; y Perú, Ollanta Humala; tras difundirse el acta de consenso que cerró la cumbre extraordinaria de Jefes y Jefes de Estado de la Unión de Naciones Suramericanas, llevado a cabo en el Palacio Presidencial de Lima, junto a Nicolás Maduro.

Allí, el electo mandatario venezolano recibió el respaldo de los líderes políticos de la región el mismo día de su asunción en Caracas, al cabo de una reunión de más cuatro horas, que cerró a las 3.20 de Argentina (0.30 de Lima).

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

En ese marco, los presidentes dieron a conocer los 5 puntos del documento, en el que en principio transmitieron su "felicitación al pueblo venezolano por la elección del 14 de abril, y a Nicolás Maduro" por su triunfo.

Enseguida, en el punto 2, instaron "a respetar y reconocer los resultados emanados por el Consejo Nacional Electoral (CNE)", y en el siguiente reafirmaron que "los reclamos deben realizarse dentro del ordenamiento jurídico correspondiente", al tiempo que destacaron haber "tomando nota positiva de la decisión del CNE de implementar una metodología que permita la auditoria" de las mesas electorales.

Por otra parte, en el punto 4 del acta, los presidentes llamaron a "deponer toda actitud y acto de violencia que ponga en riesgo la paz social del país", y expresaron su "solidaridad con las familias de las víctimas fatales del 15 de abril", además de "invocar al diálogo y a preservar el clima de tolerancia" en Venezuela.

En el quinto y último punto, los presidentes de la UNASUR acordaron "la designación de una Comisión para acompañar la investigación de los hechos violentos del 15 de abril", que provocaron 8 muertos y más de 60 heridos en el país.

Tras la difusión del documento, el anfitrión Ollananta Humala despidió a sus pares y reafirmó que los Jefes de Estado "estaremos apoyando los procesos para reafirmar la democracia en nuestra región".

La reunión comenzó poco antes de la medianoche argentina y, si bien los presidentes habían anunciado que brindarían un fuerte apoyo al proceso electoral en Venezuela, el encuentro también sirvió para explicar el sistema electoral en el país bolivariano y para analizar los hechos sucedidos el día posterior al triunfo de Maduro.

En ese marco, el electo presidente y una decena de funcionarios del CNE y asistentes, demostraron detalladamente cómo funcionan las máquinas y el sistema electoral, lo que quedó plasmado en una treintena de carpetas rojas.

Según pudo averiguar Télam -único medio argentino presente-, en el avión que trasladó a la delegación de Venezuela también se trajeron algunas máquinas de votación utilizadas en los comicios del 14 de abril.

Luego de la específica explicación y la conferencia de prensa, los jefes de Estado se tomaron la tradicional foto de familia que, en esta oportunidad, tuvo un espíritu de apoyo y solidaridad con el líder bolivariano.

La reunión extraordinaria de los presidentes de la región sudamericana se convocó luego de que la oposición venezolana, encabezada por Henrique Capriles, y el gobierno de Estados Unidos, pusieran en duda el triunfo de Maduro, al punto de pedir un recuento de votos.

En el marco del encuentro de UNASUR, un grupo de numerosos venezolanos que residen en Lima se manifestaron a favor de la Revolución Bolivariana frente al Palacio de Gobierno de Perú.

Con el contundente respaldo de los presidentes de la región, junto al reconocimiento de otros países como Rusia y China, Maduro junto a otros presidentes de la región viajó hacia Caracas, donde en las próximas horas asumirá como sucesor del fallecido Hugo Chávez.

Tras la reunión, Cristina partió a las 4 hora argentina (1 hora local) con destino al aeropuerto de Lima, con destino hacia Caracas para participar junto a la comitiva argentina del acto de asunción de Maduro.

Fonte: <http://www.telam.com.ar/notas/201304/14594-contundente-respaldo-de-los-presidentes-de-la-unasur-a-maduro.html>

Mundo

Maduro asume hoy la presidencia pese al rechazo de la oposición

Nicolás Maduro asumirá hoy la presidencia de Venezuela, a pesar del recurso presentado por la oposición, que reclama el recuento de los votos de las elecciones del domingo.

Los adversarios del oficialismo tampoco asistirán hoy a la ceremonia en la Asamblea Nacional, según anunciaron ayer.

Tras varios días de tensión, en Caracas avanzaban los preparativos para la asunción de Maduro, designado por el fallecido presidente Hugo Chávez como su sucesor y ganador por escaso margen de los últimos comicios. Varios cazas Sukhoi y helicópteros militares sobrevolaban el cielo de la ciudad cerca del mediodía, en un aparente ensayo para el desfile militar en el Paseo de los Próceres, que se realizará tras la toma de posesión del mandatario en la Asamblea Nacional.

CONTROL. En un momento en que parece haber retomado el control de la situación después de las movilizaciones convocadas por la oposición en rechazo a su asunción, Maduro viajó anoche a Lima a buscar el apoyo de la Unión Suramericana de Naciones (Unasur), que celebró una cumbre presidencial de emergencia para tratar la crisis política del país.

"Todos debemos reaccionar acabamos de Derrotar un Golpe de Estado y ellos van a continuar con el Saboteo a la Vida del país. Alerta a Todos", escribió Maduro en su cuenta en Twitter, recordando los ocho muertos que, según el gobierno, dejó la movilización del lunes, convocada por el líder opositor Henrique Capriles en protesta por la proclamación de su rival en las urnas ante el Consejo Nacional Electoral (CNE) sin antes contar todos los votos.

El joven gobernador opositor, que no reconoce el ajustado margen de 1,8 puntos que le dio la victoria a Maduro, espera una decisión del CNE sobre el recurso que presentó el miércoles, pidiendo el recuento de votos basándose en denuncias de irregularidades.

Sin embargo, analistas dudan mucho de que ese recurso prospere, sobre todo después de que el Tribunal Supremo de Justicia (TSJ) dijera el miércoles que el conteo manual no existe.

AUSENCIA. Legisladores de la oposición anunciaron que no acudirán a la ceremonia de jura de Maduro en la Asamblea Nacional, en protesta por la decisión de no concederles el uso de la palabra en las sesiones del parlamento si no reconocen al sucesor de Hugo Chávez como el primer magistrado de la nación.

Miembros de la coalición opositora en el Congreso dijeron ayer que tampoco asistirán a la ceremonia por la "criminalización" de su petición de hacer un recuento total de los votos.

También ayer, el director de un grupo de defensa de los derechos humanos acusó a la Guardia Nacional de golpear a manifestantes de la oposición en un destacamento militar por negarse a reconocer la elección de Maduro.

Alfredo Romero, director de la organización Foro Penal Venezolano, declaró que durante protestas realizadas por la oposición en todo el país fueron detenidas unas 300 personas, 71 de ellas en Barquisimeto, por respaldar la demanda de recomtar la totalidad de los sufragios pedida por el líder opositor Henrique Capriles.

KERRY. Mientras Maduro recibía un apoyo casi unánime de sus vecinos latinoamericanos, aunque con matices, Capriles era apoyado en su demanda de recuento de votos por Estados Unidos y también por la Unión Europea, aunque esta última tomó nota de su elección.

Bajando el tono, el secretario de Estado estadounidense, John Kerry, insistió ayer en la conveniencia de un recuento de los votos, pero pidió que no se "cierren las puertas" entre ambos países, que mantienen una deteriorada relación diplomática.

"Nuestra posición es que esa auditoría sería un importante primer ingrediente para brindar confianza a toda la comunidad de naciones interesada en este resultado", dijo Kerry.

Al reaccionar el martes a la postura de Estados Unidos, principal comprador del petróleo venezolano con 900.000 barriles diarios pagados en efectivo, Maduro afirmó: "No reconozcan nada, no nos importa su reconocimiento".

Venezuela y Estados Unidos han mantenido difíciles relaciones desde la llegada al poder de Chávez en 1999, y desde 2010 carecen de embajadores.

Fonte: <http://www.elpais.com.uy/mundo/maduro-asume-hoy-la-presidencia-pese-al-rechazo-de-la-oposicion.html>

23/04/2013

Multipolaridad

Conversó con el nuevo mandatario de ese país

Presidente Maduro manifiesta su deseo de restablecer relaciones con Paraguay

23 abril 2013

"Le hemos ratificado (al nuevo presidente de la nación guaraní) nuestro deseo de retomar el ritmo de relaciones económicas, comerciales diplomáticas, políticas, culturales", sostuvo el presidente venezolano

El presidente de la República Bolivariana de Venezuela, Nicolás Maduro Moros, informó que este martes sostuvo una conversación telefónica con el nuevo mandatario de Paraguay, Horacio Cartes, en la que expresó su deseo de restablecer las relaciones diplomáticas y comerciales con ese país suramericano.

"Le hemos ratificado (al nuevo presidente de la nación guaraní) nuestro deseo de retomar el ritmo de relaciones económicas, comerciales diplomáticas, políticas, culturales, le deseamos suerte a él como nuevo presidente del Paraguay", sostuvo.

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

La aseveración la realizó durante una reunión sostenida con las y los gobernadores revolucionarios, celebrada en el Palacio de Miraflores (casa de gobierno), durante la cual el jefe de Estado venezolano afirmó que, durante la llamada que realizó a su homólogo paraguayo, manifestó sus felicitaciones por el triunfo electoral logrado el pasado domingo 21 de abril.

El Presidente expresó, además, la disposición del Gobierno Bolivariano para desarrollar un conjunto de iniciativas que acerquen a ambas naciones y permitan “superar los problemas que hubo producto de los hechos del 21 de junio del año 2012”.

“Esperamos que sean superadas las circunstancias que llevaron a la suspensión del Paraguay en Mercosur y Unasur”, señaló Nicolás Maduro, al tiempo que destacó que es necesaria la reincorporación del país en los referidos bloques regionales, ya que “hacen falta porque son nuestros hermanos suramericanos”.

Venezuela rompió relaciones diplomáticas con Paraguay tras la instalación de un gobierno de facto en ese país, luego del derrocamiento, a través de un breve juicio realizado en el parlamento de ese país, del presidente constitucional Fernando Lugo.

El hecho también provocó la expulsión de Paraguay de Mercosur y Unasur.

Tras el triunfo electoral de Horacio Cartes, mandatarios de varias naciones que integran los mencionados bloques de integración regional han abogado por el retorno de la nación guaraní a los mismos.

Texto/Francisco Moreno

Fonte: <http://www.correodelorinoco.gob.ve/multipolaridad/presidente-maduro-manifiesta-su-deseo-restablecer-relaciones-paraguay/>

26/04/2013

Mundo

28/04/2013

Eleição paraguaia ajuda Venezuela no Mercosul

ROBERTO SIMON, ENVIADO ESPECIAL - Agência Estado

Se a eleição do ex-bispo Fernando Lugo, em 2008, iniciou um período de forte polarização no Paraguai, a vitória do colorado Horacio Cartes, dia 21, aponta para um esvaziamento da batalha

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

ideológica dos últimos anos. Analistas concordam que, com o pragmatismo paraguaio em alta, se abre o caminho não somente para a normalização do status do país no Mercosul, mas também para a plena aceitação da Venezuela no bloco.

A aproximação entre Assunção e Caracas antecede a Lugo - vem do governo do colorado Nicanor Duarte Frutos. Foi ele quem, em 2007, assinou com o então presidente Hugo Chávez um acordo, em condições altamente favoráveis ao Paraguai, de venda de petróleo pela PdVSA em troca da exportação de grãos e carne. A Venezuela se comprometia ainda a reinvestir os dividendos da transação no Paraguai. À mesma época, o Uruguai de Tabaré Vázquez firmou um acordo em termos similares.

A situação mudou quando Lugo chegou ao poder. Figura historicamente ligada a movimentos sociais, ele rompeu a hegemonia dos colorados. Na oposição pela primeira vez em 61 anos, o partido de Duarte fez dos laços com a Venezuela um de seus cavalos de batalha para desgastar a aliança entre Lugo e os liberais. "Em 2008, aflorou um forte conservadorismo no Congresso paraguaio, que sempre esteve presente, mas com o governo colorado tinha menos sentido", afirmou Filartiga. As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,eleicao-paraguaia-ajuda-venezuela-no-mercosul,1026453,0.htm>

29/04/2013

Internacional

Capriles critica auditoria e diz que esgotará recursos

Após conselho eleitoral se recusar a contar votos da maneira como candidato quer, oposição promete recorrer à Unasul e ao Mercosul

29 de abril de 2013 | 2h 07

CARACAS - O Estado de S.Paulo

O líder da oposição venezuelana, Henrique Capriles, criticou ontem a auditoria de votos da eleição presidencial proposta pelo Conselho Nacional Eleitoral (CNE) e prometeu intensificar os protestos contra o resultado da votação. Capriles foi derrotado há duas semanas pelo chavista Nicolás Maduro por uma diferença de 1,8 ponto porcentual e acusa o governo de fraude.

Na noite de sábado, a presidente do CNE, Tibisay Lucena, afirmou que a auditoria começaria hoje, mas não nos termos pedidos por Capriles. Segundo ela, a requisição de Capriles é "impossível" de ser atendida.

"Depois de uma análise no CNE, pudemos constatar que é impossível aprovar o pedido nos termos exigidos por ele, uma vez que não constam no ordenamento jurídico da Venezuela", disse Tibisay.

Na Venezuela, a votação é eletrônica. Capriles queria que o CNE contasse todos os comprovantes emitidos pelas máquinas de votação e os comparasse com as listas de eleitores. O conselho fará uma auditoria por amostragem aleatória recolhida de 46% das urnas. O restante delas foi auditado no dia da eleição.

"Novamente, em cadeia nacional, parecem pensar que nós, venezuelanos, somos bobos. Sem as listas, a auditoria é mal feita", disse Capriles. "Levaremos esse caso ao mundo. Mais cedo ou mais tarde, teremos novas eleições."

O líder da oposição ainda acusou Tibisay de "cumprir as ordens do chavismo" e prometeu esgotar todas as instâncias para obter a recontagem que julga correta dos votos.

Na manhã de ontem, um grupo de deputados da oposição criticou a decisão do CNE e prometeu recorrer a instâncias internacionais contra o resultado da eleição. "Iremos a todas as organizações, como o Mercosul e a Unasul, para que o mundo saiba que na Venezuela foi Henrique Capriles quem ganhou as eleições", disse o deputado Ismael García.

O parlamentar também assegurou que, apesar da decisão do presidente da Assembleia Nacional, o chavista Diosdado Cabello, de não reconhecer os deputados da oposição, continuará apoiando Capriles. "Podem nos tirar a imunidade, podem nos perseguir, mas o país tem de saber a verdade", acrescentou. "Temos de respeitar a vontade do povo, que elegeu Capriles presidente."

Na sexta-feira, Capriles tinha ameaçado impugnar a disputa nos tribunais - mas a maioria dos juízes foi indicada pelo presidente Hugo Chávez, morto no mês passado. "O passo seguinte é a impugnação nos próximos dias. Com todas as provas, com todos os elementos que já temos, vamos impugnar as eleições", disse o opositor.

Cuba. Capriles admitiu que sua ação na Justiça, que em tese poderia resultar numa nova votação completa ou parcial, terá um caminho difícil nos tribunais da Venezuela. "Nós não estamos contestando a eleição com a expectativa de que o Supremo Tribunal nos dê uma resposta favorável ou que o sistema de Justiça vá funcionar", disse Capriles. "Mas passaremos por todos trâmites legais."

Ontem, o presidente venezuelano, Nicolás Maduro, cumpriu agenda em Havana, onde assinou acordos de cooperação ao lado do líder cubano, Raúl Castro, e encontrou seu irmão Fidel. O

objetivo da viagem, segundo a chancelaria venezuelana, é reforçar a aliança estratégica entre os dois países.

Desde a primeira vez que assumiu o cargo, em 1999, Chávez tornou a Venezuela o principal aliado político de Cuba, colaborando economicamente com a ilha. Maduro optou por seguir a mesma política. / REUTERS

Fonte: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,capriles-critica-auditoria-e-diz-que-esgotara-recursos-,1026661,0.htm>

02/05/2013

Mundo

O silêncio cúmplice dos governos do Mercosul

Flavia Piovesan e Mariela Morales Antoniazzi

Em tempos ditatoriais, a cooperação entre os países do Cone Sul era pautada pela violação de direitos humanos, por meio do intercâmbio de informações, perseguição político-ideológica, entrega de opositores do regime, prática da tortura, execução sumária e desaparecimento forçado - como revelam as atrocidades perpetradas pela Operação Condor. Com a democratização, a cooperação internacional dos países do Cone Sul passa a ser inspirada não mais pela violação a direitos, senão pela promoção dos direitos humanos, da democracia e do Estado de Direito na região. No âmbito do Mercosul adota-se o Protocolo de Ushuaia, instituindo a cláusula democrática como condição para ingresso e permanência no bloco. Posteriormente, são aprovados a Declaração de Direitos Humanos, a Declaração Sócio-Laboral e o Projeto de Estatuto da Cidadania, que endossam a vigência dos direitos humanos e da democracia como requisito essencial à integração regional - a condicionalidade democrática inclusive foi invocada pelo Mercosul duas vezes em resposta às crises paraguaias de 1996 e 1999.

A suspensão do Paraguai e a adesão da Venezuela ao Mercosul reacenderam o debate sobre o cumprimento da cláusula democrática e de direitos humanos. A polêmica se acentuou com a sinalização de que a Venezuela denunciaria a Convenção Americana de Direitos Humanos, como reação às sucessivas condenações pela Comissão e Corte Interamericanas por violação de direitos, notadamente da liberdade de expressão, da liberdade de imprensa e da independência judicial. O quadro agravou-se ainda mais com a crise político-institucional decorrente do resultado das eleições presidenciais de 14 de abril último.

O Estado democrático requer governantes com legitimidade, a partir de eleições livres e periódicas, assegurado o sufrágio universal e o voto com valor igual para todos. A profunda polarização

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

política da Venezuela levou à demanda por recontagem completa de votos, com o amplo respaldo da Organização dos Estados Americanos, da Unasur, da União Europeia e de expressivas organizações civis internacionais, como a Human Rights Watch - que aplaudiram a iniciativa de uma auditoria com a necessária abertura de um diálogo político.

O Mercosul manteve-se absolutamente silente. Em 28 de junho a Venezuela assumirá a Presidência "pro tempore" do bloco. Como compreender a omissão do Mercosul com relação ao caso venezuelano? Como organização que tem por atribuição promover a democracia, os direitos humanos e o Estado de Direito, em que medida a inação do bloco não estaria a ameaçar a luta pelo fortalecimento destes valores? Qual é o grau de integridade e sustentabilidade da cláusula democrática em face da suposta seletividade política do bloco? Como avaliar o paradoxo da abstenção considerando a crescente agenda de políticas públicas e direitos humanos do Mercosul, incluindo desde a solicitação à Corte Interamericana de uma opinião consultiva sobre o alcance dos direitos das crianças migrantes nos Estados integrantes do bloco até a aprovação de indicadores para mensurar o progresso dos direitos sociais na região? Qual será o impacto do caso venezuelano em relação ao legado e ao futuro do processo de expansão da cidadania regional propiciada pelo Mercosul?

Os Estados sul-americanos compartilham dos parâmetros internacionais fixados pela ONU, pela OEA e pelo próprio Mercosul acerca da promoção e consolidação da democracia. Respeito aos direitos humanos, acesso ao poder e seu exercício submetidos ao Estado de Direito, garantia de eleições livres, pluralismo político e independência dos poderes surgem como elementos centrais. O regime democrático requer, ainda, transparência, probidade, responsabilidade, liberdade de expressão, liberdade de associação e liberdade de imprensa.

A ausência de reação do Mercosul ao caso venezuelano - seja silenciando quando do aviso de retirada do Estado da Convenção Americana de Direitos Humanos em setembro de 2012, seja isolando-se na abstenção relativa ao resultado político-eleitoral em abril passado - simboliza não apenas um risco às conquistas democráticas e aos avanços em direitos humanos das últimas décadas, mas, sobretudo, uma ameaça ao destino do bloco como ator democratizante na região.

Fonte: <http://clippingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2013/5/2/o-silencio-cumplido-dos-governos-do-mercosul>

Brasil

Venezuela no Mercosul é decisão pétrea, diz Marco Aurélio

Por Cesar Felício | Valor

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

02/05/2013 às 15h37

BUENOS AIRES - A presença da Venezuela como membro pleno do Mercosul é uma "decisão pétrea" do bloco, segundo afirmou o assessor internacional da presidência, Marco Aurélio Garcia. A entrada do país no grupo foi decidida na cúpula de junho em Mendoza, mesmo encontro em que foi suspenso do colegiado o Paraguai, país cujo Congresso dias antes havia afastado o então presidente Fernando Lugo em um rito sumário de "impeachment". O Paraguai era o único país do Mercosul em que o Legislativo ainda não havia referendado a entrada da Venezuela no grupo. Semanas depois da suspensão, o Congresso paraguaio rejeitou a entrada venezuelana.

O Paraguai elegeu no último dia 21 seu novo presidente, o empresário Horacio Cartes, cumprindo a condição estabelecida por Brasil, Argentina e Uruguai para o país ser readmitido no bloco. "O Paraguai realizou eleições democráticas e é do interesse de todos que esteja novamente no Mercosul. Mas o país não está regressando, está reingressando, ou seja, precisa aceitar o que foi discutido", disse Marco Aurélio, que definiu o impeachment do ano passado como "uma patacoada de Federico Franco", referindo-se ao atual presidente paraguaio, que era vice de Lugo.

A volta, ou reingresso, do Paraguai ao bloco foi discutida durante a reunião de cúpula entre as presidentes Dilma Rousseff e Cristina Kirchner em Buenos Aires, no último dia 25. Mas o país ainda não participará da próxima cúpula, que acontecerá em Montevideu entre os dias 27 e 28 de junho.

O Suriname deverá assinar o acordo para se tornar um Estado associado ao Mercosul já na cúpula uruguaia. De acordo com o alto representante geral do Mercosul, Ivan Ramalho, o ingresso da Bolívia como membro pleno do bloco deve se dar a médio prazo. "A decisão política já foi tomada na cúpula do Mercosul em dezembro, mas este é um processo que não terá encerramento neste semestre. O Paraguai já deverá estar novamente deliberando dentro do colegiado quando o acordo com a Bolívia for discutido", afirmou.

Fonte: <http://www.valor.com.br/brasil/3109162/venezuela-no-mercosul-e-decisao-petrea-diz-marco-aurelio>

Mundo

Oposición venezolana impugna resultados electorales en clima de tensión

La oposición venezolana acude este jueves al Tribunal Supremo de Justicia (TSJ) para impugnar los resultados de las presidenciales que dieron vencedor al chavista Nicolás Maduro, primer paso ineludible para acudir a instancias internacionales, en medio de gran tensión que desembocó el martes en una pelea monumental en el parlamento.

Escrito por: Valeria PACHECO

El ex candidato y líder opositor Henrique Capriles anunció el miércoles que presentarán la demanda ante el TSJ, luego de rechazar la auditoría del escrutinio que inició el Consejo Nacional Electoral (CNE) sin incluir los cuadernos de votación, que la oposición considera clave para probar irregularidades en el proceso.

Se espera que una delegación opositora acuda ante el TSJ alrededor de las 17H30 GMT y que Capriles ofrezca una rueda de prensa hacia las 22H30 GMT.

El coordinador del equipo técnico que prepara la demanda, Ramón José Medina, indicó este jueves que la oposición presentará "un recurso de impugnación total o global de las elecciones" del 14 de abril, en las que Capriles perdió ante Maduro por un reducido margen de 1,49 puntos porcentuales.

"Dadas las incidencias que sucedieron no solamente el día de las elecciones sino en días previos, (éstas) indican para nosotros que los resultados anunciados por el CNE no son los resultados verdaderos, nosotros ganamos las elecciones", expresó Medina en entrevista con el canal privado Televén.

La oposición considera que durante los comicios ocurrieron unas 3.000 incidencias que afectaron la votación.

Durante la marcha oficialista del miércoles por el Día del Trabajador, Maduro rechazó la posición opositora: "¡Fascista mayor, fuiste derrotado, acepta tu derrota, basta de pataleos, de lloriqueos!", exclamó el mandatario, que este jueves encabezaba su "gobierno de calle" por el estado Miranda (norte), gobernado por Capriles.

La oposición presentará la impugnación, aunque ha advertido que desconfía de la independencia del sistema judicial, por lo que apunta a instancias internacionales.

“Vamos a agotar todas las instancias internas porque no nos queda ninguna duda de que este caso va a terminar en la comunidad internacional”, advirtió Capriles el miércoles durante la marcha opositora por el Día del Trabajador.

Medina explicó que la oposición debe “ejercer todos los recursos” que prevé la legislación venezolana, incluido acudir ante el TSJ aunque considera que está “conculcado por el gobierno”, antes de apelar a instancias internacionales.

En concreto, Capriles podría acudir a la Corte Internacional de Derechos Humanos (Corte IDH), de la que el gobierno venezolano decidió retirarse en septiembre pasado, pero cuya salida se hará efectiva en el plazo de un año.

Venezuela, en tensión

Según el cronograma difundido por el CNE, desde este jueves hasta el domingo se organizará el material electoral que será auditado a partir del lunes, en un proceso que pese a ser solicitado por Capriles, no incluye una demanda clave de la oposición para demostrar supuestas irregularidades: la revisión de los cuadernos de votación, que contienen el padrón electoral y pueden demostrar que cada voto emitido corresponde a un solo elector registrado.

La impugnación se realizará en momentos en que la crisis postelectoral se avivó por una violenta sesión el martes en la Asamblea Nacional, en la que diputados chavistas y opositores se enfrentaron a golpes ante el rechazo de los detractores de Maduro a reconocerlo como presidente.

Antes del incidente, la mayoría oficialista negó el derecho a la palabra a los diputados opositores por no reconocer a Maduro, renovando un planteamiento realizado días atrás por el presidente de la Asamblea Nacional, el chavista Diosdado Cabello.

Este jueves, la diputada opositora Dinorah Figuera anunció que su bloque acudirá a la Fiscalía para denunciar la violencia contra los diputados, de la cual el “responsable principal” es Cabello, un exmilitar, agregó.

“Él (Cabello) cree que todavía es un militar y nosotros somos sus soldados, nosotros somos parlamentarios”, criticó la legisladora, denunciando que otros diputados de la oposición como Julio Borges y María Corina Machado, que sufrieron golpes en el rostro, han sido agredidos en otras ocasiones.

Pero Maduro, electo como sucesor de su mentor y fallecido mandatario Hugo Chávez, acusa a la oposición de haber provocado la violencia en la Asamblea, que también despertó la "preocupación" de Estados Unidos.

El gobierno venezolano tildó además este jueves de "desmesuradas e injerencistas" las declaraciones del secretario general de la OEA, José Miguel Insulza, quien lamentó la "falta de diálogo" entre los venezolanos tras el incidente entre diputados.

Venezuela "rechaza contundentemente las desmesuradas e injerencistas declaraciones" de Insulza, "dadas en evidente y estrecha coordinación con voceros del Departamento de Estado y de la Casa Blanca", indicó la cancillería en un comunicado. AFP

Fonte: <http://www.lr21.com.uy/mundo/1101386-oposicion-venezolana-impugna-resultados-electorales-en-clima-de-tension>

06/05/2013

O que fará Nicolás Maduro no Brasil

Por Sergio Leo

O futuro das relações entre Brasil e Venezuela, e a participação venezuelana no Mercosul serão discutidos pela primeira vez nos próximos dias pelos presidentes Dilma Rousseff e Nicolás Maduro, que vem ao país na quinta-feira, 9 de maio. Maduro fará uma ronda pelos países sócios do Mercosul, à exceção do Paraguai, onde o atual governo ainda o considera "persona non-grata", após uma mais que infeliz tentativa de intervir nos assuntos internos locais, em uma reunião com militares paraguaios em Assunção, no ano passado, na qual, como ministro de Relações Exteriores de Hugo Chávez, pediu apoio ao presidente deposto Fernando Lugo.

Será uma visita de fôlego curto, sem reuniões de ministros ou acordos relevantes, mas de grande importância, por revelar o tom a ser adotado no relacionamento da Venezuela, sócio recente do Mercosul, com os demais países do bloco. Dilma deve insistir na necessidade de o governo venezuelano reduzir o clima de confronto com a oposição e trabalhar duramente para evitar a radicalização política, tarefa difícil em um país onde o novo governante e o líder da oposição estão obrigados a conquistar legitimidade, mostrando aos liderados que tem pulso firme na condução das respectivas agendas.

O apelo por maior conciliação política, inclusive entre governo e setor privado, foi um ponto sempre mencionado e nunca manifestado publicamente nos encontros dos últimos anos entre chefes de Estado do Brasil e da Venezuela. O próprio Chávez já contou, em alguns de seus longos

pronunciamentos públicos, que recebeu de Lula o conselho de seguir o exemplo brasileiro e buscar convivência mais harmoniosa com as vozes discordantes no país.

Ao Brasil, interessa a estabilidade política e econômica da Venezuela, não só pela vizinhança geográfica como pela crescente - às vezes pouco visível - integração entre os dois países. As conexões de internet banda larga em Manaus passam pelo sistema de comunicações venezuelano, mais próximo; a energia elétrica de Roraima vem da hidrelétrica venezuelana de Gurí (hoje Simon Bolívar); é com os venezuelanos o maior saldo comercial do Brasil na América Latina (mais de US\$ 2,8 bilhões no ano passado e quase US\$ 630 milhões no primeiro trimestre de 2013, apesar de uma queda de 16% no total das vendas brasileiras, 30% apenas nos produtos manufaturados, fruto das dificuldades criadas para as empresas privadas pelo regime de câmbio no país)

Em abril, ao encontrar-se com o ministro de Relações Exteriores, Antônio Patriota, em Brasília, o ministro de Relações Exteriores venezuelano, Elías Jaua, uma das estrelas do chavismo, falou sobre o interesse da equipe de Maduro em, logo após as eleições, discutir com o Brasil os programas de investimento para industrialização da Venezuela, contra a dependência absoluta da economia do petróleo.

O Brasil mantém, em Caracas, escritórios do Ipea, para consultoria técnica; da Embrapa, para apoio tecnológico; e da Caixa Econômica Federal, que deu apoio ao programa habitacional Gran Misión Vivienda, espelhado no Minha Casa, Minha Vida brasileiro. Os venezuelanos sonham com apoio do BNDES para investimentos no país.

Para os planos do governo brasileiro, a Venezuela tem um papel político importante no futuro próximo: em junho, o país assume, pela primeira vez, a presidência temporária do Mercosul, e, nessa condição, será responsável pela coordenação do bloco nas negociações de comércio previstas para o segundo semestre, com a União Europeia e, talvez, com o Canadá.

Até agora, os venezuelanos têm mantido uma atuação discreta e, segundo os diplomatas brasileiros, "cooperativa" nas discussões de comércio. Cumpriram pontualmente as obrigações de incorporar gradualmente as regras do Mercosul e da Tarifa Externa Comum do bloco e já indicaram aceitar que as negociações comerciais em curso sigam sem sobressaltos (os venezuelanos negociariam à parte, com cronogramas de convergência para as regras dos demais sócios). Em meio a conflitos políticos internos e confronto retórico entre governo e oposição, presidir o Mercosul, mesmo na atual paralisação do bloco, será um teste e tanto para os venezuelanos. O governo brasileiro, como já fez com outros sócios, no passado, ofereceu-se para assessorar o governo Maduro na tarefa.

O governo Dilma não está disposto a se manifestar em relação aos problemas internos da Venezuela, até para não fazer eco ao ministro de Relações Exteriores da Espanha, José Manuel García-Margallo, que se ofereceu para mediar a crise política venezuelana e recebeu de Maduro um aviso para "tirar o nariz da Venezuela" e tratar do vergonhoso desemprego espanhol. Um integrante do governo brasileiro comentou com o Valor que aceitar mediação estrangeira só enfraqueceria Maduro com as bases chavistas, minando suas condições de estabilizar a situação política do país. É Maduro quem deve encontrar a saída para a crise política. A questão é se poderá fazê-lo

O clima de guerra política é evidente nos discursos do presidente venezuelano. Nos últimos dias, ele chamou de "assassino" o ex-presidente da Colômbia, Álvaro Uribe, a quem acusou de conspirar, com ex-embaixadores do governo George Bush, Roger Noriega e Otto Reich, para assassiná-lo; disse não ver diferença entre Bush e Barack Obama, a quem acusou de servir aos interesses do aparelho militar-industrial, midiático e financeiro, entre outras frases de efeito.

A viagem de Maduro é um teste para as habilidades diplomáticas brasileiras. Um sonho quase impossível seria mediar uma solução para a prisão do cineasta americano Timothy Hallet Tracy, preso quando fazia um documentário sobre os embates político-eleitorais com a acusação de espionagem e conspiração. O risco maior é o de, em vez de firmar sua imagem como facilitador de diálogos, o governo brasileiro dar abrigo em Brasília, à oratória confrontacionista do novo mandatário do Mercosul, uma situação que não traria nenhuma vantagem ao Brasil.

Sergio Leo é repórter especial e escreve às segundas-feiras

E-mail: sergio.leo@valor.com.br

Fonte: <http://www.valor.com.br/brasil/3111768/o-que-fara-nicolas-maduro-no-brasil>

Presidente da Venezuela confirma visitas ao Brasil, Uruguai e à Argentina

Renata Giraldi*, Repórter da Agência Brasil

Brasília – O presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, confirmou que fará uma visita aos países do Mercosul, com exceção do Paraguai, suspenso temporariamente do bloco. Maduro virá ao Brasil, à Argentina e ao Uruguai. No Brasil, o venezuelano estará na quinta-feira (9). “[O objetivo das visitas] é seguir completando a integração perfeita”, disse ele, lembrando que o esforço é pela “busca da igualdade social de todos os povos que estão no bloco [Mercosul]”.

É a primeira viagem de Maduro ao exterior desde sua eleição em abril. Em 28 de junho, a Venezuela assume a presidência pro tempore do Mercosul. Durante ato em homenagem ao

presidente Hugo Chávez, que morreu há dois meses vítima de câncer, Maduro disse que a primeira visita será ao Uruguai. Depois, ele vai à Argentina e, em seguida, ao Brasil.

O Mercosul é formado pelo Brasil, a Argentina, o Uruguai, a Venezuela e o Paraguai - que está suspenso do bloco até abril de 2013. O Chile, o Equador, a Colômbia, o Peru e a Bolívia estão no grupo como países associados.

Com os venezuelanos, que ingressaram no bloco em dezembro de 2012, o Mercosul passa a contar com um Produto Interno Bruto (PIB) de US\$ 3,32 trilhões. O país tem 275 milhões de habitantes.

*Com informações da emissora multiestatal de televisão, Telesur

Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-05-06/presidente-da-venezuela-confirma-visitas-ao-brasil-uruguai-e-argentina>

Dilma e Maduro deverão conversar sobre a suspensão do Paraguai do Mercosul

Renata Giraldi, Repórter da Agência Brasil

06/05/2013 - 17h03

Brasília – A presidenta Dilma Rousseff e o presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, que estará em Brasília no próximo dia 9, deverão analisar o caso da suspensão do Paraguai do Mercosul. Há 11 meses, o Paraguai foi suspenso do bloco porque os líderes da região concluíram que o processo de impeachment do então presidente paraguaio Fernando Lugo transgrediu a ordem democrática.

O Mercosul é um dos principais temas das reuniões que Maduro terá no Brasil, no Uruguai e na Argentina. É a primeira viagem ao exterior do venezuelano, desde sua eleição em abril. Em 28 de junho, a Venezuela assume a presidência pro-tempore do Mercosul.

Em agosto, o presidente eleito do Paraguai, Horacio Cartes, assume o governo substituindo o atual presidente Federico Franco. O presidente do Uruguai, José Pepe Mujica, que está no comando do Mercosul, convidou Cartes para participar da reunião de junho, em Montevideu (Uruguai).

“O teor da conversa [de Maduro com Dilma] vai ser muito mais vinculado às questões políticas e ao funcionamento do Mercosul”, ressaltou Marco Aurélio Garcia, assessor especial da Presidência da República para Assuntos Internacionais.

O giro de Maduro pelos países do Mercosul começa no Uruguai, depois segue até a Argentina e acaba no Brasil. “[O objetivo das visitas] é seguir completando a integração perfeita”, disse ele,

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

lembrando que o esforço é pela “busca da igualdade social de todos os povos que estão no bloco [Mercosul]”, disse o presidente venezuelano.

O Mercosul é formado pelo Brasil, pela Argentina, pelo Uruguai, pela Venezuela e pelo Paraguai - que está suspenso do bloco até abril de 2013. O Chile, o Equador, a Colômbia, o Peru e a Bolívia estão no grupo como países associados. Com os venezuelanos, que ingressaram no bloco em dezembro de 2012, o Mercosul passa a contar com Produto Interno Bruto (PIB) de US\$ 3,32 trilhões. A população é 275 milhões de habitantes.

Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-05-06/dilma-e-maduro-deverao-conversar-sobre-suspensao-do-paraguai-do-mercossul>

07/05/2013

Maduro busca apoio de Mercosul em meio a tensão com EUA

DA BBC BRASIL

O presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, inicia nesta terça-feira sua primeira viagem internacional de olho no apoio político de seus aliados do Mercosul diante das ameaças de instabilidade interna e de novas pressões por parte dos Estados Unidos, que questionam a legitimidade de seu governo.

Herdeiro político do líder Hugo Chávez, morto em março, Maduro obteve uma vitória apertada nas eleições extraordinárias de abril, com 1,5 ponto percentual de vantagem, pouco mais de 220 mil votos.

O resultado é questionado pelo rival opositor, Henrique Capriles, que exigiu a realização de uma auditoria da totalidade das urnas.

Na avaliação de analistas ouvidos pela BBC Brasil, com a viagem, Maduro pretende alcançar três objetivos centrais: fortalecer o apoio político de seus aliados no Mercosul, demonstrar à comunidade internacional que há estabilidade política no país e acertar os mecanismos do ingresso da Venezuela ao bloco sul-americano.

Sem a liderança e o apoio popular que contava seu mentor Hugo Chávez, é fundamental para Maduro demonstrar que seu governo conta com aliados de peso como a presidente Dilma Roussef e a argentina Cristina Kirchner, na avaliação de Luis Fernando Ayerbe, Coordenador do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais da Unesp.

"É muito importante (para Maduro) esse apoio internacional e mostrar que ele é reconhecido como um líder", afirmou Ayerbe. "Há uma enorme preocupação com a divisão interna, com a ofensiva da oposição e que isso possa representar um problema para o governo a curto prazo", acrescentou.

APOIO DO MERCOSUL

A necessidade de trazer para casa um maior apoio político do Mercosul --visto pelos venezuelanos como uma barreira política de proteção-- ganhou ainda mais força depois que o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, questionou a legitimidade do governo de Maduro, incrementando a tensão política que se arrasta há anos entre Caracas e Washington.

"Nossa visão tem sido que o povo venezuelano deve eleger seus líderes em eleições legítimas", disse Obama, em entrevista ao canal Univisión.

Fazendo coro aos protestos da oposição, Obama disse que "o hemisfério completo está vendo a violência, protestos e ataques à oposição". Os Estados Unidos não reconheceram oficialmente a presidência de Maduro.

Para o analista político Carlos Romero, professor da Universidade Central da Venezuela, a legitimidade de Maduro não é foco de debate na região, mas, sim, sua capacidade de governar nos próximos anos.

"Legitimidade, ele [Maduro] tem. Toda a comunidade latino-americana reconheceu seu triunfo", afirmou Romero à BBC Brasil. "Alguns vizinhos mostram preocupação pela polarização política, mas não questionam o resultado em si".

Na opinião dos especialistas, a principal preocupação na América do Sul é que a situação no país "alcance extremos" que coloquem em risco investimentos privados e megaprojetos de infraestrutura e energéticos firmados ainda no governo Chávez.

"Qualquer mudança brusca que não ocorrer pela via democrática será um grave problema para o Brasil e para os demais países", afirmou Ayerbe.

Na era Chávez, o Brasil se converteu no terceiro principal parceiro comercial da Venezuela, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e China. De 1999 a 2012 a balança comercial saltou de US\$ 1,4 bilhão (cerca de R\$ 3 bilhões) para US\$ 6 bilhões (R\$ 12 bilhões).

CRISE DIPLOMÁTICA

Na semana passada, a polarização política no país veio à tona novamente com a troca de socos entre oposicionistas e chavistas na Assembleia Nacional, deixando um saldo de onze parlamentares feridos.

O episódio foi o pivô de um mal estar diplomático com o Peru, responsável pela presidência pro-tempore da Unasul. O chanceler peruano Rafael Roncagliolo pediu que o bloco sul-americano reiterasse o chamado ao governo Maduro por "tolerância" e ao "diálogo" --a linguagem usada na utilizada na reunião de emergência do bloco, convocada dias depois da eleição venezuelana por causa da crescente tensão nas ruas de Caracas.

Após a divulgação do resultado oficial do pleito, correligionários de Maduro e de Capriles convocaram uma série de protestos populares. Enfrentamentos nesses protestos resultaram, segundo a Procuradoria Geral da Venezuela, na morte de nove pessoas.

O governo diz que a violência foi incitada pela oposição, que responsabiliza o governo pelas mortes.

Recentemente, Maduro também se envolveu em um imbróglio diplomático com Colômbia, ao acusar o ex-presidente Álvaro Uribe de estar envolvido em um plano para assassiná-lo.

Segundo o presidente venezuelano, Uribe contaria com o apoio de ex-funcionários do Departamento de Estado dos Estados Unidos, como Otto Reich e Roger Noriega, e da oposição venezuelana.

Na segunda-feira, o embaixador venezuelano em Bogotá teve que dar explicações à chancelaria da Colômbia, a pedido do governo do presidente Juan Manuel Santos.

Até este incidente, Caracas e Bogotá viviam uma espécie de "lua-de-mel" diplomática, após anos de crises entre Chávez e Uribe.

MERCOSUL

Com os colegas sul-americanos, Maduro terá de negociar os termos e regras aduaneiras para a adesão definitiva do país ao Mercosul. A Venezuela tem o prazo de três anos para adequar-se às regras comerciais do bloco.

Outro objetivo da viagem, de acordo o próprio Maduro, é "comprar comida" para conter o desabastecimento de alguns produtos da cesta básica. "Parte chave desse giro que começo

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

amanhã (esta terça-feira) é para garantir outra vez a reserva de três meses de alimentos, de produtos de higiene da casa e pessoal", afirmou.

Com uma economia dependente da exportação petroleira, a precariedade da produção agropecuária na Venezuela é um dos principais problemas que enfrenta o governo. Apesar da política de subsídios agrícola e da política de reforma agrária, quase 70% da alimentação dos venezuelanos depende de importações.

Somente do Brasil, a venda de carnes bovinas e de frangos correspondem a quase 25% da pauta de exportação brasileira à Venezuela, de acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento (MDIC).

O presidente venezuelano deve chegar a Montevideu ainda nesta terça-feira. Na quarta-feira, Maduro viaja a Buenos Aires para reunião com a presidente argentina Cristina Kirchner. O encontro com a presidente Dilma Rousseff está previsto para quinta-feira. Maduro não visitará o Paraguai, suspenso do bloco desde a destituição do presidente Fernando Lugo.

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/bbc/2013/05/1274484-maduro-busca-apoio-de-mercosul-em-meio-a-tensao-com-eua.shtml>

Mundo

07.05.2013 - 19:37

VISITA

Maduro: "Venimos a ratificar el horizonte unitario de Sudamérica"

El Presidente de Venezuela inició en Montevideo una gira que también lo llevará a Argentina y Brasil, señalando que vino "a ratificar el horizonte unitario de Sudamérica, con el Mercosur como marco económico y la Unasur como marco político y cultural".

Además, Nicolás Maduro destacó que a partir del proceso iniciado por el fallecido exmandatario Hugo Chávez en Venezuela "hay una democracia sólida, una revolución pacífica en marcha con un horizonte socialista".

"Cuando asumió Chávez Venezuela estaba dividida, era un país quebrado", agregó Maduro en una conferencia que dio junto a su par uruguayo, José Mujica, en medio de una maratónica jornada de reuniones que comenzó en una de las sedes del gobierno uruguayo, y que se extendía esta noche con actividades vinculadas al mundo laboral.

El Presidente bolivariano destacó en conferencia de prensa que "si el siglo XX fue el siglo de la hegemonía imperial y el modelo neoliberal", el siglo XXI "ha comenzado bien, es el siglo de la unión, la liberación y el camino propio de la América Latina".

Maduro se reunió con su par uruguayo José Mujica y juntos encabezaron la firma de una serie de acuerdos bilaterales para "profundizar la relación", entre los que destacaron un acuerdo con la empresa uruguaya recuperada Urutransfor para la provisión de transformadores eléctricos para el metro de Caracas.

El mandatario venezolano destacó en esa dirección "el gran espacio geoeconómico que se está conformando" en la región, en medio de otros acuerdos que incluyen a ambas petroleras, PDVSA y Ancap.

"Hemos venido a ratificar la vocación mercosureana, unionista, independentista y artiguista", aseguró.

Ambos jefes de Estado resaltaron el lazo bilateral y firmaron acuerdos en materia energética y de cooperación industrial. "Una alianza perfecta", destacó Maduro, y puso como ejemplo el vínculo de su país con la empresa recuperada por sus trabajadores Envidrio.

Mujica, en tanto, convocó en el encuentro con la prensa a los países del Mercosur "a juntarse para afrontar un mundo de bloques gigantescos" y expresó que el bloque regional es "una apuesta trascendente" y fue tajante: "acá se juega la historia del futuro", destacó.

Recordó Mujica que "hace 30 años ni se nos podía ocurrir la Unasur: gobiernos de naturaleza política muy distinta que se sientan, discuten y acuerdan. No cometamos el error de volver atrás cuando hemos dado un salto de esta naturaleza".

Además, el mandatario uruguayo consideró que Venezuela "va a sumar su granito de arena al bloque" cuando asuma la presidencia pro témpore el próximo 28 de junio, y que su adhesión "es una invitación a que vengan otros".

"Venezuela va a sumar su granito de arena al bloque cuando asuma la presidencia pro témpore"

Pepe Mujica

Sobre eso, Maduro ratificó que a partir de esa fecha esperan "todo positivo de Paraguay" para que con su reingreso tras la suspensión de 2012 "pueda fortalecer Mercosur y Unasur".

"Venezuela viene con modestia y ganas de aprender y a poner experiencias exitosas como Alba y Petrocaribe al servicio del Mercosur", precisó.

La agenda de Maduro había comenzado temprano, cuando llegó al aeropuerto de Montevideo pasadas las 8, donde fue recibido por una guardia de honor a cargo del Regimiento de Blandengues de Artigas y por autoridades militares, y luego ingresó a la casa principal. Inmediatamente después, Maduro mantuvo un encuentro con Mujica en la residencia presidencial de Suárez.

Luego de la conferencia conjunta, ambos mandatarios compartieron un asado junto a sus gabinetes, y desde allí partieron a Urutransfor.

Temprano, al llegar, Maduro había exaltado la figura de Chávez y había asegurado que el fallecido líder bolivariano "nos dejó una Patria Grande".

"Somos Mercosur hace tiempo, ahora se cumplió el paso legal", expresó, luego de descartar las críticas de la oposición de su país.

"Si nos critica la derecha despiadada, algo bien estaremos haciendo", afirmó Maduro antes de proseguir con los contactos con el ex mandatario uruguayo Tabaré Vázquez y de ser distinguido como visitante ilustre de Montevideo.

Fuente: <http://www.telam.com.ar/notas/201305/16841-maduro-venimos-a-ratificar-el-horizonte-unitario-de-sudamerica.html>

08/05/2013

Política

Venezuela dice que dinamizará a un Mercosur que "tiene que cambiar"

El gobernante venezolano, Nicolás Maduro, dijo ayer que Venezuela aportará "un nuevo dinamismo" a la consolidación del Mercosur, organismo que tiene que cambiar para ampliar su influencia, durante una visita oficial a Uruguay que realiza en el marco de una gira por los países miembros del Mercosur, excepto Paraguay, a quien se refirió como si estuviera fuera del bloque.

MONTEVIDEO (EFE, AFP y ANSA). Maduro, quien en junio asumirá la presidencia semestral del Mercosur (Mercado Común del Sur), dijo que "seguramente una vez que se jure (Horacio Cartes) pienso que es casi automática su 'reincorporación' al Mercosur y a la Unasur (Unión de Naciones Suramericanas).

Situación del Paraguay

El Paraguay no está fuera del Mercosur.

Los presidentes de Argentina, Brasil y Uruguay decidieron “suspender” (no expulsar) al país luego de la destitución del presidente Fernando Lugo.

Esta acción fue tomada, alegando la Carta Democrática del bloque, pero sin aplicar el procedimiento exigido por ese documento.

De hecho, el propio presidente uruguayo confesó días después de la irregular “suspensión” que los motivos no fueron “jurídicos” (es decir, Paraguay no violó ninguna norma), sino simplemente “políticos” (un presidente aliado fue sacado del poder, y se presentó la oportunidad de dar ingreso a Venezuela, cuya aprobación estaba pendiente en el Congreso paraguayo, cuya casi unanimidad planteaba que era necesaria la vigencia plena de la democracia en Venezuela para dar su aprobación).

“Aceptación”

Con la asunción del gobierno electo en Paraguay, en agosto próximo, “cesarían las causas que motivaron las medidas de suspensión tanto en Mercosur como en la Unasur”, dijo Maduro.

“Están dadas todas las condiciones para que (Paraguay) se reincorpore con plenos derechos y deberes, a seguir fortaleciendo el Mercosur y la Unasur”, aseguró Maduro.

Maduro recordó que tras confirmarse el triunfo de Horacio Cartes, transmitió al presidente electo paraguayo su deseo de profundizar las relaciones con Asunción.

Cambio

Según el mandatario, el bloque “tiene que seguir cambiando para convertirse en un poderoso espacio, de unión económica de Suramérica y el continente”.

“Venimos a poner sobre la mesa del Mercosur también las experiencias exitosas que abren el horizonte económico, social y político (...). Son muchas cosas que crean un nuevo dinamismo en el proceso de consolidación de Mercosur”, aseguró Maduro, que debe asumir la presidencia pro témpore del bloque a fines de junio.

Escrache

Un grupo de manifestantes, en su mayoría de origen venezolano, realizó ayer un cacerolazo en el centro de Montevideo para exigir a Nicolás Maduro el recuento de los votos de las elecciones del pasado 14 de abril.

La protesta se realizó en la Plaza Independencia, frente a la sede presidencial uruguaya, a media tarde, casi al mismo tiempo en que Maduro recibía las llaves de la ciudad de manos de la intendenta capitalina, a una decena de manzanas de allí.

Una manifestante dijo estar “en contra de la visita de Maduro porque viene a comprar legitimación” y manifestó que ella lo único que pide “es que se cuente voto a voto, uno por uno”.

Venezuela vive una crisis política y una creciente polarización tras las elecciones del 14 de abril, que fueron impugnadas por la oposición, que denuncia numerosas irregularidades.

Reincorporación inmediata

Nicolás Maduro señaló ayer que la reincorporación de Paraguay al Mercosur y a la Unasur será “automática”, informó ayer el diario uruguayo El Observador. “Seguramente una vez que se juramente (Horacio Cartes) pienso que es casi automática su reincorporación”, dijo Maduro tras reunirse en Montevideo con su par uruguayo, José Mujica. El gobernante venezolano explicó que con la asunción del gobierno electo en Paraguay, en agosto próximo, “cesarían las causas que motivaron las medidas de suspensión tanto en Mercosur como en la Unasur”.

Maduro recordó que tras confirmarse el triunfo de Cartes, transmitió al presidente electo paraguayo su deseo de profundizar las relaciones con Asunción.

Fonte: <http://www.abc.com.py/edicion-impresa/politica/venezuela-dice-que-dinamizara-a-un-mercursosur-que-tiene-que-cambiar-569692.html>

09/05/2013

Economía

Sostuvo presidenta Dilma Rousseff

Presidencia pro t  pore de Venezuela en Mercosur permitirá segundo ciclo de expansión comercial

9 mayo 2013

La mandataria de Brasil señaló además que el hecho permitirá al bloque suramericano potenciar las cadenas productivas “beneficiando especialmente” el norte y noreste de Brasil así como el sur de Venezuela

La presidenta de la República Federativa de Brasil, Dilma Rousseff, sostuvo este jueves que el Mercado Común del Sur (Mercosur) tendrá un segundo ciclo de expansión comercial a partir del segundo semestre del año cuando Venezuela asuma la presidencia pro t  pore.

Tras sostener una reunión con su homólogo Nicolás Maduro, en el Palacio de Planalto, Brasília, Rousseff señaló además que el hecho permitirá al bloque suramericano potenciar las cadenas productivas “beneficiando especialmente el norte y noreste de Brasil y sur de Venezuela”.

“El próximo semestre Mercosur vivir   un momento histórico, por primera vez un país ubicado al norte de Brasil asumirá la presidencia pro t  pore”, manifestó Rousseff.

Rousseff expresó a Maduro que “el reto de la unión regional, sueño de nuestros antepasados, y que ha sido acompañado por todos nosotros, tiene un gran significado político”.

En ese sentido, exaltó que tanto Brasil como Venezuela “est  n mostrando esa vocación (integradora) para crear un futuro común que una a toda nuestra región y contribuya a un mundo multipolar y multilateral sin espíritu de confrontación y sin injerencia externa”.

Rousseff puntualizó que tanto su Gobierno como el de Venezuela tienen un rol fundamental que desempeñar en el camino de la integración regional. “Seremos ejemplo de voluntad, de unión de una región que prosigue en el camino del crecimiento econ  mico, la inclusión social y sobre todo del fortalecimiento democrático”.

Por último, agradeció “el decisivo” apoyo de Venezuela a la candidatura de Brasil a la Organización Mundial del Comercio (OMC).

Texto/Freidder Alfonzo

Fonte: <http://www.correodelorinoco.gob.ve/economia/presidencia-pro-tempore-venezuela-mercursosur-permitira-segundo-ciclo-expansion-comercial/>

10/05/2013

Mundo

Mercosur: piden tratar la suspensión de Venezuela

Parlamentarios del bloque regional presentaron tres pedidos firmados para solicitar que se convoque con carácter urgente a una sesión especial, en la que también deberían analizarse temas como el reingreso de Paraguay.

Fueron presentados en el Parlamento del Mercosur tres pedidos firmados por integrantes del cuerpo, provenientes de la Argentina, Uruguay y Paraguay.

Los diputados Julián Obiglio (PRO) y Gustavo Ferrari; y el senador Nacional por San Luis, Adolfo Rodríguez Saá (peronismo disidente) fueron los representantes argentinos que firmaron las solicitudes.

Los parlamentarios solicitaron al Presidente del Parlasur, el paraguayo Ignacio Mendoza Unzain, que convoque a una sesión para tratar tres puntos fundamentales.

1) El levantamiento de la suspensión del derecho a participar de los órganos del MERCOSUR, y de las deliberaciones, que pesa sobre la República del Paraguay.

2) Análisis los graves acontecimientos sucedidos durante 2013 en la República Bolivariana de Venezuela, y valoración del cumplimiento de dicho país de la cláusula democrática establecida por el Protocolo de Ushuaia.

3) Suspensión del proceso de ingreso de la República Bolivariana de Venezuela al Mercosur hasta tanto el Honorable Senado de la República del Paraguay ratifique el tratado que así lo determina.

Al respecto, Obiglio consideró: "No es posible que dentro del Mercosur esté suspendido un país como Paraguay, que defiende los valores democráticos y ha dado un ejemplo institucional, y se quiera incorporar por la ventana a Venezuela, cuyo Gobierno viola sistemáticamente todos los principios que debe respetar cualquier democracia".

En el mismo sentido, el legislador apuntó: "El señor (Nicolás) Maduro está de gira por Brasil, Uruguay y Argentina, solicitando a los Presidentes de dichos países que respalden su postulación a la presidencia del Mercosur a partir del mes de junio. Si eso ocurre, todo el régimen democrático del Bloque será puesto en riesgo". Infobae.com

Fonte: <http://www.lanacion.com.py/articulo/124793-mercosur-piden-tratar-la-suspension-de-venezuela.html>

13/05/2013

Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul

Para maiores informações visite a nossa página:
www.camara.leg.br/representacaomercosul

Convocan al PARLASUR para acelerar ingreso de Paraguay al MERCOSUR y suspender a Venezuela

Legisladores de la oposición convocan a una sesión “especial y urgente” del PARLASUR con el propósito de “acelerar” el retorno de Paraguay al MERCOSUR, y a la vez suspender a Venezuela a raíz de los “graves acontecimientos acaecidos” tras las elecciones en las que resultó electo presidente, Nicolás Maduro.

El planteo fue realizado este viernes a través de una misiva impulsada por los diputados nacionalistas Gustavo Borsari, Pablo Iturralde, Daniel Peña y Verónica Alonso y el senador Gustavo Penádes; los colorados Germán Cardoso y Juan Ángel Vázquez y el senador Tabaré Viera.

A su vez, la propuesta de los parlamentarios uruguayos contó con el respaldo de los diputados argentinos Julián Obiglio (Pro), Gustavo Ferrari (Frente Peronista) y del senador Adolfo Rodríguez Saa (peronismo disidente).

La carta

En la misiva, dirigida al presidente del Parlamento del MERCOSUR, Ignacio Mendoza, los legisladores solicitan la “suspensión del proceso de ingreso de la República Bolivariana de Venezuela al MERCOSUR hasta tanto el Honorable Senado de la República del Paraguay ratifique el tratado que así lo determina”.

En tal sentido, indican que “conforme se establece en el Tratado de Asunción, para la incorporación de otros países al bloque se precisa que los parlamentos de los cuatro países fundadores ratifiquen los tratados de incorporación que sean suscriptos por los representantes de cada Poder Ejecutivo”.

“El Senado paraguayo aún no ha aprobado el ingreso de la República Bolivariana de Venezuela al bloque, por lo que aquello no podrá efectivizarse en forma plena hasta tanto dicho órgano efectivice la aprobación”, señalan los legisladores de la oposición.

Por tal motivo, solicitan se proceda a la “urgente convocatoria de una sesión especial” del PARLASUR.

En ese marco expresan que diversos temas motivan el análisis de la suspensión de Venezuela entre ellos, “la preocupante situación derivada del reciente proceso eleccionario; la golpiza sufrida por diputados opositores al régimen gobernante, la persecución a los medios de prensa críticos, y las denuncias de severas violaciones a los derechos humanos por parte del régimen gobernante”.

Por ello entienden que “los eventos indicados podrían determinar que el gobierno de Venezuela “no está cumpliendo con la cláusula democrática establecida por el Protocolo de Ushuaia, norma de obligatorio cumplimiento para los estados miembros del MERCOSUR, y para los estados que, como es el caso de Venezuela, se encuentran en proceso de incorporación a dicho bloque”.

Asimismo, piden el “levantamiento de la suspensión del derecho a participar de los órganos del MERCOSUR, y de las deliberaciones, que pesa sobre Paraguay”.

Fonte: <http://www.lr21.com.uy/politica/1103217-convocan-al-parlasur-para-acelerar-ingreso-de-paraguay-al-mercosur-y-suspender-a-venezuela>